

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A PRESERVAÇÃO DO CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE COMO  
PATRIMÔNIO PARA MACEIÓ/AL.**

Regina Barbosa Lopes Cavalcante

Maceió  
2013

Regina Barbosa Lopes Cavalcante

**A PRESERVAÇÃO DO CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE COMO  
PATRIMÔNIO PARA MACEIÓ/AL.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Josemary Omena Passos Ferrarre**

Maceió  
2013

I

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
**Bibliotecária Responsável: Fabiana Camargo dos Santos**

C376p

Cavalcante, Regina Barbosa Lopes.

A preservação do cemitério Nossa Senhora da Piedade como patrimônio para Maceió-AL / Regina Barbosa Lopes Cavalcante. – 2013.

138 f. : il.

Orientadora: Josemary Omena Passos Ferrare.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo : Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2013.

Bibliografia: f. 129-135.

Apêndices: f. 136-138.

1. Arte funerária. 2. Cemitério – Preservação. 3. Patrimônio artístico.  
4. Cemitério – Gestão urbana. I. Título.

CDU: 726.8

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

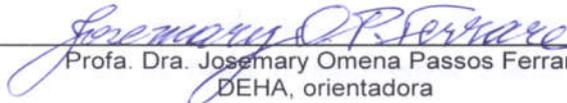
**Regina Barbosa Lopes Cavalcante**

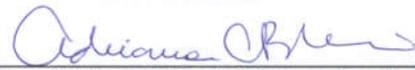
**CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE: A ESTÉTICA E O SIMBOLISMO DA ARTE  
FUNERÁRIA E SUA SIGNIFICÂNCIA COMO PATRIMÔNIO PARA MACEIÓ.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

APROVADA EM 05 / 08 /2013

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Josemary Omena Passos Ferrare  
DEHA, orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Adriana Capretz Borges da Silva Manhas  
DEHA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Augusto Aragão de Albuquerque  
DEHA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Renato Cymbalista  
USP, Examinador externo

## ERRATA

<b>FOLHA</b>	<b>LINHA</b>	<b>ONDE SE LÊ:</b>	<b>LEIA-SE:</b>
3	(TÍTULO)	Cemitério nossa senhora da piedade: a estética e o simbolismo da arte funerária e sua significância como patrimônio para Maceió.	A preservação do Cemitério Nossa Senhora da Piedade como patrimônio para Maceió/AL.



## AGRADECIMENTOS

Desafio tão grande quanto escrever essa dissertação foi utilizar apenas duas páginas para agradecer às pessoas que fizeram parte dessa trajetória.

Gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus por todas as alegrias, pela cura e pela força que me concedeu, para conseguir chegar até aqui.

Muito em especial, desejo agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Josemary Omena Passos Ferrare, pela sua atenção, disponibilidade e paciência, bem como por seus ensinamentos, me guiando e estimulando, dividindo seu inestimável saber ao longo destes anos de trabalho, assim como pelas críticas, correções e sugestões relevantes feitas durante a orientação.

Agradeço também aos professores do DEHA e a secretária Larisse, em especial à Professora Doutora Adriana Capretz e ao Professor Doutor Augusto Aragão por contribuírem na melhoria desta dissertação, bem como à Professora Doutora Cybelle Salvador Miranda (UFBA) que infelizmente não pode acompanhar a finalização do mesmo.

Agradeço ao Professor Doutor Renato Cymbalista pela disponibilidade e ensinamentos a partir do seu livro, visto que foi o primeiro que tive acesso, sendo este a base de todos os meus conhecimentos quanto ao tema, tendo maior satisfação em tê-lo como membro da banca.

À minha mãe, Ruth, e meu pai, Rebert, por acreditarem em mim e estimularem sempre a progredir nos meus ensinamentos, bem como por me acompanharem nas visitas em campo e primarem pela minha educação.

Às minhas irmãs, Doutoranda Rachel e Doutoranda Rosane, também pelos estímulos, que mesmo distantes fisicamente, se fizeram diariamente presentes na minha vida.

Ao meu noivo, Djair, por compreender os momentos de ausência e pela paciência, como também por me incentivar e ajudar no decorrer de todo o mestrado.

À minha família e a família do meu noivo pela motivação, valorização e incentivo, em especial à tia Michéle por suas horas perdidas corrigindo esta dissertação, à minha prima Malu e à minha prima Camila pelas traduções.

Às minhas amigas e amigos pelos momentos de descontração necessários entre uma pausa e outra da elaboração da dissertação.

Agradeço também à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas - FAPEAL, pelo apoio financeiro e pelo interesse sobre o tema aqui dissertado.

Por fim, agradeço a todos os administradores e funcionários dos cemitérios maceioenses; aos funcionários do Departamento de Cemitérios da SMCCU; os padres e funcionários das igrejas visitadas e ao arquiteto Mário Aloísio pela disponibilidade.

Mais uma vez, a todos os meus sinceros agradecimentos.

"Ao buscarmos compreender a cultura de um povo podemos partir do conhecimento de seus singulares componentes ou tentar um apanhado global do seu estilo, [...] [e assim] conseguimos aproximar-nos do núcleo de costumes que explicam as peculiaridades de cada sociedade."

AZEVEDO, Thales

## RESUMO

A preocupação em sepultar os mortos e os rituais funerários surgiu desde a Pré-História, podendo variar de acordo com o costume e a religião de cada povo. Esse costume pode fazer da morte um momento de tristeza ou alegria, mas independente dos sentimentos que tomam conta dos parentes e amigos a tentativa de perpetuar as lembranças do ente querido está sempre em primeiro plano. Apesar do tabu que ainda existe ao tratar sobre o tema, o mesmo é de fundamental importância para o estudo da sociedade e da evolução urbana, já que está tratando da cidade dos mortos: a necrópole. São nesses espaços cemiteriais, que assim como as metrópoles, o homem sente a necessidade de expor seus gostos e necessidades a partir da arquitetura, e em alguns casos, procuram sobressair entre os demais, contando com a exuberância da arte funerária que sempre está presente nos túmulos, principalmente das famílias mais abastadas. Esta dissertação apresenta um estudo sobre os cemitérios maceioenses, até chegar a uma análise mais precisa do que se conhece e vivencia atualmente, a partir das visitas aos cemitérios e igrejas de Maceió; registros fotográficos e estudos em diversos livros, artigos e publicações sobre este assunto tendo por objetivo estudar a arte funerária presente nos túmulos do Cemitério Nossa Senhora da Piedade, localizado no bairro do Prado, e sua importância como patrimônio. Busca também alertar a população e gestão pública do município de Maceió sobre a relevância do acervo artístico funerário, e a decorrente importância de vir a ser reconhecido como bem patrimonial do estado e ser mantida a conservação destes túmulos para a cidade de Maceió, pois os mesmos fazem parte da história e cultura da sociedade local.

**Palavras-chave:** Arte funerária. Cemitério. Patrimônio.

## ABSTRACT

The concern in burying the dead and the death rituals exist since the prehistory, it may vary depending on each people's habits and religions. This habit might perform death as a moment of sadness or joy, but regardless of the feelings that take over the relatives and friends, the attempt to perpetuate the memories of the loved beings is always a priority. Despite the taboo that still exists when approaching the theme, it is of extreme importance for the study of society and urban evolution, once it is concerning the city of dead: the necropolis. In this funeral spaces, which is similar to the metropolis, the man feels the need to expose his likes and needs through architecture, and in some cases, he tries to exceed himself among the others, using the profusion of the funerary art, always present in the graves, particularly within the richest families. This thesis introduces a study about cemeteries in Maceió, until it gets to a more precise analysis of what it is known and seen currently, from the visitation of cemeteries and churches in Maceió; photographic records and the study of several books, articles and papers about this subject, with the purpose of studying the funerary art existing in the graves of Nossa Senhora da Piedade Cemetery, located in Prado neighborhood, and its hierarchy. It is also intended to alert the population and the city public management about the relevance of the funerary art collection, and the arising importance of being recognized as a state heritage and that the conservation of these graves is maintained to the city of Maceió, because they are part of the history and culture of the local society.

**Keywords:** Funerary art. Cemetery. Heritage.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Menir.....	19
Figura 02- Dólmen.....	19
Figura 03- Dólmen – Stonehenge.....	19
Figura 04- Interior do dólmen de Menga.....	19
Figura 05- Entrada do túmulo de Tutankhamon.....	22
Figura 06- Pintura mural no túmulo de Tutankhamon.....	22
Figura 07- Deus Anúbis.....	23
Figura 08- Deus Osíris.....	23
Figura 09- Grupo de carpideiras presentes no túmulos de Ramesés.....	23
Figura 10- Pintura do mausoléu de Halicarnasso.....	27
Figura 11- Ruínas do mausoléu de Halicarnasso.....	27
Figura 12- Pintura na catacumba de São Marcelino e São Pedro – Roma.....	28
Figura 13- Pintura na catacumba de Domitila – Roma.....	28
Figura 14- Catacumba – Roma.....	29
Figura 15- Cripta dos papas na catacumba de São Calixto.....	29
Figura 16- Relevo na catacumba de Domitila mostrando o julgamento de Pilatos – Roma.....	30
Figura 17- Portada Ocidental da Catedral de Notre-Dame – Paris.....	32
Figura 18- Túmulo da Família Scaligeri – Verona.....	33
Figura 19- Arcossólio – Alemanha.....	33
Figura 20- Os <i>Pleurant</i> – Sepulcro de Filipe Pot – Paris.....	34
Figura 21- Cemitério dos Inocentes – Paris.....	34
Figura 22- Túmulo do Papa Júlio II – Roma.....	36
Figura 23- Túmulo de Giuliano de Medici – Roma.....	36
Figura 24- Túmulo de Henrique VII – Inglaterra.....	36
Figura 25- Detalhe do túmulo de Henrique VII.....	36
Figura 26- Baldaquim sobre o túmulo de São Pedro – Roma.....	38
Figura 27- Túmulo do Papa Urbano VIII.....	38
Figura 28- Descoberta de ossadas humanas no piso da Igreja do Convento Franciscano de Santa Maria Madalena - Marechal Deodoro.....	39
Figura 29- Cripta sob a Igreja do Convento Franciscano de Santa Maria Madalena – Marechal Deodoro.....	39
Figura 30- Capela de Nossa Senhora dos Aflitos – São Paulo.....	41
Figura 31- Túmulo capela.....	43
Figura 32- Túmulo simples.....	43
Figura 33- Cemitério da Vila Nova Cachoeirinha – São Paulo.....	43
Figura 34- Cemitério jardim - Cemitério Parque das Acácias, João Pessoa.....	44
Figura 35- Cemitério Vertical - Cemitério São Miguel e Almas, Porto Alegre.....	44
Figura 36- Cemitério de Vila Formosa – São Paulo.....	45
Figura 37- Projeto do Cemitério de Vila Formosa - São Paulo.....	45
Figura 38- Escultura em mármore.....	47
Figura 39- Escultura em bronze – Cemitério do Bonfim, Belo Horizonte.....	48
Figura 40- Túmulo da Família Matarazzo – São Paulo.....	49
Figura 41- Morte no quarto da doente – Edward Munch (1895).....	51
Figura 42- Mausoléu do Primeiro Imperador Qin (Exército de Terracota), China.....	53
Figura 43- Taj Mahal, Índia.....	53
Figura 44- Necrópoles etruscas de Cerveteri, Itália.....	54
Figura 45- Necrópole Rochosa de Pantalica, Itália.....	54
Figura 46- Portão do Cemitério de Arês - Arês, RN.....	55
Figura 47- Cemitério Nossa Senhora da Soledade - Belém, PA.....	55

Figura 48- Mapa da Evolução Urbana 1600-1800.....	57
Figura 49- Localização do Cemitério Britânico, 1841.....	59
Figura 50- Localização das igrejas e cemitérios, 1859.....	62
Figura 51- Igreja de Santo Antônio de Pádua.....	64
Figura 52- Riacho Doce e a Igreja de Nossa Senhora da Conceição.....	64
Figura 53- Localização dos Cemitérios de Maceió até 1860.....	65
Figura 54- Igreja de Nossa Senhora do Ó – Localização dos arcosólios na lateral da capela.....	66
Figura 55- Igreja de Nossa Senhora do Ó – Localização dos arcosólios na lateral da capela. ....	66
Figura 56- Mapa da Evolução Urbana 1960.....	67
Figura 57- Mapa da Evolução Urbana 1980 e localização do Campo Santo Parque das Flores.....	68
Figura 58- Mapa da localização dos cemitérios atuais na cidade de Maceió.....	69
Figura 59- Uso do solo de trecho próximo aos cemitérios do bairro do Prado.....	71
Figura 60- Túmulo de Dom Adelmo Machado na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Centro.....	72
Figura 61- Ossuário presente nos fundos da Igreja de São Benedito, Centro.....	73
Figura 62- Ossuário da Igreja de N. S. do Rosário dos Pretos, Centro.....	73
Figura 63- Entrada do Cemitério Nossa Senhora Mãe do Povo, Jaraguá.....	76
Figura 64- Capela do Cemitério N. S. Mãe do Povo, Jaraguá.....	77
Figura 65- Modelo de túmulo mais utilizado no cemitério de Jaraguá.....	77
Figura 66- Capela do Cemitério N. S. da Piedade, Prado.....	78
Figura 67- Jazigos e arcosólios presentes no muro do cemitério.....	78
Figura 68- Entrada do Cemitério São Luiz, Santa Amélia.....	79
Figura 69- Túmulo de José Brito Lisboa.....	79
Figura 70- Vista geral do Cemitério Santo Antônio, Bebedouro.....	80
Figura 71- Túmulo da Família Ether (1906).....	80
Figura 72- Vista do Cemitério Santa Luzia, Riacho Doce.....	81
Figura 73- Ossuário presente nos fundos do Cemitério Santa Luzia, Riacho Doce.....	81
Figura 74- Vista geral do Cemitério São José, Prado.....	81
Figura 75- Capela do Cemitério São José, Prado .....	81
Figura 76- Vista panorâmica da praia de Ipioca pelo cemitério.....	82
Figura 77- Cruzeiro – Cemitério Nossa Senhora do Ó, Ipióca.....	82
Figura 78- Igreja e Cemitério Divina Pastora, Rio Novo.....	83
Figura 79- Vista geral do Cemitério Divina Pastora, Rio Novo.....	83
Figura 80- Lápide em granito.....	84
Figura 81- Entrada do Campo Santo Parque das Flores, Canaã.....	84
Figura 82- Bloco Principal do Memorial Parque Maceió, Benedito Bentes.....	85
Figura 83- Jazigos.....	85
Figura 84- Cova rasa – Cemitério São José, Prado.....	86
Figura 85- Cova rasa para indigentes – Cemitério Divina Pastora, Rio Novo.....	86
Figura 86- Sepultura tipo carneirinho – Cemitério São José, Prado.....	86
Figura 87- Jazigos onde os caixões são colocados na transversal – Cemitério Nossa Senhora da Piedade, Prado.....	87
Figura 88- Jazigos onde os caixões são colocados na longitudinal – Cemitério Nossa Senhora da Piedade, Prado.....	87
Figura 89- Jazigo dos Ex-combatentes do Exército da II Guerra Mundial – Cemitério Nossa Senhora da Piedade, Prado.....	87
Figura 90- Jazigo de lojas maçônicas e do Sindicato dos Policiais Cíveis – Cemitério Nossa Senhora da Piedade, Prado.....	87

Figura 91- Estrutura pré-moldada para dois caixões – Cemitério Parque das Flores, Canaã.....	88
Figura 92- Ilustração do corte longitudinal da estrutura pré-moldada.....	88
Figura 93- Túmulo de Justina S <sup>a</sup> Torres e sua família (1898) – Cemitério Nossa senhora Mãe do Povo, Jaraguá.....	89
Figura 94- Ossário – Cemitério Nossa Senhora da Piedade, Prado.....	89
Figura 95- Túmulo de Carolina de Sampaio Marques – “Capa Preta” – Cemitério Nossa da Piedade, Prado.”.....	90
Figura 96- Túmulo do menino Petrócio Correia – Cemitério São José, Prado.....	90
Figura 97- Panteão – Praça Afrânio Jorge, Prado.....	91
Figura 98- Foto interna do Panteão sendo utilizado como moradia, Prado.....	91
Figura 99- Túmulo utilizado como dormitório pelo coveiro Genildo.....	92
Figura 100- Multidão no cortejo fúnebre de Muniz Falcão.....	94
Figura 101- Féretro carregado pela população.....	94
Figura 102- Trajeto do cortejo de Muniz Falcão da Igreja de Nossa Senhora das Graças ao Cemitério Nossa Senhora da Piedade.....	94
Figura 103- Localização do Cemitério Nossa Senhora da Piedade no bairro do Prado.....	96
Figura 104- Ossário de Antônio D’Andrade e a caldeirinha.....	98
Figura 105- Planta esquemática da capela de Nossa senhora da Piedade.....	99
Figura 106- Altar-mor com a imagem de Nossa Senhora da Piedade.....	100
Figura 107- Altar com a imagem de Santa Terezinha.....	100
Figura 108- Altar com a imagem do Sagrado Coração de Jesus.....	100
Figura 109- Imagem da Virgem Maria.....	100
Figura 110- Detalhe da fachada principal da capela.....	101
Figura 111- Pinha.....	102
Figura 112- Vaso português.....	102
Figura 113- Mausoléu oficial.....	103
Figura 114- Capela.....	103
Figura 115- Planta esquemática do Cemitério Nossa Senhora da Piedade com indicação da localização de túmulos com destaque na concepção artística.....	105
Figura 116- Anjos representados pela figura de crianças presentes no altar construído em cima do túmulo de Olindina M. Velozzo (1906).....	107
Figura 117- Túmulo capela em estilo neogótico de Pedro de Almeida (1922).....	107
Figura 118- Túmulo da Família Mendonça (1902).....	108
Figura 119- Túmulo no estilo de obelisco ou torre de João de Almeida Monteiro (1870).....	109
Figura 120- Túmulo da Família Almeida Guimarães (1892).....	110
Figura 121- Túmulo da Família Teixeira Bastos (1918).....	111
Figura 122- Detalhe do túmulo da Família Teixeira Bastos.....	111
Figura 123- Detalhe do túmulo da Família Teixeira Bastos.....	112
Figura 124- Túmulo de Manoel Gomes Machado (1941).....	113
Figura 125- Escultura no túmulo de Mario Ferreira.....	113
Figura 126- Túmulo de Francisa Brandão (S.d.).....	114
Figura 127- Escultura no túmulo de Francisa Brandão.....	114
Figura 128- Jazigo revestido em mármore com escultura de um anjo.....	115
Figura 129- Jazigos revestidos de cerâmica e de argamassa de cimento.....	115
Figura 130- Túmulo do Governador Muniz Falcão.....	115
Figura 131- Túmulo de Linda Mascarenhas.....	115
Figura 132- Túmulo de Antônia Porcina de Moraes Jambeiro (1894).....	116
Figura 133- Túmulo abandonado.....	117
Figura 134- Túmulo enferrujado.....	117

Figura 135- Lustre presente na capela.....	118
Figura 136- Poste.....	118

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1. A INFLUÊNCIA DA CULTURA E DA RELIGIÃO NOS TIPOS DE SEPULTAMENTOS</b> .....	17
1.1 A CIDADE DOS MORTOS ANTECEDE A DOS VIVOS.....	17
1.2 CONSERVAR O CORPO MATERIAL PARA ETERNIZAR O IMATERIAL.....	20
1.3 A ANTIGUIDADE PAGÃ E O CRISTIANISMO DAS CATACUMBAS.....	24
1.4 TEMOR À MORTE CONDUZ A PASSAGEM PARA O OUTRO MUNDO.....	31
1.5 A NOVA LINGUAGEM CLÁSSICA REFERENCIA A ARTE TUMULÁRIA.....	34
1.6 A CONVERSÃO AO CATOLICISMO E A EMOÇÃO NA ARTE FUNERÁRIA.....	37
1.7 NAS TERRAS DO ALÉM MAR: INFLUÊNCIAS EUROPEIAS NOS SEPULTAMENTOS.....	38
1.8 PODER OU SAÚDE? A PROIBIÇÃO DOS SEPULTAMENTOS NAS IGREJAS E A CONSTRUÇÃO DA "ÚLTIMA MORADA".....	41
<b>1.8.1 A última morada: diferentes tipos de cemitérios</b> .....	43
1.9 O ESPLendor DA ARTE FUNERÁRIA TRAZIDA PELOS NAVIOS.....	47
1.10 A MORTE DE ONTEM E DE HOJE: AS MODIFICAÇÕES OCORRENTES.....	49
<b>1.10.1 Os testamentos</b> .....	50
<b>1.10.2 Práticas sobre o lamento da dor da morte: o luto e os cortejos</b> .....	51
1.11 IDENTIDADE E VALORIZAÇÃO DO PASSADO: A IMPORTÂNCIA DOS CEMITÉRIOS COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO.....	53
<b>2. MACEIÓ: NASCE UMA CIDADE E SEUS CEMITÉRIOS</b> .....	57
2.1 AS IGREJAS E SEUS OSSÁRIOS.....	72
2.2 CEMITÉRIOS: ANTIGOS OU NOVOS, MAS EXISTENTES.....	74
<b>2.2.1 Cemitério Nossa Senhora Mãe do Povo</b> .....	75
<b>2.2.2 Cemitério Nossa Senhora da Piedade</b> .....	77
<b>2.2.3 Cemitério São Luiz</b> .....	78
<b>2.2.4 Cemitério Santo Antônio</b> .....	79
<b>2.2.5 Cemitério Santa Luzia</b> .....	80
<b>2.2.6 Cemitério São José</b> .....	81
<b>2.2.7 Cemitério Nossa Senhora do Ó</b> .....	82
<b>2.2.8 Cemitério Divina Pastora</b> .....	83
<b>2.2.9 Campo Santo Parque das Flores</b> .....	84
<b>2.2.10 Memorial Parque Maceió</b> .....	85
2.3 CLASSIFICAÇÃO DOS TÚMULOS.....	85
2.4 LENDAS E CRENÇAS.....	89
2.5 CURIOSIDADES DO MUNDO DOS MORTOS EM MACEIÓ.....	91
2.6 OS GRANDES CORTEJOS FÚNEBRES EM MACEIÓ.....	92
<b>3. O CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE COMO PATRIMÔNIO PARA MACEIÓ</b> .....	96
3.1 UM CEMITÉRIO E O CONTAR DE SUA HISTÓRIA.....	97
3.2 TIPOLOGIA E A CARACTERIZAÇÃO HIERÁRQUICA DAS CATACUMBAS.....	103
3.3 O ABANDONO DOS TÚMULOS É A PERDA DE IDENTIDADE.....	117
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	120
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	123

**APÊNDICE - Fotos dos túmulos presentes na imagem 119 não visualizados..... 128**

## INTRODUÇÃO

A morte ainda é um tabu para grande parte da sociedade. As pessoas evitam falar deste assunto, principalmente, quando tem que falar de algum ente querido. Mas é inevitável pensar na vida sem pensar na morte, visto que elas estão inteiramente ligadas, pois a única certeza que o ser humano tem em vida é que um dia irá morrer.

Interessante pensar que o tabu da morte fortalecido ao longo das últimas décadas, com novas formas de acolher o morto e de se despedir dele, também corresponde ao período de afirmação de ações e políticas que espalharam lugares e bens, chamados de patrimônios, para atender o que se pode chamar de “sede de história”. E, ao mesmo tempo em que se mantém o “passado”, os mortos ocupam novos lugares (CASTRO, 2010).

Este trabalho objetiva analisar a arte funerária de um dos cemitérios da cidade de Maceió, mostrando a importância da conservação do ‘antigo’ Cemitério Nossa Senhora da Piedade para a população local, já que o mesmo faz parte da história, da cultura, da política e da religião desta capital desde 1850. Paralelamente, analisa a história dos sepultamentos e a origem dos cemitérios em Maceió, estendendo-se a aspectos relevantes da própria história da cidade, sobretudo no que tange à sua relação com algumas igrejas católicas e com o surgimento de outros cemitérios que existiram e existentes. Também objetiva ressaltar a importância deste cemitério para a sociedade maceioense, pelas diversas informações históricas e pela estética tumular que contem e oferece à apreciação coletiva.

No decorrer deste trabalho foram realizadas revisões bibliográficas em livros, artigos, jornais, trabalhos publicados e documentações do Departamento de Cemitérios da SMCCU (*Superintendência Municipal de Controle do Convívio Urbano*), a fim de coletar dados sobre os sepultamentos, a tipologia dos cemitérios, a morte e o surgimento da arte funerária com o intuito de conhecer e identificar, através da história as influências nas construções dos túmulos na cidade de Maceió e a hierarquização existente nesta arte simbólica e documental.

As visitas realizadas aos cemitérios e às igrejas de Maceió tiveram o intuito de coletar dados sobre os mesmos, como também histórias peculiares que rondam o imaginário coletivo. Nestes locais foram realizados registros fotográficos a fim de catalogar e comprovar a acervo arquitetônico e artístico dos túmulos e a hierarquização presente no Cemitério Nossa Senhora da Piedade, verdadeiras expressões históricas e culturais.

O processo de coleta e sistematização de dados foi de fundamental importância para o estudo minucioso sobre o tema escolhido e com isso mostrar a importância desta arquitetura que muitos ainda não conhecem.

O tema dissertado, intitulado **“A PRESERVAÇÃO DO CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE COMO PATRIMÔNIO PARA MACEIÓ/AL”** foi dividido em três capítulos.

O capítulo intitulado **“A INFLUÊNCIA DA CULTURA E DA RELIGIÃO NOS TIPOS DE SEPULTAMENTOS”** apresenta a origem das necrópoles e os costumes de alguns povos em relação aos rituais funerários e aos sepultamentos contornados por fundamentos que ditaram as diferentes visões do sepultar, como também a mudança nos costumes dos sepultamentos a partir da Carta Régia de 1801, e o surgimento dos cemitérios. Ainda neste capítulo será apresentado os cemitérios, túmulos, lápides e outros, tombados pela UNESCO e pelo IPHAN, mostrando a importância da preservação das necrópoles e da arte funerária e sua significância como patrimônio.

Em seguida, o capítulo **“MACEIÓ: NASCE UMA CIDADE E SEUS CEMITÉRIOS”** discorre sobre os cemitérios de Maceió, suas influências na sociedade e marco na expansão da cidade, citando ainda algumas igrejas que ainda possuem sepulturas em seu interior, como também algumas que possuem ossuário. Este capítulo mostrará, em decorrência, as diversas tipologias de sepulturas existentes nos cemitérios de Maceió.

O último capítulo sob o título **“O CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE COMO PATRIMÔNIO PARA MACEIÓ”** agrupa os conteúdos adquiridos com as leituras e com as pesquisas em campo, mostrando a hierarquização da arte funerária na cidade de Maceió, a partir das tipologias dos túmulos e dos ornamentos, dos materiais e da grandiosidade dos mausoléus das famílias mais abastadas e a localização de alguns importantes túmulos.

Ainda neste capítulo será estudado o Cemitério Nossa Senhora da Piedade, que é um dos mais conhecidos cemitérios desta capital, por não ser considerado um cemitério de bairro, mas que atende a toda população maceioense e alagoana, e por também ser o cemitério que possui a maior diversidade da arte funerária em Alagoas, considerando-se, portanto, de extrema importância a sua conservação para a história deste Estado, por deter muitas das transformações ocorridas em torno dos sepultamentos e da arte funerária em seu acervo artístico, religioso e, por conseguinte, histórico de Maceió.

## 1. A INFLUÊNCIA DA CULTURA E DA RELIGIÃO NOS TIPOS DE SEPULTAMENTOS

A morte e todo o culto que se faz em volta dela são observados de diversas maneiras, mudando em cada civilização, por diferentes religiões, culturas e crenças. Notadamente o pós-morte, pode amenizar ou não a partida de um ente, de acordo com sua proximidade com a religião, ou seja, “quanto menos voltado para a religião menor é o medo do homem pela morte” (MEDEIROS, 2007, p.03). Na medida em que todo ser vivo morre, todo o ser humano tem certeza que um dia a sua morte virá.

Os túmulos são a última morada de cada um que na superfície da terra transcorre seus dias, e equivalem, portanto, ao espaço da desmaterialização do ser humano. Não se pode ignorar ou esquecer os túmulos como importantes referenciais na história, uma vez que foram registros de uma realidade vivida e experienciada pelo homem. Os túmulos e as necrópoles das grandes civilizações do passado também participaram do delinear dos espaços urbanos das cidades, assim como se tornaram *lócus* da produção do fazer artístico, e continuam no mesmo processo de interação urbana no contexto da contemporaneidade, embora buscando novas formas de espacialidade e imagética.

### 1.1 A CIDADE DOS MORTOS ANTECEDE A DOS VIVOS

Pode-se mesmo dizer que a relação estreita entre os temas “morte”, arte e arquitetura nasceu há muito tempo, ainda quando o homem iniciava o processo de conhecimento entre o mundo exterior e o seu mundo particular.

Na pré-história durante o período Paleolítico, os homens eram nômades e se abrigavam basicamente em cavernas, tendo muitas vezes que disputar estes abrigos com animais selvagens. Segundo Rezende (2007), foi nestes locais que os arqueólogos acharam diversas ossadas humanas, evidenciando que ao contrário dos vivos, os mortos já possuíam local fixo no espaço, fazendo com que a cidade dos mortos antecedesse à cidade dos vivos.

Enquanto o homem do período Paleolítico adaptava a sua vida ao ambiente,

a partir do Neolítico, o homem adapta o ambiente à sua vida, ocupando-se com intervenções [transformando a Terra, mas] de modo sistemático e não acidental [...]. [Essa ocupação contínua do espaço] tem como consequência imediata a construção de moradias e a delimitação dos espaços de uso (BENEVOLO, L.; ALBRECHT, B., 2002, p.38-42).

Neste período, o homem, segundo Cavalcanti (1981), não via mais o mundo como uma substância única, uma realidade só. Agora separa a imagem da realidade, distingue o visível do invisível, o mundo material do mundo espiritual, o corpo da alma.

O homem divinizava as forças da natureza e acreditava na vida após a morte. De acordo com Childe (1978, p. 108) eles enterravam seus mortos em túmulos construídos ou escavados, normalmente abastecidos de utensílios, armas e vasos para bebida e comida. Segundo Santos apud DeSpelder (p. 02, 2007), em muitos desses locais “arqueólogos encontraram evidências de tributo aos mortos com flores em locais de enterro datados da idade de bronze”, tendo também seus corpos pintados de vermelho ocre, [que simbolizava o sangue], e colocados “em uma postura fetal, sugerindo ideias sobre revitalização do corpo e renascimento”.

Surgiam assim os primeiros monumentos em pedra, “que eram monumentos tumulares e templos [...] onde já se observava o interesse pela forma” (RODRIGUES, 1997, p.20), pois segundo Benevolo e Albrecht (2002) eles já possuíam a capacidade de conhecer e modelar o território habitado.

Exemplos dessa arquitetura megalítica são: o menir<sup>1</sup> (Imagem 01) que disposto em conjuntos com outros, enfileirados, são chamado de alinhamentos (ex.: alinhamento de Carnac, França) e caso estiverem em círculos são chamados de cromeleque; e o dólmen<sup>2</sup> (Imagem 02) que disposto em círculo, assim como o menir, também é chamado de cromeleque (Imagem 03). O dólmen ou anta, além de ser um monumento destinado ao culto dos mortos (individual ou coletivo) poderia também referenciar o culto aos astros. Nestes espaços o homem era sepultado em posição fetal, com sua cabeça virada para o nascente, onde ficava a entrada do mesmo. “Com relação ao dólmen encontramos também o chamado túmulo de corredor, que consta de uma câmara funerária precedida de um corredor formado também por grandes pedras, evocando o modelo dos túmulos mesopotâmicos” (ANTÓN et al, 1995, p.24) (Imagem 04).

---

<sup>1</sup> Monobloco ou monólito, fincado verticalmente no solo.

<sup>2</sup> Uma mesa gigante formada por pedras, uma pedra horizontal apoiada sobre dois menires; chamando estruturalmente de sistema trilito.



Figura 01- Menir.

Fonte: <http://photos.igougo.com/pictures-photos-p61771-Menhir.html>, 2013.



Figura 02- Dólmen.

Fonte: <http://historia7eb23dduarte.blogspot.com/2007/11/anta.html>, 2013.



Figura 03- Dólmen – Stonehenge.

Fonte: [http://www.pretanicworld.com/Sacred\\_Sites.html](http://www.pretanicworld.com/Sacred_Sites.html), 2013.



Figura 04- Interior do dólmen de Menga.

Fonte: <http://antagrandezambujeiro.blogspot.com>, 2013.

Como já possuíam a intenção plástica<sup>3</sup> ao dispor os monumentos megalíticos e noção de estabilidade<sup>4</sup>, os homens da pré-história ergueram monumentos como forma de conservar a memória dos mortos e as suas crenças com uma construção inteligente, em que cada pedra está escorada na outra criando uma amarração.

<sup>3</sup> Segundo Benevolo e Albrecht (2002), o homem da pré-história já possuía referências às três dimensões do espaço – comprimento e largura para medir as superfícies horizontais, e altura para medir os desníveis, como também o uso frequente da simetria e das representações esculpidas e pintadas como acabamentos focais dos espaços arquitetônicos.

<sup>4</sup> Segundo Benevolo e Albrecht (2002), eles já observavam o peso e a gravitação em direção ao núcleo da Terra, que se exerce verticalmente, o que torna possível dar estabilidade a pilares, atingindo a capacidade de realizar alojamentos e construções duradouras, desafiando a estabilidade da paisagem natural.

## 1.2 CONSERVAR O CORPO MATERIAL PARA ETERNIZAR O IMATERIAL

Dentre essas inúmeras civilizações que surgiram, “ao longo da bacia do Nilo desenvolveu-se em épocas remotas à civilização egípcia que se configura com traços bem definidos” (ANTÓN et al, 1995, p.33) entre 3.200 a.C. e 100 a.C.

Os egípcios possuíam grande conhecimento em diversas áreas e sua arquitetura já apresentava grandiosas proporções. “Nobres, sacerdotes e faraós moravam em palácios extremamente luxuosos, mas a motivação maior para a arte e a arquitetura egípcia sempre foi a religião” (CALABRIA, MARTINS, 1997, p.35).

Eles eram politeístas e construíam templos monumentais para os deuses como homenagens. A crença na imortalidade da alma influenciou bastante na arte egípcia e nos tipos de sepultamentos, pois eles se preparavam durante toda a vida para que depois da morte fossem julgados pelo deus Osíris, e dependendo de como foi sua vida terrena, eles receberiam a recompensa da “vida eterna”. Com isso, sua alma retornaria a habitar o seu corpo. Na espera deste retorno da alma, os egípcios praticavam a mumificação, no intuito da preservação do corpo, colocando-o mumificado dentro dos sarcófagos e posteriormente nos túmulos.

Durante muitos anos a nobreza egípcia era sepultada dentro das mastabas, que eram túmulos com a forma de um tronco de pirâmide, construídas em tijolos de barro e que precederam a construção das pirâmides durante a primeira dinastia.

Segundo Antón (1995), foi na terceira dinastia o importante ministro e arquiteto do reino ImHotep teve a ideia de sobrepor às mastabas, dando-lhe a forma de pirâmide, substituindo também o barro pelas pedras, surgindo assim a primeira pirâmide do Egito, a do faraó Djoser, que redeu ao arquiteto a divinização. Seus sucessores aprimoraram a técnica e começaram a fazer projetos mais ousados e monumentais. As pirâmides que inicialmente foram em degraus começaram a ser revestidas por fora com uma face inclinada e reta.

A morte passou assim a ser traduzida na arquitetura com grandiosas e duradoras construções, simbolizando o eterno e eternos também deveriam ser seus corpos. Segundo REZENDE (2007, p.18), o destino dos corpos dos egípcios variava de acordo com a posição social. “A grande maioria da população era nas areias do deserto do Saara, [...] enquanto os faraós eram sepultados nas grandes pirâmides”. Isso ocorria porque no Egito existia uma hierarquia tendo um regime de governo teocrático, sendo o faraó considerado deus com poderes totais. “O sistema político da autocracia faraônica, a abundância de vassalos e de

escravos, facilitam a disposição da enorme mão de obra necessária” (ANTÓN et al, 1995, p.33) para a construção das pirâmides e dos templos.

As principais pirâmides do Egito são as de Kheops, Khefren e Mikerinos, todas correspondentes à 4ª dinastia e estão localizadas em Gizé, sendo uma das sete maravilhas do mundo antigo. Ambas possuem suas quatro faces correspondentes aos quatro pontos cardeais, orientando o observador; já a mais alta das pirâmides é a de Kheops, atingindo uma altura de 148,73m. Em algumas escavações também foram encontradas perto de algumas pirâmides outra de menor tamanho para a rainha, mãe ou filhos dos faraós.

Segundo Cavalcanti (1981), os egípcios contemplavam suas estátuas por conta dos seus sentimentos religiosos, era algo sagrado “como um corpo novo e duradouro, destinado a receber o espírito eterno do morto. Se a estátua fosse mutilada [...] o espírito do morto ficaria sofrendo no resto da eternidade”. Se a múmia fosse destruída, a alma sairia do corpo e ocuparia a estátua que não se quebraria com facilidade, já que era construída em sua maioria por pedras rijas e granito.

Dentro das pirâmides e outros palácios desenvolviam-se outros tipos de artes como as pinturas, os relevos e as anotações. Essas anotações são as escritas egípcias, os hieróglifos, que contavam histórias e “cenários das atividades que o morto tivera entre os vivos na terra – os seus trabalhos e prazeres, que a alma gostará de rever eternamente, com os seus olhos eternos” (CAVALCANTI, 1981, p.45)

Segundo Antón et al (1995, p. 36) “toda a construção está geralmente submetida ao desejo de garantir a inviolabilidade da câmara funerária, para evitar sobretudo a depredação pelos ladrões dos objetos com que se enterrava o cadáver”.

Dentro das pirâmides, os faraós contavam com o livro dos mortos (primeiro livro da humanidade), que era colocado no túmulo. Este mostrava “as passagens que o morto vai ter de encarar até a ressurreição” (REZENDE, 2007, p.18). Eles também eram sepultados com os enxovais funerários que preparavam para eles com objetos pessoais, como joias, alimentos, perfumes, vasos, estatuária e outros, pois eles acreditam que na nova vida estes objetos lhe seriam necessários.

Posteriormente, no segundo milênio a.C., por conta do “contínuo saque das antigas tumbas faraônicas e o alto custo de sua construção” (ANTÓN et al, 1995, p.39), os faraós começam a desenvolver um novo tipo de construção para substituir as pirâmides, surgindo assim o hipogeu<sup>5</sup> (Imagens 05 e 06), que eram escavações subterrâneas com cunho tumular. O mais famoso é o do faraó Tutankhamon (1338 a.C.), por ter sido descoberto

---

<sup>5</sup> Palavra de origem grega que significa debaixo da terra.

inviolado no nosso século, constituído por simples câmara retangular com paredes pintadas ou com relevos, sem que nenhum elemento exterior denunciasses a sua existência.



Figura 05- Entrada do túmulo de Tutankhamon.

Fonte: <http://picasaweb.google.com/lh/photo/dDKtCSYxtclYs-jCZwn1Tg>, 2013.

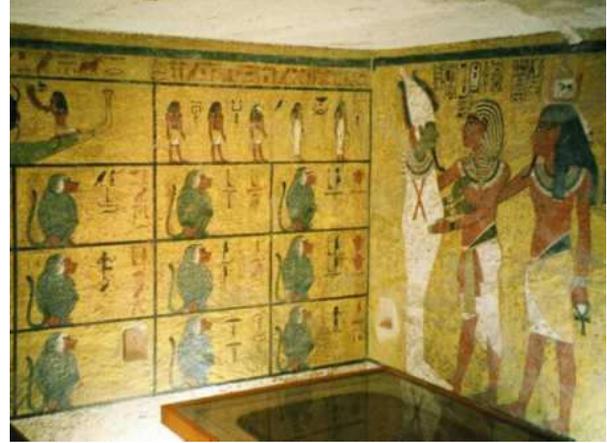


Figura 06- Pintura mural no túmulo de Tutankhamon.

Fonte: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/civilizacao-egipcia/tutankhamon-5.php>, 2013.

Durante a passagem para o outro mundo, os egípcios contavam com o deus Anúbis, antigo deus da morte e do submundo, conhecido também como deus do embalsamento após ser responsável pela mumificação de seu pai Osíris, a primeira múmia. Era também o guardião das tumbas, juiz dos mortos e guia das almas no pós-vida (SANTIAGO, 2013). Seu papel sempre foi muitas vezes confundido com o do seu pai Osíris, deus da vegetação e posteriormente foi concebido como deus do mundo subterrâneo, ficando responsável pelo julgamento dos mortos. Segundo Santiago (2007), Anúbis era responsável em levar o morto até Osíris, passando antes pela cerimônia de “pesagem do coração”, onde se colocava, na balança de Maet (deusa da justiça), o coração do morto de um dos lados e do outro uma pena; se o coração pesasse mais que a pena ele iria para o inferno. Segundo Garvão (2011), tanto o deus Anúbis (Imagem 07), quanto algumas pinturas do deus Osíris, eram representados na cor preta, esta cor estava relacionada à noite e à morte, podendo representar também a fertilidade e a regeneração. Em outras pinturas o deus Osíris (Imagem 08) poderia vir representado na cor verde que simbolizava a regeneração e a vida. Vale ressaltar que as cores que estavam estampadas nos painéis pictóricos e nos relevos egípcios não serviam apenas como função decorativa, elas estavam carregadas de simbolismo.

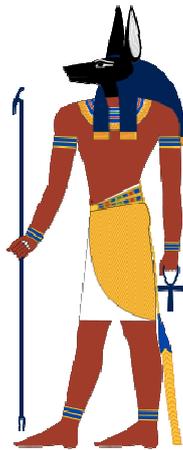


Figura 07- Deus Anúbis.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%BAbis>, 2013.



Figura 08- Deus Osíris.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Os%C3%A9ris>, 2013.

Foi também a partir destas pinturas, presentes nos túmulos egípcios, que pode se verificar a presença das carpideiras (Imagem 09). Embora não se saiba as origens dos ofícios das carpideiras, tem-se conhecimento que, “no Antigo Egito, o enterro era um acontecimento lúgubre e pitoresco ao mesmo tempo, que quantas mais carpideiras tivessem, mais elevado era a posição social do morto” (LOPES, 2007). Ainda segundo Lopes (2007) elas possuíam um diversificado leque de textos e cânticos, suplicando pela ressurreição espiritual do morto, narrando e cantando ao longo de todo cortejo fúnebre.

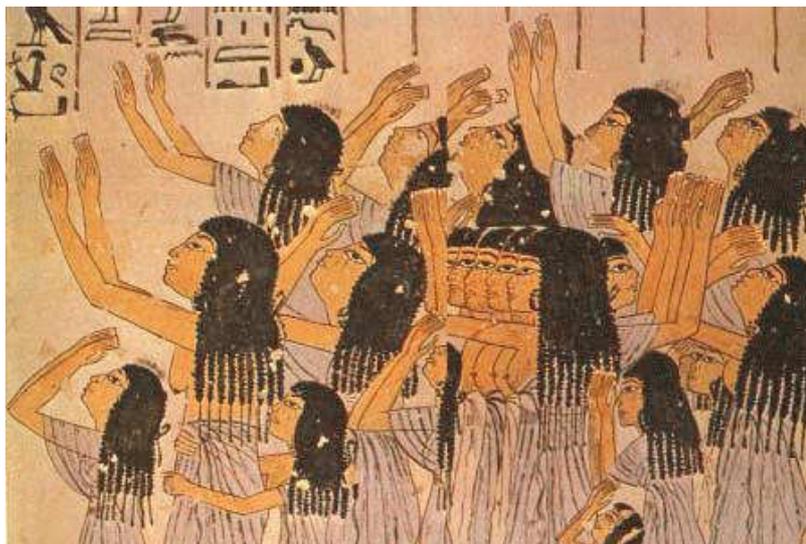


Figura 09- Grupo de carpideiras presentes no túmulo de Ramesés.

Fonte: <http://almocreve.blogs.sapo.pt/13129.html>, 2013.

A função das carpideiras se modificou na cultura romana, quando este ofício foi dividido em duas classes. Uma primeira conhecida como *Prefica*, que eram apenas pagas

para cantarem os louvores do morto, e a *Bustuária*, que seguia o morto até o momento da sua incineração, pranteando estridentemente. As carpideiras desta última classe depositavam suas lágrimas em pequenos vasos tubulares de vidro e recebiam o seu pagamento pela quantidade de líquido contido no cubo (Lopes, 2007).

### 1.3 A ANTIGUIDADE PAGÃ E O CRISTIANISMO DAS CATACUMBAS

A palavra cemitério, segundo Eduardo Rezende, tem origem do grego Koumetèrion,

que se referia ao local onde se dormia. Essa apropriação do termo ocorreu [muito tempo depois] pela Igreja Católica [...] onde os cristãos eram enterrados nos campos santos onde esperavam a ressurreição enquanto dormiam em sono profundo. (REZENDE, 2007, p.12)

A arquitetura grega era voltada principalmente para os templos destinados aos diversos deuses que eles cultuavam, para os quais rezavam e ofereciam sacrifícios, possuindo grande ligação religiosa com estes, já que havia muitas mortes por doenças, naufrágios, guerras, terremotos e partos.

Eles esperavam que a religião lhe fosse útil. Teria esperança de que suas orações e vigílias tornassem sua vida melhor naquele momento, e não no céu, depois da morte. De uma forma mágica, participar de cerimônias lhe dava poder. Fazendo as oferendas certas, eles obrigavam os deuses ou os espíritos misteriosos que viviam em lugares sagrados a ajudá-lo (MACDONALD, 1996, p.35).

Segundo Medeiros (2007), na Grécia Antiga havia a preferência pela cremação, não merecendo os cadáveres um tratamento especial. A cremação tinha como objetivo uma medida de higiene. Posteriormente, os gregos começam a sepultar os mortos acreditando na vida após a morte, encarando “a morte não como uma aniquilação do ser, mas como simples mudança de vida” (COULANGES, 2007, p.13), com isso não temiam a sua chegada.

De acordo com Coulanges (2007), tanto na Grécia quanto em Roma cada família possuía seu túmulo, onde os seus mortos repousavam juntos, um após outro. Eles acreditavam que as almas deveriam se fixar à morada subterrânea destinada a essa segunda vida sendo cobertos de terra, pois só assim desfrutariam da felicidade eterna.

A alma que não tivesse uma sepultura seria uma “alma errante”, sob forma de larva ou de fantasma. Esta alma, por não receber oferendas e alimentos que necessitava, vagaria pelo mundo atormentando os vivos, provocando doenças, devastando os campos, atormentando com aparições, ou seja, alertando aos vivos que necessitava de uma sepultura. Já os mortos que não deixassem filhos, não receberiam oferendas, ficando sujeitos à fome perpétua. Tal compreensão reforçava assim que não era apenas para a ostentação da dor que se realizava a cerimônia fúnebre, mas também para o repouso e a felicidade do morto, provocando assim o impedimento da sua proximidade com os vivos.

O corpo do morto era preparado cuidadosamente com “um vestuário especial, dispositivos metálicos para segurar a mandíbula, ornamentos como coroas de folha de ouro ou diademas, colares, botões metálicos para as vestimentas. O corpo devia ser também untado com óleos perfumados” (CAMARGO, SANTOS, KIRSCHBAUM, 2005, p.01). Assim como os egípcios, o morto era sepultado com diversos objetos pessoais e também com escravos e cavalos, pois eles também acreditavam que estes seriam necessários para atendimento do falecido na outra vida.

Próximos aos túmulos eram colocados vasos mortuários que possuíam inúmeros tipos de pintura, uma dessas pinturas mostrava “a famosa barca de Caronte, divindade encarregada de transportar para o mundo subterrâneo as almas daqueles que já haviam morrido. Nessas ocasiões, o morto aguardava com uma moedinha na mão para o pagamento da viagem” (CAMARGO, SANTOS, KIRSCHBAUM, 2005, p.01).

Ainda segundo Camargo (2005), nos túmulos gregos e romanos havia também uma espécie de cozinha destinada à imolação da vítima e ao cozimento da sua carne, sendo unicamente destinada ao uso do morto (em Roma, dava-se a este espaço o nome de *culina*). Havia também a presença de um altar para os sacrifícios, igual aos que tinham em frente aos túmulos dos deuses.

Também ocorriam cultos aos mortos e estes eram tidos como entes sagrados. Estes ritos ou culto à morte (ou aos mortos) eram preparados pela família, sendo apenas assunto entre os parentes, tendo na sepultura um lugar privado. Eles tinham pelos mortos “toda a veneração que o homem pode ter pela divindade a quem ama e teme” (COULANGES, 2007, p.21-26).

Aproximadamente no séc. V a.C., os gregos e os romanos, evoluem seus pensamentos em relação à morte, tornando sua antiga crença sobre a morte insustentável. Segundo Coulanges (2007), eles começam a interpretar a morte como aniquilamento total do ser ou como uma existência espiritual vivida em um mundo de almas, deixando de lado a hipótese em que os mortos vivessem nos túmulos junto à sua alma, alimentando-se de

oferendas. Assimilariam um conceito elevado de divindade, que lhes impediu a persistência da crença em que os mortos fossem divinos.

Nessa época, nos túmulos gregos, eram feitas indicações que refletiam os bens que os mortos possuíam em vida,

[...] mas nem sempre foi assim. No século V a.C., por exemplo, quando a democracia era a forma política predominante e quando o que era público era mais importante do que o privado, os túmulos individuais [eram] bastante simples, mesmo quando o cidadão enterrado era rico. Mas, os túmulos daqueles que haviam servido à pátria, ou seja, ao bem público - como os soldados - eram verdadeiramente monumentais (CAMARGO, SANTOS, KIRSCHBAUM, 2005, p.01).

Dentre os túmulos gregos, um se destacou, o mausoléu de Halicarnasso (Imagens 10 e 11). Construído no século IV a.C. nas praias do mar Egeu em Halicarnasso, atual Bodrum, Turquia. Idealizado “pela rainha Artemísia em honra de seu marido, o rei Mausolo, e construído pelos renomados arquitetos gregos Satyros e Pythios e o escultor Scopas” (RODRIGUES, 1977, p.82).

Construído “sobre uma grande base de 125m de perímetro e 50m de altura, o mausoléu organiza-se como um grande templo jônico períptero, rematado em forma de pirâmide escalonada coroada por uma quadriga” (ANTÓN et al, 1995, p.61). Em 1402, segundo Rodrigues (1977), o território foi invadido pelos cavaleiros de São João e o mausoléu foi destruído. Conquanto sobre este fato não se tem certeza, visto que alguns historiadores afirmam que o túmulo foi destruído por consequência de um terremoto entre os séculos XI e XV. Contudo este túmulo deu origem à palavra mausoléu, que é utilizada até hoje para identificar qualquer grande túmulo; e, por sua monumentalidade foi considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo.

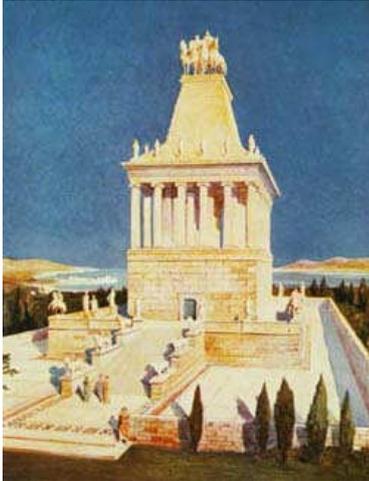


Figura 10- Pintura do mausoléu de Halicarnasso.

Fonte: [http://br.geocities.com/andreapons\\_pbi/site3.html](http://br.geocities.com/andreapons_pbi/site3.html), 2013.



Figura 11- Ruínas do mausoléu de Halicarnasso.

Fonte: [http://www.portalinho.com/info/Mausol%C3%A9u\\_de\\_Halicarnasso](http://www.portalinho.com/info/Mausol%C3%A9u_de_Halicarnasso), 2013.

Um dos costumes romanos era a incineração, que tinha “a função de salvar a alma e também de evitar a destruição do corpo pelos oponentes, que na sede de vingança de seus antepassados costumavam profanar as sepulturas” (REZENDE, 2007, p.13). As cinzas eram recolhidas em urnas funerárias e colocadas dentro de columbários, que eram “construções em cujos muros se abriam para tal fim fórnices ou nicho” (ANTÓN et al, 1995, p.73). Como existiam muitas guerras, alguns romanos cremavam os corpos dos falecidos, essa prática ficou conhecida como “corpos assados”. “Esse processo era semelhante à política da terra assada, usada em guerras modernas, onde tudo era destruído para o inimigo não utilizar” (REZENDE, 2007, p.13).

Com o nascimento de Jesus Cristo, a crença religiosa sobre a morte começa a mudar, e conseqüentemente, mudam também as práticas de sepultamento, marcando o início da era cristã. O povo que o seguia era perseguido e morto pelos romanos, e como eram proibidos de expressar sua arte e religião, os cristãos<sup>6</sup> pintavam nas paredes e nos tetos das catacumbas<sup>7</sup> (Imagens 12 e 13) símbolos e cenas de cunho religioso retratando passagens do Antigo e do Novo Testamento, dando início à arte cristã primitiva, sendo este tipo de sepultamento o que mais prevaleceu na civilização romana.

<sup>6</sup> Pessoas de várias origens unidas pela fé em Jesus Cristo.

<sup>7</sup> Segundo João Alberto (2007), a palavra catacumba é de origem grega e significa “cavidade, um vale aberto”.



Figura 12- Pintura na catacumba de São Marcelino e São Pedro – Roma.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pintura\\_da\\_Roma\\_Antiga](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pintura_da_Roma_Antiga), 2013.



Figura 13- Pintura na catacumba de Domitila – Roma.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pintura\\_da\\_Roma\\_Antiga](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pintura_da_Roma_Antiga), 2013.

Eram nesses locais que os romanos enterravam seus mortos a partir do século II até o século V. Eles “foram fortes elementos para o cristianismo, onde começaram as primeiras manifestações de arte religiosa” (REZENDE, 2007, p.19).

Como o cristianismo ainda era uma “religião proibida”, para proteger os restos mortais dos mártires cristãos, eles não eram sepultados em fossas comuns como os demais, e sim em catacumbas, onde corriam menos perigo de profanação. Tempos depois, estes locais se transformaram em centros de peregrinação, fazendo com que os cristãos comuns manifestassem o desejo de após a morte serem sepultados próximo aos restos dos mártires.

As catacumbas (Imagens 14 e 15) ficavam abaixo das estradas fora da cidade de Roma, atingindo vários quilômetros, correspondendo a labirínticas galerias subterrâneas à beira dos caminhos de acesso à cidade, já que estavam proibidas por lei dentro dela (ANTÓN et al, 1995, p.73)<sup>8</sup>.

[...] chamada desta forma por extensão da denominação que a princípio foi específica do cemitério romano de São Sebastião, situada num terreno baixo (ad catacumbas). O cemitério subterrâneo ou catacumba apresenta a seguinte disposição: uma série de galerias subterrâneas ou corredores (ambulacri), extremamente estreitos para aproveitar o terreno ao máximo, cujas paredes se destinam a abrir várias filas de lóculos – nichos – em sentido longitudinal (não em profundidade como nos nichos dos cemitérios atuais), em alguns dos quais aparecem os arcosólios para indicar que ali descansa o corpo de um mártir ou de um santo especialmente venerado. Estes corredores alargam-se de vez em quando formando uma pequena câmara (cubiculum ou cripta) para nela reunir algumas sepulturas destacadas [ou para famílias inteiras]. Em outros casos, o cubiculum encontra-se no final de uma galeria, com um banco comprido, como presidência, o assento para o bispo, o que indica que se realizavam [pequenas] reuniões comunitárias (ANTÓN et al, 1995, p.77).

<sup>8</sup> Os primeiros cristãos não podiam ser enterrados no interior das muralhas romanas e nem em seus cemitérios por conta de sua religião, pelo “temor da proximidade dos defuntos, e depois pela sanidade urbana” (MEDEIROS, 2007, p.03).

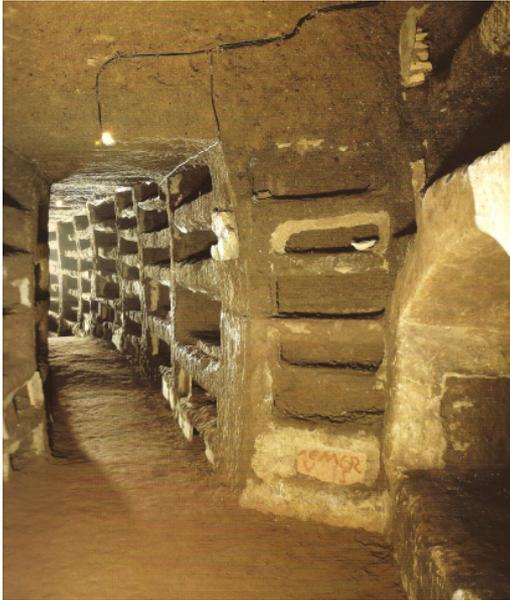


Figura 14- Catacumba – Roma.

Fonte: ATLAS do Extraordinário: Construções Fabulosas. Volume II. Madri: Ediciones Del Prado, 1995.

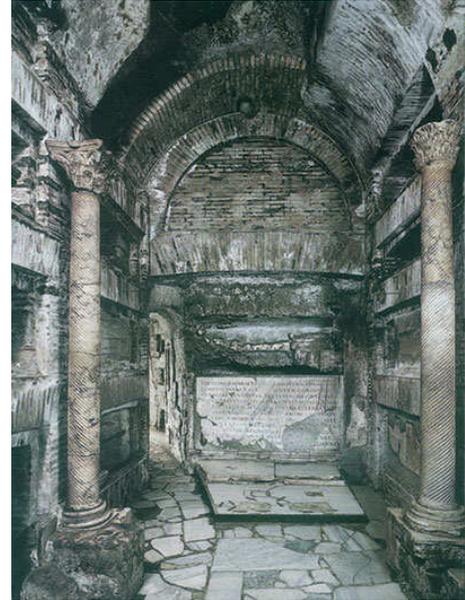


Figura 15- Cripta dos papas na catacumba de São Calixto.

Fonte: <http://www.pime.org.br/mundoemissao/culturaculcristaos.htm>, 2013.

Segundo o Atlas do Extraordinário (1995), o morto era envolvido por dois sudários de linho e colocados nos nichos, depois, estes eram fechados. Ao longo dos corredores existiam candeeiros de óleo, como também poços verticais abertos até a superfície para iluminação tanto artificial quanto natural.

No ano de 313 d.C., após o imperador Constantino ter-se convertido ao Cristianismo, decretou liberdade de culto, possibilitando a expansão religiosa cristã. Séculos depois, os romanos adotaram o Cristianismo como religião oficial, fato que pela importância marcou o término da sociedade antiga.

A arte que antes era proibida passa a ser utilizada sem restrições e exposta nas construções como os mausoléus e as basílicas cristãs. Nos túmulos dos fiéis mais ricos podem ser encontradas decorações com relevos (Imagem 16), perpetuando esta arte até meados do séc. VII.



Figura 16- Relevo na catacumba de Domitila mostrando o julgamento de Pilatos – Roma.

Fonte: <http://educacao.uol.com.br/artes/arte-paleocrista.jhtm>, 2013.

A igreja começou, então, a controlar toda a vida religiosa dos romanos desde o nascimento até o final de suas vidas, interferindo nos costumes fúnebres deste povo. O Cristianismo traria ainda outras inovações: a morte deixou de ser cultuada apenas pela família, tornando-se pública e administrada pelo clero, a alma passou a ter outra relação com a divindade: o temor aos deuses foi substituído pelo amor de Deus.

Os cristãos também acreditavam na ressurreição, havendo a preferência em inumar os mortos ao invés de incinerá-los, com “a ideia de que a terra onde recebia sepultura era sagrada” (ANTÓN et al, 1995, p.76), surgindo assim os primeiros cemitérios cristãos.

Já que de princípio eram poucos cristãos, sendo sua comunidade ainda reduzida, eles utilizavam os jardins situados na parte posterior das casas patrícias para sepultar seus mortos. Anos depois, com o aumento do número de mortos, surgiram os cemitérios públicos (primitivos cemitérios cristãos) cuja forma e disposição, a princípio, podem ser encontradas até os dias atuais.

Como não podiam ser realizadas reuniões próximas ao túmulo de um mártir, surgiram às celas *memoriae*, conhecidas como *martyrium*, que eram pequenas capelas exteriores que indicava que abaixo dela existia uma tumba importante, dando origem aos templos funerários.

Aos poucos, a igreja começa a trazer os mortos para dentro das cidades, realizando primeiramente os sepultamentos dentro das basílicas e catedrais e posteriormente nas igrejas, tendo como justificativa que dentro dos templos os corpos dos santos e dos mártires estariam protegidos “Também inseriu a ideia de que os santos ali enterrados trariam a salvação e perdão dos pecados aos mortos comuns também ali enterrados” (MEDEIROS, 2007, p.05).

Estes templos ou basílicas consistiam geralmente, de uma “câmara baixa retangular ou cruciforme, onde se encontram as tumbas ou tumba venerada, e uma câmara retangular a que se tem acesso do exterior e onde se celebra o culto” (ANTÓN et al, 1995, p.83).

Quando em 395 d.C. o Império Romano foi dividido em Império Romano do Ocidente, tendo Roma como capital, e o Império Romano do Oriente, com a capital Constantinopla – atual Istambul, estes impérios sofreram várias invasões, principalmente dos bárbaros, e em 476 d.C. o Império Romano do Ocidente foi completamente dominado, marcando o fim da Idade Antiga e o início da Idade Média; este limite entre épocas ficou conhecida como a queda do Império Romano do Ocidente.

#### 1.4 TEMOR À MORTE CONDUZ A PASSAGEM PARA O OUTRO MUNDO

A Idade Média constitui-se enquanto concepção de sociedade, tendo início ainda no séc. IV, estendendo-se por dez séculos, encerrando com a queda no Império Romano do Oriente em 1453 devido às invasões dos turco-otomanos em Constantinopla.

Devido à descentralização do poder e do declínio de grandes cidades, a população volta ao campo e a agricultura passa a ser a base política, social e econômica. As unidades do Império Romano desapareceram, e seu território deu origem aos novos feudos.

A Igreja passou a ser a instituição mais importante neste largo período da história da Europa, por conta da constante conversão dos bárbaros ao Cristianismo e em virtude da Igreja possuir muitas propriedades agrícolas. “O papa era reconhecido como autoridade máxima e a arte e a cultura eram dominadas pela Igreja” (CALABRIA; MARTINS, 1997, p.74).

Ressalta-se que ao longo de toda a Idade Média, a morte foi considerada um momento de transição do passageiro para o eterno. Portanto, a maior preocupação do homem nesta época não era mais com a morte em si, e sim com a salvação da alma. “A morte foi [...] desejada pelos guerreiros, aguardada pelos religiosos, temida por ser inesperada, a morte foi sentida como um rito de passagem para outro mundo, o Além” (COSTA, 2009, p.13).

A morte era uma grande cerimônia pública, um ritual compartilhado por toda a família. Os medievais sabiam de sua chegada, pressentiam sua vinda, tinham visões que anunciavam sua morte. Assim, tinham tempo para preparar seu ritual coletivo. Pois ninguém morria só. A morte era uma festa, momento máximo do convívio social (DUBY apud COSTA, 2009, p.02).

Segundo Quintino (2007), os cristãos manifestavam o desejo de uma “boa morte” e elegeram uma veneração específica para esta finalidade à Nossa Senhora da Boa Morte<sup>9</sup>, que vivia a ser cultuada. O termo “boa morte” era utilizado para os que morreriam com o auxílio da Igreja, recebendo o sacramento de extrema unção. O morto era vestido com mortalhas alusivas aos santos, tendo sempre a preferência de serem sepultados próximos aos lugares sagrados.

O homem da Idade Média possuía uma grande preocupação com o juízo final, o pós-morte e o que viria junto a ela; podendo ser observado relevos nas portadas das igrejas (Imagem 17) com figuras de animais e demônios, bem como cenas do Antigo e Novo Testamento, representando “as tormentas a que os pecadores, após a morte, seriam submetidos” (CALABRIA; MARTINS, 1997, p.77).



Figura 17- Portada Ocidental da Catedral de Notre-Dame – Paris.

Fonte: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos07/campos01.htm>, 2013.

Como na época havia pouquíssimos letrados, a Igreja mostrava nas pinturas e esculturas os ensinamentos religiosos, servindo a linguagem artística de instrumento didático<sup>10</sup>.

O estilo Românico era caracterizado pelo arco pleno e pela abóbada de aresta e de berço trazidas pela cultura construtiva romana. “Predominou até o início do século XII, quando surgiram as primeiras mudanças que mais tarde resultariam numa nova revolução na arquitetura” (CALABRIA, MARTINS, 1997, p.79), surgindo o estilo gótico, que trazia consigo leveza e delicadeza aprofundando o sistema construtivo românico, principalmente,

<sup>9</sup> Sobretudo no apogeu da fase barroca.

<sup>10</sup> No acervo da arte da Idade Média, dividida em dois grandes períodos ou estilos artísticos: o românico e o gótico, estão contidos vários símbolos e elementos marcantes que se estendem até os dias atuais, tanto da arquitetura das igrejas quanto na arte aplicada aos túmulos em todos os países com influência da colonização europeia, como o Brasil.

quanto à questão estrutural, que agora trabalhava a verticalidade excessiva devido ao desempenho do arco ogival, os pináculos, coruchéis, esculturas de anjos, etc.

Neste período, “os rituais funerários vão adquirindo significação social [...]. Os sepulcros, as capelas funerárias e demais realizações ampliam-se e ganham dignidade de monumentos” (BRACONS, 1992, p.47). O destino dos mortos era variado, podendo ser sepultados isoladamente em capelas funerárias, a exemplo dos túmulos dos santos ou no caso dos reis, normalmente em panteões; em monumentos fúnebres, parecido com os monumentos públicos, a exemplo do túmulo da família Scaligeri, em Verona (Imagem 18); como também sob arcossólios<sup>11</sup> nos interiores das igrejas (Imagem 19). Estes recorrentes em várias igrejas em diversos países.



Figura 18- Túmulo da Família Scaligeri – Verona.

Fonte: <http://www.eujafui.com.br/3164527-verona/fotos/>, 2013.



Figura 19- Arcossólio – Alemanha.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Externsteine\\_Torbogengrab.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Externsteine_Torbogengrab.jpg), 2013.

Em alguns túmulos, o morto mostrava-se presente sob forma de estátua, deitada sobre o sarcófago, como também em outras posições, podendo ser representado vivo, morto ou com aparência dormente. A estátua era vestida com trajes que o falecido usava durante a vida, e o túmulo em sua maioria possuía uma sobrecarga de elementos decorativos. Dentre os temas que decoravam estes túmulos, o mais encontrado segundo Bracons (1992) era o dos *pleurant* (Imagem 20), que eram figuras cobertas por uma túnica preta normalmente encapuzada que, ao agrupadas, formavam verdadeiros cortejos fúnebres.

<sup>11</sup> Os arcossólios são tipos de sepulturas com formato de nichos em arco integrados às paredes. Foram bastante utilizados nas catacumbas do período paleocristão.



Figura 20- Os *Pleurant* – Sepulcro de Filipe Pot – Paris.

Fonte: BRACONS, José. Saber ver a arte gótica. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992.

Segundo Fargette-Vissière (2009), o morto também era sepultado nos campos-santos<sup>12</sup>, quase sempre localizados na parte central dos feudos (Imagem 21). Este era um local de encontros, servindo para reuniões públicas e religiosas, assim como para o comércio, já que eram isentos de impostos. Esse costume durou até o fim da Idade Média, quando a Igreja passou a condenar quaisquer atividades que dessem outra finalidade aos cemitérios que não estivessem relacionados à morada dos mortos.



Figura 21- Cemitério dos Inocentes – Paris.

Fonte: [http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/os\\_animados\\_cemiterios\\_medievais\\_imprimir.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/os_animados_cemiterios_medievais_imprimir.html), 2013.

## 1.5 A NOVA LINGUAGEM CLÁSSICA REFERENCIA A ARTE TUMULÁRIA

Os comerciantes que possuíam bastante dinheiro investiam na arte com o intuito de ostentar o poder, empregando suas riquezas na produção de objetos artísticos. Estes nobres comerciantes buscaram trazer de volta a cultura clássica “e fazer ‘renascer’ (daí o

<sup>12</sup> A denominação Campo Santo se consolidaria referente a locais de sepultamento e até hoje é mantida em algumas cidades nos cemitérios mais antigos, como em Salvador – Brasil.

nome *Renascimento*) o esplêndido legado deixado pelos gregos e romanos à humanidade” (CALABRIA, MARTINS, 1997, p.92). Este movimento esteve bem forte (ou dominou) entre meados do século XIV até os fins do século XVI.

O artista da Renascença tinha o Humanismo como estudo e ciência, no que colocava o homem como centro do universo. Ele passa a questionar o poder e a centralização da Igreja e começa a dar mais valor a si mesmo expressando “suas ideias e sentimentos sem estar submetido à Igreja ou a outro poder” (CALABRIA; MARTINS, 1997, p.92). Seus artistas possuíam um estilo próprio e recebiam bem para produzir suas obras, tanto da Igreja, quanto de compradores particulares.

Este movimento teve início na Itália e se espalhou pelo continente europeu. Seu principal tema estava ligado à religião, e alguns artistas recebiam patrocínio papal, podendo ser encontradas diversas pinturas nos tetos e nas paredes das igrejas, retratando este foco temático. As esculturas foram bastante encomendadas para a decoração de túmulos de pessoas importantes que ali guardavam seu corpo material, sendo elas as primeiras manifestações artísticas tumulárias deste período. Expressavam formas perfeitas em composição de beleza ornamental, representando o homem de forma naturalista realista, trazendo para as esculturas seus traços físicos e anatômicos característicos.

Segundo Rodrigues (1977), os artistas da época achavam nos túmulos um campo ideal e ilimitado para dar vazão às suas criações, pois não precisavam se deter em questões de utilidade e construção. Começou-se a decorar os túmulos com diversos elementos, como rolos de pergaminho, coroas, folhagens de cupidos, entre outros, além das figurações humanas.

Dentre os artistas da época, Michelangelo era conhecido por sua inata devoção e habilidade para entalhar a pedra, correndo em suas veias a essência e o dom de dar vida à pedra quando assim materializava no mármore o ser representado. Algumas obras muito conhecidas foram às esculturas que ele elaborou para o túmulo do Papa Júlio II (iniciado em 1515 e concluído em 1547), localizando-se na Igreja de San Pietro in Vincoli – Roma (Imagem 22). Outros exemplos de túmulos executados por Michelangelo foram os de Giuliano de Medici (Imagem 23) e de Lorenzo de Medici ambos com início em 1520 e término em 1534, em Florença, na Capela dos Médici, localizada no interior da Basílica de São Lourenço, em Florença, Itália.



Figura 22- Túmulo do Papa Júlio II – Roma.

Fonte: [http://www.estig.ipbeja.pt/~pmmsc/ alunos/2004/a-cavaco/tumulo\\_Julio.jpg/](http://www.estig.ipbeja.pt/~pmmsc/ alunos/2004/a-cavaco/tumulo_Julio.jpg/), 2013.



Figura 23- Túmulo de Giuliano de Medici – Florença.

Fonte: <http://www.estig.ipbeja.pt/~pmmsc/ alunos/2004/a-cavaco/tumulo.jpg>, 2013.

Outro escultor bastante conhecido durante o período Renascentista que também trabalhava com a arte tumulária era Torrigiano, responsável em 1518 pela elaboração do túmulo de Henrique VII e sua esposa Margaret de Richmond (Imagens 24 e 25), na Abadia de Westminster em Londres, Inglaterra, com estátuas e detalhes em bronze dourado.



Figura 24- Túmulo de Henrique VII – Inglaterra.

Fonte: <http://www.artst.org/high-renaissance/misc/>, 2013.



Figura 25- Detalhe do túmulo de Henrique VII.

Fonte: <http://www.tudorplace.com.ar/aboutHenryVII.htm>, 2013.

Vale ressaltar que o Panteão<sup>13</sup> de Agripa, em Roma, construído em 27 a.C., no reinado do imperador Adriano com o objetivo de templo para cultuar diversos deuses, mudou seu uso a partir do Renascimento, sendo utilizado como túmulo para os italianos importantes da época, a exemplo do pintor Rafael Sanzio (VITALI, [S.d]).

## 1.6 A CONVERSÃO AO CATOLICISMO E A EMOÇÃO NA ARTE FUNERÁRIA

Por conta de várias mudanças ocorridas na época. Com a descentralização do poder, que antes era da Igreja, e o impacto trazido pela Reforma Protestante, surgiram adeptos ao protestantismo, e os cristãos católicos começaram a se fragmentar.

O Barroco surgiu no século XVII, na Itália, para reconquistar o prestígio da Igreja Católica que adotou novas iniciativas visando sua reafirmação, a exemplo da construção de novos templos, onde “arquitetos, escultores e pintores foram convocados para transformar igrejas em verdadeiras exposições artísticas, cujo esplendor tinha o propósito de converter ao catolicismo todas as pessoas” (CALABRIA; MARTINS, 1997, p.116). Estas igrejas eram cobertas por folhas de ouro, ostentando ainda mais seu poder, com diversos altares para adoração aos santos através de imagens e esculturas.

A arte denominada então por Barroca retrata temas religiosos, mitológicos e do cotidiano. Na escultura, as figuras passam a ter dinamismo nos movimentos e dramaticidade nas expressões, principalmente de sofrimento, sendo estas levadas aos túmulos de famílias imponentes, pois tinham como objetivo envolver emocionalmente as pessoas, entrelaçando a arquitetura com a escultura.

Dentre os artistas da época, Gian Lorenzo de Bernini destacou-se na arte funerária. Foi pintor, escultor e arquiteto, tendo como patrono o papa Urbano VIII, o qual encomendou diversas obras. Uma delas foi o baldaquim<sup>14</sup> sobre o túmulo de São Pedro (Figura 26), na Basílica de São Pedro, em Roma, construída entre 1624-33, considerado o primeiro monumento verdadeiramente barroco. Outra importante obra foi o túmulo do papa Urbano VIII (Figura 27) em 1628-47, localizado ao lado do altar da mesma basílica, sendo o mais fiel expoente da Igreja do Poder. Neste túmulo ele utilizou o bronze para as figuras do Papa e da Morte, o bronze dourado e o mármore preto no sarcófago e o mármore branco nas figuras alegóricas da Justiça e da Caridade, procurando dar, com os materiais empregados, majestade à figura humana.

<sup>13</sup> “Panteão” é um monumento para perpetuar a memória de homens famosos, e que, em geral, contém seus restos mortais.

<sup>14</sup> Segundo o Dicionário do Antiquariato (1968), baldaquim é uma cobertura de tecido estendida sobre o trono; que nas procissões é levada na mão, fixada em longas hastes, sobre o sacerdote que leva o Santíssimo ou as relíquias a que se rende honra.

Para os portugueses, este novo estilo artístico teve grande avanço com a descoberta de ouro no Brasil, em 1681, sendo este estilo, posteriormente, empregado em terras brasileiras, sobretudo pelo artista e arquiteto Aleijadinho, em meados do século XVIII.



Figura 26- Baldaquim sobre o túmulo de São Pedro – Roma.

Fonte: [http://oglobo.globo.com/blogs/arquivos\\_upload/2009/01/129\\_1423-baldaquim.jpg](http://oglobo.globo.com/blogs/arquivos_upload/2009/01/129_1423-baldaquim.jpg), 2013.

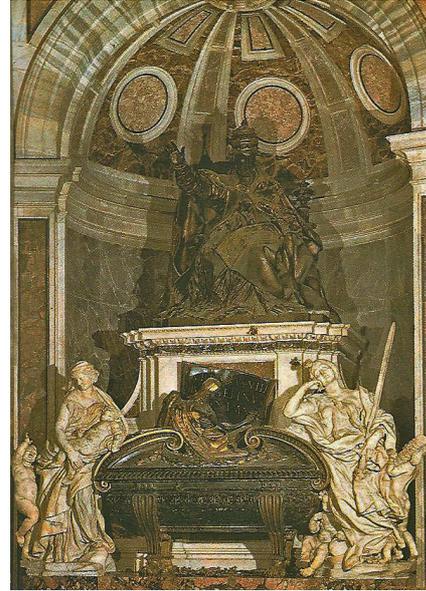


Figura 27- Túmulo do Papa Urbano VIII.

Fonte: TRIADÓ, Juan-Ramón. Saber ver a arte barroca. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1991.

## 1.7 NAS TERRAS DO ALÉM MAR: INFLUÊNCIAS EUROPEIAS NOS SEPULTAMENTOS

Os índios que aqui viveram acreditavam que da “carne à carne”. Esta era a forma de encarar a morte, segundo os índios Tupis e essencialmente índios de outras tribos. Segundo Méro apud Lima Junior (198-, p.08), reportando-se aos Caetés que povoavam parte do litoral do nordeste do Brasil; quando algum deles falecia,

[...] repartia-se a carne do defunto entre parentes e amigos que a assavam e comiam. Aos ossos consumiam-nos em ocasiões cerimoniais, pulverizados e misturados com água e farinha de mandioca. O corpo do principal podia ser comido somente por suas esposas e gente de igual categoria, ao passo que o de criança nati-morta serviria de alimento à própria mãe.

Já no Brasil Colonial, o ritual funerário como também a linguagem artística tornou-se influenciado pelos cânones da Igreja Católica. De acordo com Borges (2002, p.23) “as atividades sociais estavam relacionadas com os eventos religiosos, inseridos nos costumes

da população local [...], e a igreja responsabilizava-se pelo registro dos nascimentos, dos casamentos e dos óbitos”.

A sequência da organização espacial mostra a cronologia do ciclo, a criança para entrar na igreja precisava passar pelo batistério, depois de batizada e torna-se católica podia frequentar a igreja e futuramente ser enterrada no cemitério. O controle da Igreja católica passava por todas as fases da vida e no Brasil o serviço funerário era feito pela Igreja, que muitas vezes era forma de sustento e acumulação de riquezas (REZENDE, 2007, p.36).

Assim como ocorreu na Europa Medieval, em terra brasileira, os sepultamentos ocorreram dentro das igrejas e em seus arredores. “Dependendo do donativo, o local do sepulcro poderia ser no altar, nos corredores laterais e centrais ou no pátio externo. Aqueles que não dispunham de nenhum recurso eram enterrados ao longo das estradas” (REZENDE, 2006, p.23). Várias igrejas católicas tinham o piso de suas naves cobertos por tábuas e sob elas a existência de criptas. Mais tarde essas tábuas foram substituídas por mosaicos de ladrilhos hidráulicos, a exemplo da Igreja do Convento Franciscano de Santa Maria Madalena, em Marechal Deodoro, Alagoas, onde foi descoberto a partir da restauração deste templo (Imagem 28 e 29). Ainda podem ser encontrados ossários nas paredes das igrejas católicas vedados com a presença de lápides que traziam informações sobre o morto, bem como arcosólios em paredes como na Igreja de Nossa Senhora do Ó em Ipióca - Maceió (ver imagens 54 e 55, p. 66).



Figura 28- Ossadas humanas no piso da Igreja do Convento Franciscano de Santa Maria Madalena - Marechal Deodoro, Alagoas.

Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2012.



Figura 29- Cripta sob a Igreja do Convento Franciscano de Santa Maria Madalena - Marechal Deodoro, Alagoas.

Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2012.

A questão da localização dos sepultamentos dentro das igrejas era de fundamental importância: quanto mais próximo fosse o sepultado do altar-mor (conhecido também como sepultamento *ad sanctos*), mais caro era o preço. O fator principal para a escolha do altar “era a presença do padre que celebrava as missas e preces pelas almas, além da constante presença no meio dos vivos, amenizando a ausência causada pela morte”, sendo este um lugar de destaque na igreja. Com isso “o sepultamento no altar visava à vida eterna com a ida para o céu, através da intervenção dos santos” (REZENDE, 2006, p.30).

Outro local de desejo de muitos dentro das igrejas era próximo aos santos e membros do clero, acreditando que o falecido conseguiria alcançar com mais rapidez o caminho da vida eterna, não permanecendo por muito tempo no purgatório. “O medo de não obter a imortalidade e o terror de ter que viver no inferno para o resto da existência motivava a doação como dádiva” (REZENDE, 2006, p.25).

[...] a importância dos enterramentos dentro de igrejas se justifica pela necessidade que os mortos têm de ser lembrados, pois, os parentes do morto, ao entrar na igreja se lembrariam daquele que foi, cada prece, sinal da cruz, cada vela acendida em nome do morto permitiria que este encontrasse mais rapidamente a passagem para o plano superior caso se encontrasse no Purgatório, este é conceituado pelo autor como uma região de passagem na geografia celeste. A crença neste novo lócus foi um dos responsáveis por inculcar no imaginário coletivo a esperança da vida eterna, acreditava-se que orações pudessem aliviar o sofrimento de quem se achava em lugar tão agonizante como o Purgatório. Assim, a morte passa a ser vista como a passagem para o outro lado e como tal deveria ter certos cuidados (LOIOLA, [S.d.]).

Segundo Rezende (2007), nota-se a partir dos fatos citados a preocupação dos falecidos em permanecer no espaço dos vivos, sendo esta uma prática constante em Portugal, que foi trazida para o Brasil pelos colonizadores.

Em terras paulistanas do Período Colonial, foi inaugurado em 1774 o primeiro cemitério do Brasil, o Cemitério dos Aflitos - São Paulo. Este “passou a ser o destino dos sem sepultura na igreja”, sendo “criado para atender à demanda dos excluídos dos solos sagrados das igrejas, aqueles que não podiam pagar para figurarem junto aos santos nos templos” (REZENDE, 2006, p.44,53).

O primeiro cemitério a céu aberto na cidade de São Paulo foi construído no fim do século 18, em terreno pertencente à mitra diocesana, localizado no atual bairro da Liberdade. No centro do terreno ficava a capela de Nossa Senhora dos Aflitos [Imagem 30], inaugurada em 27 de junho de 1779. Assim sendo, o cemitério ficou conhecido como dos Aflitos. Destinava-se ao enterro de indigentes, escravos e supliciados e funcionou até a abertura do Cemitério da Consolação, quando foram proibidos os sepultamentos em outros locais. O Cemitério dos Aflitos seria demolido por volta de 1883, quando o terreno foi loteado e vendido a particulares (MATOS, p.02, s/d).



Figura 30- Capela de Nossa Senhora dos Aflitos – São Paulo.

Fonte: <http://dallianegra00.blogspot.com.br/2012/05/capela-dos-aflitos.html>, 2013.

Segundo Rezende (2007), neste período colonial, no Brasil, os escravos africanos que trabalhavam nas lavouras e que não eram batizados no Catolicismo, ao morrer, eram lançados na “calunga grande” (mar), para que pudessem voltar à terra natal, regressando à liberdade. Vale ressaltar que para os umbandistas a “calunga pequena” se refere a Cemitério.

#### 1.8 PODER OU SAÚDE? A PROIBIÇÃO DOS SEPULTAMENTOS NAS IGREJAS E A CONSTRUÇÃO DA "ÚLTIMA MORADA"

Em 1801, o príncipe regente de Portugal D. João de Bragança, envia a Carta Régia Nº 18, de 14 de janeiro, proibindo os sepultamentos nas igrejas ou em suas imediações, determinando a construção dos cemitérios extramuros, em um lugar que pela sua situação e proporcionada distância da cidade, não pudessem ser nocivos à saúde dos vivos (SOUZA, 2007). Esta lei ficou arquivada durante 27 anos e “somente em 28 de outubro de 1828, quando D. Pedro I elaborou a lei de estruturação dos municípios [...] é que as determinações foram efetivamente cumpridas” (PAIXÃO, 2005, p.38).

Essa iniciativa gerou muita polêmica e discussão. Em 1836, em Salvador, no Cemitério Campo Santo, “uma multidão liderada pelas irmandades e ordens terceiras da cidade depredou o cemitério extramuros prestes a ser inaugurado” (CYMBALISTA, 2002, p.53). Este ato ficou conhecido como a “Revolta da Cemiterada”. Na época, as pessoas que possuíam um poder aquisitivo superior não aceitavam essa proibição dos sepultamentos

dentro das igrejas, já que eram nestes locais que eles também mostravam superioridade aos demais, como anteriormente citado.

Após algum tempo os cemitérios começaram a ser inaugurados e a população começou a aceitar esta decisão. Os cemitérios desta época acompanhavam o padrão europeu, sendo divididos em quadras com uma avenida principal centralizada que levava o transeunte para a igreja e para o cruzeiro, à frente desta. Geralmente, as pessoas que possuíam maior poder aquisitivo compravam os primeiros lotes (localizados na entrada dos cemitérios, nas primeiras quadras).

Os primeiros cemitérios eram construídos distantes das cidades, em bairros afastados, principalmente em periferias. “Sob o impacto da ideologia sanitarista, promove uma separação nítida entre o espaço dos vivos e o espaço dos mortos, suspeitos de serem focos de infecções e doenças” (BORGES, 2002, p.09), mas com o crescimento das cidades, os cemitérios acabaram fazendo parte das mesmas.

Ainda por muito tempo a igreja católica comandou os sepultamentos até mesmo dentro dos cemitérios, fazendo com que os não católicos, israelitas e outros não pudessem ser sepultados nestes espaços. Posteriormente, foram construídos cemitérios para abrigar essa parte da população, principalmente estrangeiros que habitavam no Brasil, sendo também sepultados em alguns cemitérios católicos, porém separados por um muro, a exemplo do Cemitério da Consolação, em São Paulo (REZENDE, 2006)<sup>15</sup>.

É perceptível ainda a presença da igreja católica nos cemitérios, onde a população constrói túmulos em forma de capelas. Segundo Rezende (2006), as pessoas procuram resgatar o antigo costume de sepultar seus entes dentro das igrejas; mesmo simbolicamente as famílias abastadas continuariam sendo sepultadas no interior desses templos (Imagem 31).

Ocorre que, nos cemitérios, “ricos e pobres, negros e brancos ocupam o mesmo espaço e constroem sua identidade social principalmente pela arquitetura dos túmulos” (CYMBALISTA apud PAIXÃO, 2005, p.10) (Imagem 32). Esta diferença pode ser visualizada nos cemitérios mistos, onde podem ser encontrados desde grandes jazigos perpétuos à covas rasas (Imagem 33), muitas vezes localizadas entre os túmulos.

---

<sup>15</sup> Em Salvador a ocorrência do Cemitério dos Ingleses construído para os estrangeiros se deu exatamente em frente ao Campo Santo.



Figura 31- Túmulo capela.

Fonte: <http://artetumular.blogspot.com/2008/11/61-conde-de-so-joaquim-tmulo.html>, 2013.



Figura 32- Túmulo simples.

Fonte: <http://www.turismo.rs.gov.br/portal/index.php?q=atrativo&id=2428&bd=&fg=2>, 2013.



Figura 33- Cemitério da Vila Nova Cachoeirinha – São Paulo.

Fonte: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/11/02/rotina-de-cemiterios-em-sao-paulo-e-bem-diferente-do-que-se-ve-em-finados.htm>, 2013.

### 1.8.1 A última morada: diferentes tipos de cemitérios

Atualmente podem ser vistos inúmeras tipologias de cemitérios, como os cemitérios jardins, os verticais, os tradicionais, os populares, os mistos, os protestantes, os judaicos e os crematórios.

Os cemitérios jardins (Imagem 34) são os conhecidos Campos Santos de origem americana. Sua característica principal é a paisagem, sem a presença de monumentos, tendo como identificação dos túmulos uma placa coloca sobre eles. No caso dos cemitérios verticais (Imagem 35), o sistema é bastante diferente; composto por um conjunto de gavetas, colocadas lado a lado e superpostas na forma de andares, acima do nível do solo. Estas gavetas são conhecidas também como “lóculos”.



Figura 34- Cemitério jardim - Cemitério Parque das Acácias, João Pessoa.

Fonte: <http://www.parquedasadacacias.com.br/site/institucional/>, 2013.



Figura 35- Cemitério Vertical - Cemitério São Miguel e Almas, Porto Alegre.

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=895020&page=2>, 2013.

Diferentes dos anteriores, os cemitérios tradicionais foram um dos primeiros a serem construídos no Brasil, tendo origem em modelos em voga na Europa no século XVIII e XIX. De acordo com Rezende (2007), este tipo de cemitério era utilizado principalmente para o enterro de pessoas de famílias tradicionais e burguesas, sendo muito comum a presença de esculturas e túmulos monumentais. Durante muito tempo foram justamente nestes espaços onde se manifestaram as formas de atuação de vários artistas.

Muitos desses cemitérios se transformaram em cemitérios-museu pela grande quantidade de obras esculturais e arquitetônicas existentes. Como alguns túmulos são considerados verdadeiras obras de artes, para poder conservar os mausoléus, “a saída encontrada foi a mercantilização do espaço, ou seja, além de alguns eventos que são realizados o visitante é obrigado a pagar uma entrada” (REZENDE, 2007, p.90).

Quantas e quantas obras de arte podemos contemplar. Belíssimas esculturas e variadas peças de adorno. Valiosíssimas. E também, os mausoléus em si, formam um conjunto de edificações que são verdadeiras maravilhas da arquitetura. Alguns constituem verdadeiras galerias de arte a céu aberto sendo até mesmo possível encontrarmos peças e esculturas de artistas famosos. Em países da Europa como a França e da América Latina como a Argentina, alguns cemitérios são até mesmo pontos turísticos que atraem viajantes no mundo inteiro como, por exemplo, os Cemitérios de Père-Lachaise em Paris e o da Recoleta em Buenos Aires (BARROSO, 2003, p.01).

Alguns administradores transferiam os túmulos de personagens célebres para seus cemitérios no intuito de atrair mais visitantes, aumentando o fluxo de turistas.

Vale ressaltar que nos cemitérios tradicionais existia a compra de terras, por isso se podia construir os jazigos perpétuos. Essa concessão de terras era bem diferente com o que ocorre nos cemitérios populares. Nestes, como é proibida a venda da terra, as pessoas não

podem construir seus mausoléus de ostentação. Por isso, as sepulturas são apenas cobertas de terra, já que depois de três anos os restos mortais dos falecidos são exumados e colocados nos ossários que estão localizados nas paredes dos cemitérios.

O cemitério popular é aquele onde é enterrada a parcela da população que não tem direito a permanecer na sepultura durante muito tempo; eles são depositados em campas (quadra geral). [...] No que se refere à paisagem, a grande marca do cemitério popular é a terra, pois o contato do corpo com o solo facilita a decomposição do cadáver [...] (REZENDE, 2007, p.30).

Em São Paulo, o Cemitério de Vila Formosa (Imagem 36 e 37) (o maior cemitério da América Latina) é um exemplo do cemitério popular. Neste o único item que difere os túmulos é que, nos dos homens, a cruz é pintada de azul, enquanto que nos túmulos das mulheres é pintada de rosa. Algumas pessoas que possuem seus entes sepultados neste cemitério colocam uma pequena capelinha no “pé do túmulo” para a guarda das velas.



Figura 36- Cemitério de Vila Formosa – São Paulo.

Fonte: [http://yacoca.blogspot.com/2008\\_03\\_01\\_archive.html](http://yacoca.blogspot.com/2008_03_01_archive.html), 2013.



Figura 37- Projeto do Cemitério de Vila Formosa - São Paulo.

Fonte: <http://vilasantaisabelsp.blogspot.com.br/2013/04/projeto-do-cemeterio-de-vila-formosa-02.html>, 2013.

O cemitério misto é a união dos dois tipos de cemitérios citados anteriormente (tradicionais e populares) num mesmo espaço. Neste cemitério, é visível a desigualdade social nos túmulos. Os ricos escolhem o local para compra do jazigo nas primeiras quadras do cemitério, para assegurar ainda mais a ostentação, enquanto os pobres são enterrados nos fundos, em uma enorme quadra geral, cobertos apenas por terra.

Com a proibição da igreja dos não católicos serem sepultados nos cemitérios, surgiram aos poucos alguns cemitérios protestantes pelo Brasil para abrigar principalmente a população dos estrangeiros, que antes “a saída acabava sendo a fazenda. [...] Nesses

cemitérios também eram enterrados brasileiros que trabalhavam com ingleses ou rejeitados pela Igreja Católica” (REZENDE, 2007, p.34).

Pela grande diversificação religiosa, o cemitério de protestantes possui uma variada simbologia na sua paisagem interna. Nele é possível encontrar símbolos da maçonaria como a pedra cúbica, a Cruz de São Patrício também conhecida como Cruz de Muirefach de origem celta e a cruz ortodoxa russa, ratificando assim a condição de cemitério acatólico (REZENDE, 2007, p.35).

Nesta mesma época, os judeus também possuíam cemitérios separados, mas quando na região não possuía um cemitério exclusivo, eles eram sepultados nos cemitérios protestantes. Nos cemitérios judeus, os suicidas e as prostitutas eram sepultados junto aos muros. Com relação às sepulturas, os judeus proíbem a ostentação, pois pregam uma “igualdade e simplicidade diante da morte”, podendo encontrar flores, fotos ou bustos. Como os judeus proíbem a exumação os cemitérios acabam superlotados sendo “sempre um problema para a comunidade israelita encontrar novos locais para a construção de cemitérios” (REZENDE, 2007, p.39).

No caso do panteão ou monumento, ele surgiu para homenagear os “grandes heróis e personalidades da pátria. [...] A localização do panteão é sempre central, nele estão poucas pessoas, não atingindo a uma dezena, e algumas vezes apenas uma pessoa está sepultada” (REZENDE, 2007, p.39).

Por fim, um dos mais recentes e também considerados cemitérios, são os crematórios. Alguns dos motivos do seu surgimento foram à superlotação nos cemitérios públicos e a poluição no lençol freático causada por alguns tipos de sepulturas em antigos cemitérios. Deve-se ressaltar que, segundo Tales Paixão (2005), esta prática existe desde o início da civilização, pois algumas culturas adotavam a prática de cremação de corpos. Em alguns lugares do oriente esta prática ainda se mantém viva.

O local e o tipo de sepultamento durante toda a antiguidade até os dias atuais são muito diversificados variando de acordo com o costume, as crenças e a religião de cada povo. Com base nas análises de Tales Paixão (2005), em algumas culturas é visível a prática da cremação, em outras se sepultam os mortos, outros lançam seus mortos nos pântanos, enquanto outros deixam nos campos para que os animais os limpem. “Alguns retiravam partes do corpo de um ente querido para conservá-las em vinho de arroz. Alguns choram e outros dançam durante os funerais, enquanto outros velam mantendo longas conversas com os mortos” (PAIXÃO, 2005, p.07-08).

## 1.9 O ESPLENDOR DA ARTE FUNERÁRIA TRAZIDA PELOS NAVIOS

É evidente como a arte funerária no Brasil teve total influência da Europa, principalmente no formato nos túmulos, nos ornamentos e nos materiais utilizados. No período focalizado entre 1890 e 1930, “a arte funerária foi exuberante, com grande variedade temática [...]” (BORGES, 2002, p.282). As classes mais abastadas demonstravam também a posição social nos cemitérios, impondo-se como diferentes e superiores aos demais, diferenciando-se do anonimato da forma de sepulturas dos pobres. Com isso eles construía templos e palácios em miniatura para sepultar seus entes, tendo nos túmulos elementos que referenciavam vários estilos arquitetônicos: gótico, neoclássico, eclético, romântico, realista e *art-nouveau*.

A utilização da tipologia arquitetônica nos túmulos, trazida para o Brasil, teve início na agricultura cafeeira principalmente pela substituição dos escravos negros (após a abolição da escravatura) pelos imigrantes europeus que, em sua maior parte, eram italianos. Entre eles, vieram alguns profissionais qualificados como os marmoristas, com o intuito de “fazer fortuna rapidamente, trabalhando quase exclusivamente para a elite emergente” (BORGES, 2002, p.26, 27).

Ainda segundo Maria Elizia Borges (2002), os marmoristas italianos profissionalizaram alguns brasileiros que começaram a trabalhar como artistas-artesãos em suas marmorarias, tendo como função esculpir estátuas em mármore (Imagens 38); sendo este material também utilizado para revestir os túmulos.



Figura 38- Escultura em mármore – Cemitério da Saudade, Ribeirão Preto.

Fonte: <http://cidadeselugares.blogspot.com.br/2011/01/cemiterio-da-saudade-ribeirao-preto.html>, 2013.

O mármore mais utilizado de início era o Carrara (cidade italiana), sendo posteriormente substituído pelos mármore nacionais e por volta de 1920, pelo granito. Devido ao grande número de trabalho, as marmorarias começaram a trabalhar com a produção industrial e reproduziam esculturas em série como anjos, vasos, piras e coroas com tamanhos variados, ao invés das produções artesanais que geravam peças com desenhos exclusivos.

As marmorarias colocavam seus trabalhos na “vitrine de amostra, onde expunham modelos de túmulos, de imagens e de adornos afins” (BORGES, 2002, p.70). Elas contavam também com catálogos específicos contendo imagens e fotografias de estátuas e túmulos para inspirar o cliente, onde unindo os ornamentos de vários túmulos, construiria um em particular.

Entre os objetivos da sociedade burguesa cafeeira, na construção dos seus túmulos, pode-se destacar a preservação da honra do morto, cultuando-o mais do que em vida; perpetuar o indivíduo e sua família diante da sociedade vigente; consagrar o *status* que os coronéis do café conquistaram em vida, ressaltando que em muitas lápides a família colocava até a profissão do morto quando em vida; evidenciar a desigualdade que se assenta na organização da sociedade de classe a que pertence o morto; propiciar um ambiente íntimo e de recolhimento para o morto, onde os descendentes por gerações podiam exercitar seu ato de devoção e fazer visitas; como também, expressar nos ornamentos tumulares o sinal de sua condição de vida com a utilização de brasões com ramo de café ou com os bustos dos coronéis (BORGES, 2002).

Tempos depois, as esculturas em mármore foram perdendo lugar para as esculturas em bronze (Imagens 39), por sua forma de preparo ser mais rápida e ao mesmo tempo duradoura, elas começaram a surgir em maior quantidade.



Figura 39- Escultura em bronze – Cemitério do Bonfim, Belo Horizonte.

Com a crise econômica, em meados de 1920, ainda causada pela Primeira Guerra Mundial, os túmulos começavam a perder sua monumentalidade tendendo para uma construção de linhas retas e simplificadas, revestidos com granito ou mármore cinza e quase sem a presença de esculturas.

Em oposto a esta nova tendência, em 1925, no Cemitério da Consolação, em São Paulo, foi construído um dos mais caros e maiores túmulos da América Latina atingindo uma altura de 20 metros. O túmulo da família Matarazzo<sup>16</sup> (Imagem 40) ocupa uma área de 16 terrenos, com aproximadamente 150m<sup>2</sup>. Assim como este, muitos outros túmulos foram encomendados do exterior e trazidos para o Brasil. Este precisamente foi encomendado para o escultor italiano Luigi Brizzolara.



Figura 40- Túmulo da Família Matarazzo – São Paulo.

Fonte: <http://artetumular.blogspot.com/2008/11/luigi-brizzolara-mausolu-da-familia.html>, 2013.

## 1.10 A MORTE DE ONTEM E DE HOJE: AS MODIFICAÇÕES OCORRENTES

Todos os temas relacionados à morte sofreram grandes mudanças com o passar do tempo. Como já foi citado anteriormente, essas mudanças ocorriam principalmente pelas diferentes crenças e religiões, variando de acordo com cada civilização, mas estas

---

<sup>16</sup> A Família Matarazzo era uma típica família empresária paulistana na década de 1920, com amplo conhecimento nos negócios e no comércio. Chegaram a ter aproximadamente 365 fábricas por todo o Brasil, tendo seu campo de negócio bastante amplo, desde bancos, ao ramo alimentício e algodoeiro.

mudanças foram muito lentas e muitas vezes com longos períodos sem grandes transformações.

As diferentes formas de encarar a morte tiveram grande presença nos romances, como cita Philippe Ariès (2003), a exemplo da Távola Redonda, quando Lancelot ferido na floresta deitou-se ao chão, como se estivesse jazendo enfermo no leito e estendeu seus braços na forma de uma cruz. Segundo o autor, esta prática não era muito comum, normalmente os homens estendiam-se de modo que sua cabeça ficasse voltada para o Oriente em direção a Jerusalém, deitado-se sempre de costas para que seu rosto estivesse voltado para o céu. Já para os judeus era comum que se virassem em direção à parede para morrer.

A morte era uma cerimônia pública, organizada pelo próprio moribundo. O quarto deste era repleto de pessoas que entravam livremente (Imagem 41), poupando a partir do século XVIII a entrada de crianças no recinto. Esta prática foi um pouco abalada depois dos inúmeros estudos sobre higiene, no qual os médicos já não aprovavam esta intensa movimentação do quarto dos agonizantes.



Figura 41- Morte no quarto da doente – Edward Munch (1895).

Fonte: [http://marciarodrigues.zip.net/arch2006-03-01\\_2006-03-31.html](http://marciarodrigues.zip.net/arch2006-03-01_2006-03-31.html), 2013.

### 1.10.1 Os testamentos

Durante os séculos XIII e XVIII, o testamento foi o meio que o moribundo tinha de expressar tudo o que queria que seus entes fizessem após sua morte, exprimindo também seus pensamentos, sua fé, seu apego às coisas, a Deus e outras decisões que

assegurassem a salvação de sua alma e o repouso do seu corpo. “O testamento testemunhava uma desconfiança ou ao menos uma indiferença para com os herdeiros, os parentes próximos, a *fabrique* e o clero”. (ÁRIES, 2003, p. 69).

Todo o ritual fúnebre, desde os velórios, os enterros e os cortejos, não eram só uma sequência de rituais fúnebres para a elaboração do luto, ele definia o grau de importância e prestígio do morto. Quando se tratava de pessoas importantes, ligadas principalmente às atividades políticas, esta atenção com o ritual fúnebre era redobrada (MOTTA, 2008, p.95).

O morto deixava claro o local em que queria ser sepultado dentro da igreja, assim como a mortalha, as esmolas, o número de missas, a quantidade de velas, os dobres dos sinos e as doações. “Essa ação mostra que o doador objetivava também o prestígio, já que os enterros, que eram acompanhados por muitas pessoas, demonstravam a importância do finado”, como também a quantidade de velas acesas durante o velório. “O número de missas também propiciava uma soma enorme de recursos, principalmente, quando faleciam pessoas ricas que pediam um número exagerado de missas”, a exemplo de Recife “onde alguns moradores reivindicaram dez mil missas” (REZENDE, 2006, p. 32,36).

A partir da segunda metade do século XVIII, os testamentos tiveram grandes modificações em todo o Ocidente Cristão, protestante ou católico. Saíram do testamento as cláusulas piedosas<sup>17</sup>, as escolhas das sepulturas, as instituições de missas e serviços religiosos e as esmolas, reduzindo ao que hoje conhecemos como testamento, o que nada mais é do que uma distribuição da fortuna. Estas modificações ocorreram paralelamente ao aumento de confiança na família. O enfermo começa a depositar uma confiança aos mais próximos, não precisando mais colocar no testamento suas necessidades, pois confiava aos seus entes que suas vontades seriam atendidas.

### **1.10.2 Práticas sobre o lamento da dor da morte: o luto e os cortejos**

O luto tinha por objetivo defender os sobreviventes da dor da perda do ente, impondo certo tipo de comportamento social, visitas de parentes, vizinhos e amigos.

No século XIII, as carpideiras voltam a fazer parte das manifestações do luto, perdendo aos poucos sua importância, mas sendo ainda encontrada até os dias atuais, para

---

<sup>17</sup> As cláusulas piedosas constituíam por vezes grande parte do testamento, tendo como objetivo “comprometer publicamente o executor testamentário, a *fabrique* e o padre da paróquia ou monges do convento, e, assim, obrigá-los a respeitar as vontades do defunto” (ÁRIES, 2003, P. 69).

as famílias que buscam fazer do defunto uma pessoa aparentemente querida e importante socialmente.

Segundo Philippe Ariès, o luto teve grande mudança a partir do século XIX. Ele passou a ser histórico; os sobreviventes choram, desmaiam, jejuam, tocando o limite da loucura. Eles aceitam com mais dificuldade a perda do outro.

O luto mais longo era destinado às viúvas, com uma duração de dois anos, sendo o primeiro ano mais rigoroso, com o uso obrigatório da cor preta; o luto para os avós tinha duração de seis meses, assim como dos pais para os filhos, com uma prerrogativa de mais seis meses de luto aliviado, dispensando o uso da cor negra nas vestimentas. Segundo o código da etiqueta funerária, os homens deveriam dispor da cor negra, de terno e gravata e chapéu, já das mulheres, as mantilhas ou chorões, sendo suas joias interditas. Durante o luto, os jovens eram aconselhados a usar uma faixa negra na lapela ou no braço direito. Segundo Motta (2008), entre os manuais mais lidos sobre este tema destaca-se o *Tratado de Civilidade e de Etiqueta*, escrito pela Condessa de Gencé, publicado na França na segunda metade do século XIX, sendo traduzido para a língua portuguesa no século XX.

Atualmente o luto é menos rigoroso. Os parentes dos mortos agora têm liberdade de expressar ou não sua dor, mas muitas vezes ainda são julgados, exigido por parte da sociedade um autocontrole emocional.

Seguido do luto, os parentes do morto também planejavam o cortejo do corpo de seu ente, seguindo um trajeto do local onde foi velado ao local que será sepultado. Esta prática é antiga e não sofreu grandes transformações. Os cortejos eram também presente nos testamentos; o moribundo colocava item por item a ser seguido, como o número de missas a ser rezadas, a quantidade de velas e de pessoas, bem como o quanto deveria ser gasto. Segundo Ariès (2003), na França, ensinavam as crianças a tirar o chapéu todas às vezes que passasse um cortejo fúnebre como reverência.

Nos cortejos a presença das carpideiras também foi muito presente, sendo exposto também na arquitetura dos túmulos dos séculos XIV e XV. Em volta do corpo exposto nos caixões seguiam em cortejo com roupas pretas de cabeça afundada no capuz.

Pelos testamentos dos séculos XVI e XVII, pode-se perceber que não só as carpideiras eram previstas de fazerem parte do cortejo, mas também monges mendicantes, pobres e crianças de hospitais eram vestidos com vestes pretas para a ocasião, fornecidas pela família do morto, e após a cerimônia recebiam uma porção de pão e um pouco de dinheiro (ARIÈS, 2003, p. 246).

## 1.11 IDENTIDADE E VALORIZAÇÃO DO PASSADO: A IMPORTÂNCIA DOS CEMITÉRIOS COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Assim como qualquer patrimônio histórico, entendido enquanto

“[expressões que] não se restringe apenas a imóveis oficiais isolados, igrejas ou palácios, mas na sua concepção contemporânea se estende a imóveis particulares, trechos urbanos e até ambientes naturais de importância paisagística, passando por imagens, mobiliário, utensílios e outros bens móveis” (IPHAN, 2013),

os cemitérios e a arte funerária podem refletir a identidade e valorizar o passado de cada povo, mostrando as tendências e os costumes da época em que foram construídos.

A rigor, foram inúmeros cemitérios que surgiram por todo o mundo, de diferentes estilos para atender a todos os povos e crenças. Alguns cemitérios e mausoléus a exemplo do Túmulo Trácio de Svechtari, na Bulgária; Mausoléu de Khoja Ahmed Yasawi, no Cazaquistão; Mausoléu do Primeiro Imperador Qin, na China (Imagem 42); Sítio Funerário da Idade do Bronze de Sammallahdenmäki, na Finlândia (Imagem 53); Taj Mahal, na Índia (Imagem 43); Necrópoles etruscas de Cerveteri e Tarquinia, na Itália (Imagem 44); Hipogeu de Hal Safliéni, na ilha de Malta (Imagem 56); Necrópole Rochosa de Pantalica, na Itália (Imagem 45), tombados como Patrimônio Mundial pela UNESCO. Pelas respectivas representatividades, todos se tornaram importantes do ponto de vista patrimonial da história da arte, da cultura e do modo social, não apenas de uma determinada localidade, mas também de toda a humanidade, sendo assim tombados para que ocorresse a salvaguarda de tal acervo.



Figura 42- Mausoléu do Primeiro Imperador Qin (Exército de Terracota), China.

Fonte: <http://big5.fmprc.gov.cn/gate/big5/riodejaneiro.china-consulate.org/pot/zgabc/Is/t135307.htm>, 2013.



Figura 43- Taj Mahal, Índia.

Fonte: [http://news.satimagingcorp.com/wp-content/uploads/2007/07/taj\\_mahal\\_in\\_march\\_2004.jpg](http://news.satimagingcorp.com/wp-content/uploads/2007/07/taj_mahal_in_march_2004.jpg), 2013.



Figura 44- Necrópoles etruscas de Cerveteri, Itália.

Fonte: <http://www.turismo-roma.eu/tour.asp?idTour=13&idCatTour=3>, 2013.



Figura 45- Necrópole Rochosa de Pantalica, Itália.

Fonte: <http://heritage-key.com/site/necropolis-pantalica>, 2013.

Efetivamente os cemitérios e a arte funerária podem ser classificados como bens tangíveis, enquadrando-se como os monumentos, os sítios históricos, as obras de arte e os trabalhos artesanais. Todavia, o seu entendimento e interpretação só são feitos por meio do intangível, ou seja, da cultura local, dos dizeres, como também da religião, que são passados de geração para geração, fazendo com que sua importância para a sociedade não se acabe (CUÉLLAR, 1997).

Com isso, vários órgãos surgiram no mundo para conscientizar a população da importância da preservação do patrimônio, atuando em níveis de interesse municipal, estadual, nacional e mundial. No Brasil, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) é o órgão que ampara e instrui sobre o reconhecimento de bens culturais materiais e imateriais (ou intangível), já os patrimônios mundiais ficam ficando à cargo da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Estes órgãos realizam um trabalho de fiscalização, proteção, identificação, restauração, preservação e revitalização dos monumentos, sítios e bens móveis, sendo estes patrimônios administrados por meio de diretrizes, planos, instrumentos de preservação e relatórios que informam a situação dos bens, o que está sendo feito e o que ainda necessita ser realizado.

Preocupam-se também em elaborar programas e projetos que integrem a sociedade civil com os objetivos destes órgãos, bem como buscar linhas de financiamento e parcerias para auxiliar na execução das ações planejadas.

Desde o surgimento destes órgãos já foram tombados inúmeros cemitérios, mausoléus e obras presentes nos cemitérios. Na Lista do Patrimônio Mundial realizada pelo Comitê do Patrimônio Mundial pela UNESCO, além dos já citados, pode-se enumerar: ainda o túmulo Trácio de Kazanlak (Bulgária); túmulos imperiais das Dinastias Ming e Qing (China); templo, cemitério de Confúcio e residência da família Kong em Qufu (China); tumbas do antigo Reino de Koguryo (China); túmulos, pedras rúnicas e igreja de Jelling (Dinamarca); Tebas Antigas e sua necrópole (Egito); Mênfis e sua necrópole – Zonas das

Pirâmides de Gizé, em Dahchur (Egito); cemitério paleocristão de Pécs (Hungria); túmulo de Humayun, Deli (Índia); túmulo de Askia (Mali); tumbas reais da Dinastia Joseon (República da Coréia); conjunto de tumbas de Koguryo (República Democrática Popular da Coréia) e túmulos dos reis Buganda, em Kasubi (Uganda).

No Brasil, também pode ser visto nos Livros do Tombo do IPHAN, o portão do Cemitério de Arês (Arês, RN) (Imagem 46); Cemitério do Batalhão (Campo Maior, PI); Igreja de São Francisco da Penitência, Cemitério e Museu de Arte Sacra, ambos anexos à Igreja, bem como todos os seus pertences (Rio de Janeiro, RJ); mausoléu da família do Barão de Cajaíba, notadamente a estátua da Fé, autoria de Johann von Halbig, que encima o referido mausoléu (Salvador, BA); o conjunto paisagístico do Cemitério de Nossa Senhora da Soledade (Belém, PA) (Imagem 47); Cemitério Protestante (Joinville, SC); Convento e Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, capela e Cemitério da Ordem Terceira de São Francisco (Cabo Frio, RJ); conjunto arquitetônico e paisagístico, especialmente o cemitério, da cidade de Mucugê (Mucugê, BA); inscrições tumulares da Igreja da Vitória (Salvador, BA); túmulos do Dr. Peter Wilhen Lund e de seus colaboradores: Pedro Andreas Brandt, Guilherme Behrens e João Rodolfo Müller, e o menor cemitério em que se acham situados (Lagoa Santa, MG); capela e Cemitério de Maruhy (Cabo Frio, RJ); lápide tumular de Estácio de Sá, na Igreja de São Sebastião (Rio de Janeiro, RJ); Cemitério da Candelária - Estrada de Ferro Madeira Mamoré (Porto Velho, RO) e o Cemitério Israelita de Cubatão (Cubatão, SP).



Figura 46- Portão do Cemitério de Arês - Arês, RN.  
Fonte: <http://chaopotiguar.blogspot.com.br/2010/04/arez.html> 2013.



Figura 47- Cemitério Nossa Senhora da Soledade - Belém, PA.  
Fonte: <http://www.flickr.com/photos/brunotetto/4016561435/in/set-72157622473682505/>, 2013.

Segundo Maria Cristina Maia (2008), grande parte destes cemitérios fazem parte do roteiro histórico de visitação em diversas regiões do mundo, podendo ser identificados elementos que demonstram a história social e artística destas regiões, através da estatuária,

das obras arquitetônicas, dos epitáfios e dos símbolos encontrados e analisados nos túmulos.

[...] Contrariando a tendência de denegação da morte verificada ao longo do último século, o território da morte nas suas mais variadas expressões poderá, acredita-se, vir a ser recuperado como significante na sociedade e na cidade, e ver valorizado o seu caráter de local de culto, de memória e de sacralidade laica ou religiosa - assegurando, nomeadamente, a expressão da alteridade às intensas diásporas contemporâneas (OLIVEIRA apud CASTRO, 2008, p. 6).

Consequentemente, estes cemitérios podem prestar diversas informações à sociedade, equivalendo-se como fontes históricas para a preservação da memória familiar e coletiva, fontes de estudos das crenças religiosas, fontes de expressões dos gostos artísticos particulares de cada família ou da época de sua construção, fontes de expressões da ideologia política, fontes para conhecer a formação étnica, e também fontes para estudo da genealogia.

[...] Convivem e se complementam duas percepções de um mesmo Patrimônio cultural; uma mais próxima da arte aplicada, do monumento do edifício, ou seja, daquilo que se convencionou chamar de patrimônio Material e outra mais subjetiva, ligada aos hábitos, às crenças, e as tradições, comumente identificada como patrimônio imaterial. Ainda que essas duas percepções de patrimônio possam efetivamente ser divididas para fins metodológicos, elas caminham juntas, significando e re-significando os valores do bem cultural no tempo e no espaço (MUNDIM, 2011),

justificando-se sobremaneira as escolhas e reconhecimentos desses espaços em tantos locais diversos para se alçarem à condição de Patrimônio Histórico Cultural.

## 2. MACEIÓ: NASCE UMA CIDADE E SEUS CEMITÉRIOS

A atual cidade de Maceió era basicamente uma extensão da antiga Vila de Santa Maria Madalena da Alagoas do Sul (atual Marechal Deodoro), ou simplesmente Alagoas do Sul, capital da Província.

Nos séculos XVII a XIX, o povoado que a originaria contava apenas com o engenho Massayó e sua capela, “situado às margens do riacho Maçayó, [que] deu origem ao antigo Largo da Capela, atual Praça D. Pedro II” (SOUZA e ALMEIDA, 2000, p.08-09); e uma aldeia de pescadores na planície litorânea, localizada próximo a uma curva, um verdadeiro porto natural, “que devido ao fácil atracamento de embarcações promoveu o desenvolvimento local e aos poucos foi se transformando em um movimento pólo de intercâmbio comercial” (SOUZA e ALMEIDA, 2000, p.08-09), fazendo do bairro do Jaraguá o primeiro em crescimento por conta do porto (Imagem 48).



Figura 48- Mapa de Evolução Urbana 1600-1800.

Fonte: Secretaria de Planejamento, 2006.

Em 5 de dezembro de 1815, o povoado torna-se vila pelo alvará-régio assinado por Dom João VI, sendo-lhe doadas sete léguas de costa desmembrando de Alagoas do Sul (antiga Vila Madalena), sede militar, judiciária e religiosa, ficando esta última estagnada, visto que já se percebia o interesse pelo povoado, que possuía um excelente porto natural, causando rivalidade aos habitantes da velha capital. Para a transferência de povoado à vila, foi exigido que se construísse seu Pelourinho, a Casa da Câmara, Cadeia e mais oficinas necessárias. Mas só em 1817 foi que o ouvidor Antônio Ferreira Batalha proclamou oficialmente como vila independente, visto que já possuía cerca de 5.000 habitantes. Anos mais tarde, em 1833, Maceió é elevada à categoria de comarca (ENCICLOPÉDIA MUNICÍPIOS DE ALAGOAS, p. 431, 2012).

Ainda segundo a Enciclopédia Municípios de Alagoas (p. 430, 2012), “o episódio central da história da formação da cidade de Maceió é, sem dúvida, o da transferência da capital, ou como preferem alguns historiadores, o da “mudança do cofre” (VALENTE, 1952). Com o desenvolvimento da vila por conta do grande movimento no porto de Jaraguá, em 9 de dezembro de 1839, de acordo com a Resolução N.11 era transferida a capital para Maceió, tornando-se oficialmente a capital de Alagoas.

Fica erecta em cidade e capital da provincia a villa de Maceió, que será d'ora em diante a séde do governo, assembléa, thesouraria provincial, e aulas maiores; ficando o mesmo governo autorizado a despende a quantia necessaria com o aluguel dos edificios para as ditas repartições (Resolução N. 11 de 9 de dezembro de 1839 apud ARAÚJO, T. V.; GALVÃO, O. E. de A, p. 359, 1870).

Nesta época a população começava a ocupar as margens da lagoa, o que favorecia o transporte e a comercialização dos produtos trazidos de outros locais, havendo assim uma ligação entre estes dois focos, nascendo um traçado natural que aos poucos começou a ser ocupado (SOUZA e ALMEIDA, 2000). Surgiam assim novos bairros de acordo com o crescimento populacional, a exemplo do bairro do Centro. Com o surgimento do Centro, o Jaraguá foi “esquecido” e as primeiras casas começaram a surgir nas imediações deste primeiro bairro, contando com o auxílio dos bondes e trens para o deslocamento da população pela cidade, sendo o traçado urbano elaborado em 1820 por engenheiros franceses.

Em meados de 1841 surge o primeiro cemitério de Maceió, o “Cemitério Inglês” (Imagem 38), criado por Carlos de Mornay, engenheiro de Obras Públicas (CAVALCANTI, p.174, 1998). Segundo Félix Lima Júnior (198-) este cemitério se localizava no antigo aterro do Jaraguá (atual Av. Duque de Caxias), sendo o terreno adquirido pelo Governo Britânico (representado pelo vice-cônsul Inglês em Maceió, Baldwin Sealy), já que em 1825 era

numerosa a colônia britânica em Maceió, suficiente para justificar a ideia da edificação de um cemitério, passando os súditos britânicos a gozarem do privilégio de sepultar seus mortos em cemitérios particulares a partir de um Tratado de Navegação e Comércio entre Portugal e Grã-Bretanha. Localizado de frente para o mar (ver localização na Imagem 49), o cemitério não possuía capela, e só houve sepultamentos até a República.

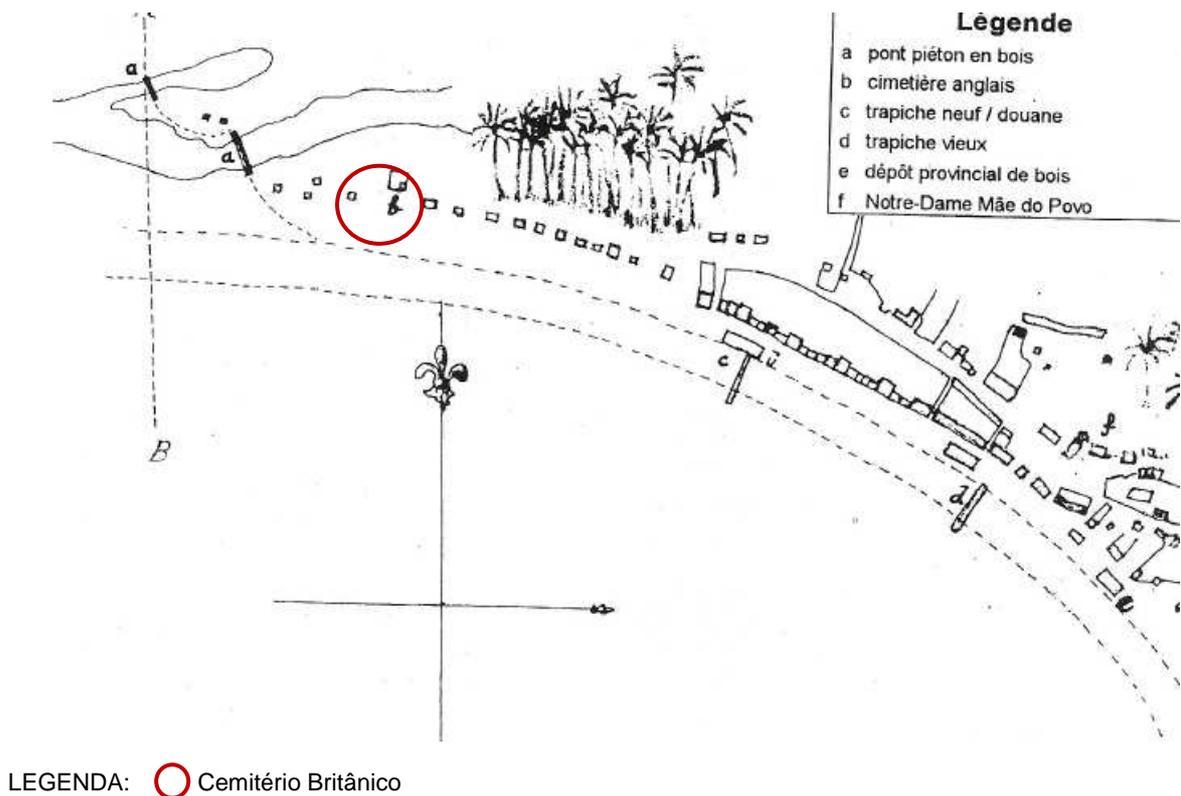


Figura 49- Localização do Cemitério Britânico, 1841.

Fonte: Arquivo Público apud CAVALCANTI (1998), trabalhado por Regina Barbosa (2013).

De acordo com Cavalcanti (p.175, 1998), em 1850, com o primeiro surto de febre amarela na província, que fez muitas vítimas, o estado se sensibiliza com a situação precária dos enterramentos na capital. Houve a necessidade de se construir um cemitério nas redondezas do bairro do Centro e do Jaraguá. “O local escolhido foi o areal à margem da estrada que conduzia ao Trapiche e ao Pontal da Barra, então deserto, coberto de cajueiros bravos [...] entre o canal grande, o mar e o centro da cidade” (LIMA JÚNIOR, 198-, p.61). Este cemitério era o primeiro oficialmente registrado em Maceió de acordo com o parágrafo 8º do artigo 1º da Lei nº 130 de 6 de julho de 1850, sendo chamado de cemitério

de Nossa Senhora da Piedade<sup>18</sup>, ficando a cargo da Santa Casa de Misericórdia de Maceió (LIMA JÚNIOR, 198-).

Tal fato pode ser confirmado no Relatório da Província de 5 de junho de 1850 escrito pelo Presidente da Província de Alagoas Dr. José Bento da Cunha e Figueiredo (Visconde do Bom Conselho) para o Vice-Presidente Dr. Manuel Sobral Pinto, sendo o Dr. José Bento o responsável por assentar a primeira pedra do cemitério. No Relatório, ele afirma o cuidado que teve ao escolher o local do cemitério, sendo convidados médicos e engenheiros existentes na cidade, o Presidente do Conselho de Obras Públicas e o Presidente da Câmara Municipal.

Foram escolhidos dois locais para um estudo mais aprofundado sobre a implantação do cemitério, levando em consideração a direção dos ventos e a natureza do solo, bem como a posição topográfica do terreno e dos lugares adjacentes.

Um destes lugares é a chapada da parte da montanha, que fica em frente (pouco mais ou menos) ao sítio de D. Anna Magna, na Cambona, e o outro é a parte do terreno, que é adjacente à margem direita da estrada que vai desta Cidade, pelo lado de O., para o Trapiche da Barra. (Relatório da Província de 1850).

Após os estudos, neste mesmo relatório, foram expostas as seguintes conclusões: não há um lugar inteiramente conveniente para a construção de um Cemitério; o local da Cambona não é apropriado e o local da estrada do Trapiche da Barra encerra menos circunstâncias desfavoráveis, que podem ser extraordinariamente modificadas, mediante esforços (Relatório da Província de 1850).

A partir deste mesmo ano, a cidade se expandiu aos poucos às margens da lagoa, surgindo novos aglomerados de habitações. Para atender às necessidades religiosas das pessoas que começaram a residir nessa área foi construída em Rio Novo uma capela, e junto desta o Cemitério Divina Pastora<sup>19</sup>, ficando a administração a cargo da Igreja Católica.

Em 1851, em vários lugares do mundo, diversas pessoas morreram depois do surto de febre amarela. Anos depois, em 1855, essa mortalidade se repetiu com a vinda da cólera *morbis*. Em Maceió, o edifício da Alfândega transformou-se em um hospital de emergência, havendo a necessidade da construção de cemitérios às pressas, cavando-se sepulturas até as margens de caminhos e ruas da capital. Estes cemitérios foram extintos anos depois, restando apenas um que foi aberto no caminho do Trapiche da Barra, ficando conhecido

<sup>18</sup> O Cemitério de Nossa Senhora da Piedade foi somente inaugurado em 1855 e ficou a cargo da Santa Casa de Misericórdia, sendo transferida sua jurisdição para a municipalidade em 1880 (LIMA JÚNIOR, 198-).

<sup>19</sup> Vale ressaltar que, segundo Elayne Santos (2006,) o cemitério Divina Pastora passou vários anos desativado, sendo reaberto no século XX. E que esta data de 1850 da abertura da necrópole é suposta, apesar de que, segundo visitas *in loco*, o túmulo mais antigo encontrado no local data de 1933.

como Cemitério dos Coléricos, Cemitério da Maria Preta ou Cemitério Velho. Não possuía muro e não eram permitidas novas construções. Existia nele um cruzeiro com base de alvenaria e cruz em madeira, sendo esta cruz modificada anos depois por conta deterioração causada pela exposição ao sol e à chuva (LIMA JÚNIOR, 198-)<sup>20</sup>.

Ainda segundo Lima Júnior (198-), o então Presidente da Província concedeu em 1858, a permissão para a irmandade de Nossa Senhora Mãe do Povo abrir um cemitério público onde achasse mais conveniente<sup>21</sup>.

Em 31 de dezembro de 1859, foi inaugurada a Catedral Metropolitana de Maceió, com a imagem da padroeira, Nossa Senhora dos Prazeres. “Nessa ocasião, recebia de presente do Barão de Atalaia, em presença de Dom Pedro II, uma nova imagem que perdura no altar-mor até o presente momento” (GUIMARÃES, 2011). Ao demolirem a velha matriz “desapareceram ‘as catacumbas da Confraria do S.S. Sacramento’, que lhe ficavam nos fundos”. As catacumbas da referida Irmandade e das outras eram privativas de seus associados e de suas famílias” (LIMA JÚNIOR, 198-, p.16). Neste mesmo ano, a cidade de Maceió, já contava com algumas Igrejas Católicas no bairro do Centro, Jaraguá e Bom Parto, bem como os cemitérios de Nossa Senhora da Piedade e Cemitério dos Coléricos (Imagem 50).

---

<sup>20</sup> Este cemitério se localizava em frente ao Cemitério São José, sendo posteriormente abandonado e extinto, construindo habitações na sua localização.

<sup>21</sup> Não se tem uma data exata da então abertura do cemitério de Nossa Senhora Mãe do Povo, aberto em Jaraguá, mas vale ressaltar que a partir de visitas *in loco* foi constatado que o túmulo mais antigo data de 1894, provavelmente sendo desta época. Com a concessão do terreno, o antigo cemitério, que era localizado onde atualmente se encontra a Igreja de Santa Cruz, no bairro do Jaraguá, foi transferido para este novo terreno, basicamente ao lado da referida igreja.

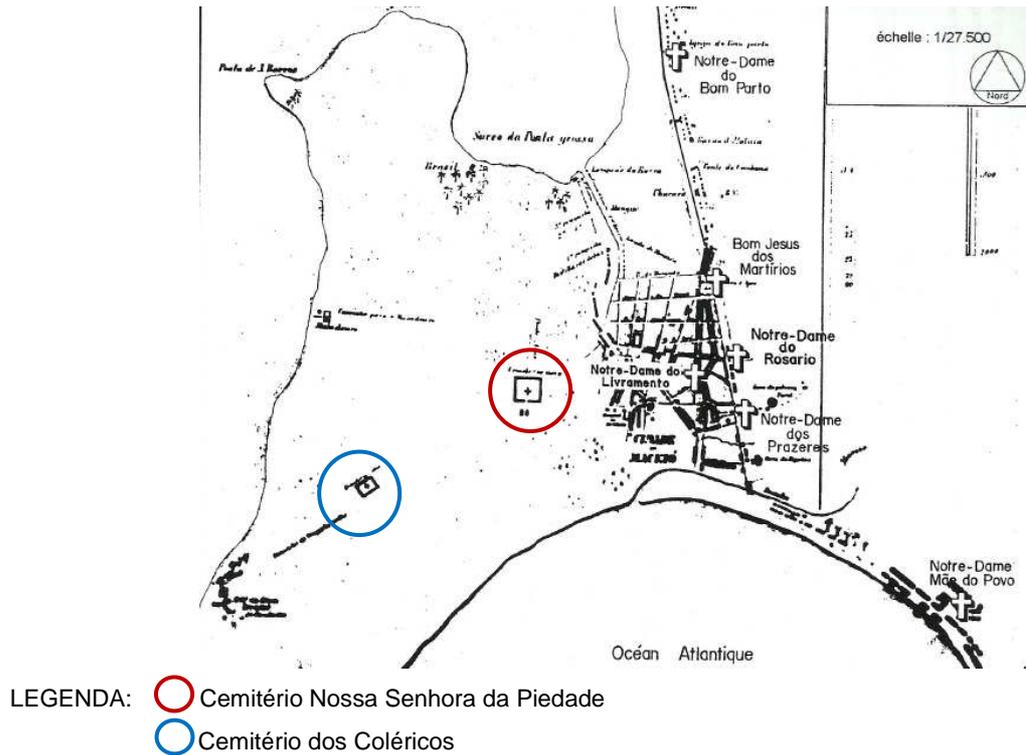


Figura 50: Localização das igrejas e cemitérios, 1859.

Fonte: Arquivo Público apud CAVALCANTI (1998), trabalhado por Regina Barbosa (2013).

Ainda segundo Félix Lima [198-], em 1870, o Cemitério de Nossa Senhora da Piedade era considerado impróprio pelo fato de ter sido implantado em um terreno baixo e arenoso, próximo ao lençol d'água subterrâneo, podendo causar diversas doenças pela contaminação da água que abastecia a comunidade. Esta afirmação pode ser constatada em uma mensagem dirigida ao Congresso Alagoano em 15 de abril de 1893 escrita pelo Governador do Estado, Dr. Gabino Besouro, referente ao fechamento do cemitério público, assim como outros, para melhoria da saúde pública.

Para se conseguir esse melhoramento reputo de urgente necessidade:

a) O fechamento do actual cemitério de Maceió, cercado já de habitações, até de edifícios públicos importantes, construído em terreno poroso, muito próximo à praia, e onde se produzem com facilidade infiltrações e exalações mephiticas, e a construção de um novo cemitério em local apropriado, cujo solo offereça as convenientes condições geológicas [...] (Mensagem dirigida ao Congresso Alagoano pelo Dr. Galbino Besouro – Governador do Estado, 1893).

Por volta de 1889<sup>22</sup> se inicia a construção do Cemitério São Luiz no atual bairro da Santa Amélia. Segundo Lima Júnior (198-), este cemitério surgiu para atender a população residente em Fernão Velho e proximidades. O cemitério foi construído pela fábrica de

<sup>22</sup> Data do túmulo mais antigo segundo Carlos Victor (administrador do cemitério), mas vale ressaltar que em 02 de maio de 2009 este túmulo foi demolido, dando lugar a um novo túmulo.

tecidos Carmem e até hoje não se sabe ao certo se era municipal ou particular, apesar de estar a cargo da municipalidade.

Ainda no final do século XIX foi construído um cemitério às presas para as vítimas da varíola, que na época fez várias famílias perderem entes queridos. O novo cemitério localizava-se no bairro do Prado, próximo à Avenida Amazonas, com uma capela ainda de pau-a-pique e portão de madeira. Este cemitério ficou conhecido com cemitério dos Variolosos ou do Prado<sup>23</sup>. Vale ressaltar que alguns mausoléus foram construídos neste cemitério, e com o seu abandono algumas pessoas que residiam nas proximidades aproveitaram as pedras e tijolos dos mausoléus para suas residências e muros. E seu cruzeiro foi levado para o cemitério dos coléricos (LIMA JÚNIOR, 198-).

Com o crescimento da população no bairro do Bebedouro, e por estar localizado distante dos cemitérios existentes, era necessária a construção de um cemitério no local, já que a população era sepultada em locais impróprios em covas rasas sem nenhum tipo de higiene, próximas à igreja do bairro (Imagem 66), conseqüentemente, muito próxima à população residente, podendo causar diversas doenças. Segundo Elayne Souza (2007), o terreno para a instalação da nova necrópole foi doado pelo Sr. Jacinto José Nunes Leite<sup>24</sup>, arcando também com várias despesas para sua construção. O cemitério, então chamado de Santo Antônio, já que encontrava próximo à Igreja de Santo Antônio de Pádua (Imagem 51), foi construído em meados de 1906. Assim como os outros cemitérios, nenhum funcionário sabe seu ano de construção ou inauguração; sendo esta data a túmulo mais antigo construído no cemitério.

Em 1909, o Cemitério Inglês foi interditado pelo então Intendente Dr. Antônio Guedes Nogueira, mas seu muro permaneceu até 1920. Posteriormente este terreno foi vendido e os ossos ali encontrados foram transferidos para outros cemitérios (possivelmente o da Piedade ou da Mãe do Povo).

No seguinte ano, em 1910, segundo Félix Lima Júnior (198-), o cemitério de Nossa Senhora da Piedade situado no bairro do Prado já se encontrava superlotado, sendo sugerido então, que não concedessem mais novas licenças para mausoléus e sepulturas perpétuas no local.

A cidade ainda não possuía grande desenvolvimento no sentido do eixo norte, mas já existiam na região diversos assentamentos, visto que a Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Riacho Doce (Imagem 52), localizada nesta região, possui mais de cem

<sup>23</sup> Este é um dos muitos cemitérios de Maceió que surgiram as presas, principalmente por conta das epidemias, e que atualmente não mais existem, sendo abandonado em meados 1925. Segundo Félix Lima (198-), no local atualmente pode ser encontrada a Praça Almirante Custódio de Melo – Prado.

<sup>24</sup> Português que foi habitar na região (hoje bairro) e também mandou construir a Igreja de Santo Antônio.

anos; e o Cemitério de Santa Luzia que foi construído nas proximidades da igreja por volta de 1915<sup>25</sup>.



Figura 51- Igreja de Santo Antônio de Pádua.

Fonte: Banco de imagens do MISA, 2013.

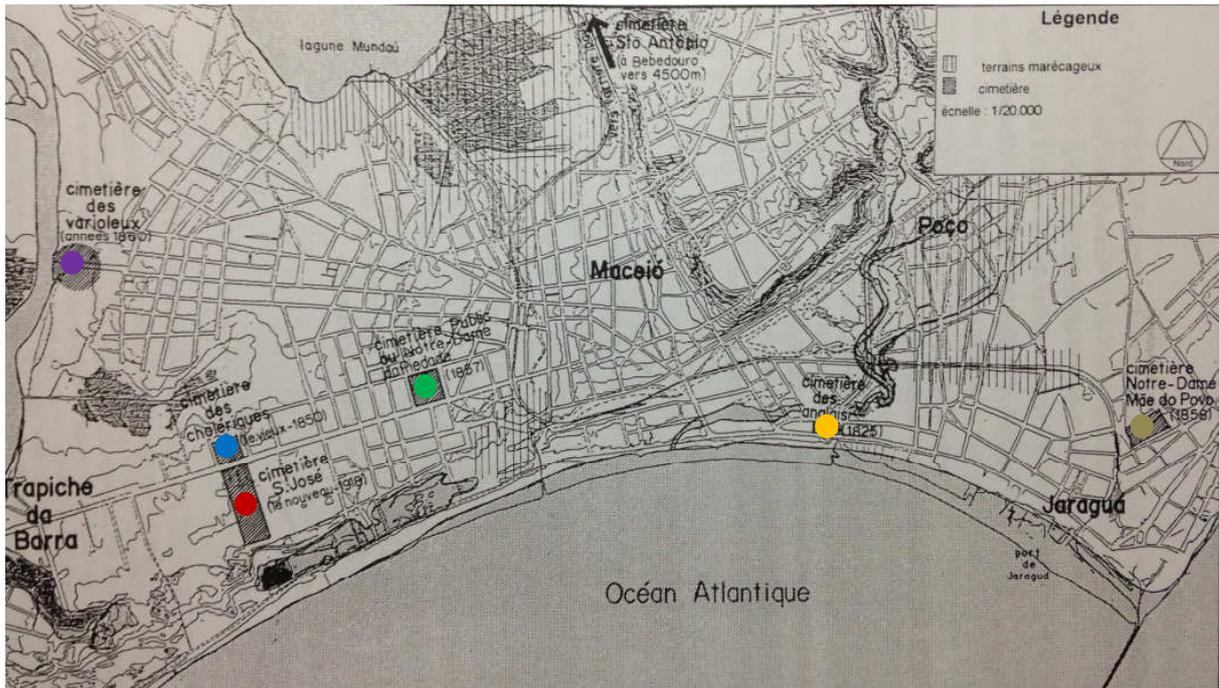


Figura 52- Riacho Doce e a Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

Fonte: Banco de imagens do MISA, 2013.

Félix Lima Júnior, em seu livro *Cemitérios de Maceió* (198-), informa que no ano de 1918, a bordo de um navio da Companhia Nacional de Navegação Costeira, desembarcavam em Jaraguá, vindas do sul do país, pessoas atacadas pela gripe “espanhola”, a qual fazia a sua sinistra excursão, vitimando centenas de milhares de pessoas nas cinco partes do mundo. Por conta da aparição da gripe “espanhola” e o grande número de mortos em todo mundo, e por não ser mais possível efetuar enterramentos nos cemitérios existentes em Maceió, era inaugurado em 1920 o cemitério de São José em frente ao improvisado cemitério dos Coléricos (Imagem 53), no bairro do Prado. Conhecido também como do “Caju”, dada a grande quantidade de cajueiros vicejando no local, o nome São José foi dado em homenagem ao esposo de Nossa Senhora e ao então Governador José Fernandes de Barros Lima. Apenas em 1921 foram construídos o muro e a capela deste cemitério.

<sup>25</sup> Data do túmulo mais antigo encontrado no cemitério, segundo visita ao local, visto que não existe registros que mostrem o ano exato de sua construção.



- LEGENDA:
- Cemitérios São José - 1918
  - Cemitério dos Coléricos - 1850
  - Cemitério Nossa Senhora da Piedade - 1857
  - Cemitério dos Ingleses - 1825
  - Cemitério Nossa Senhora Mãe do Povo - 1858
  - Cemitério dos Variolos – 1860

Figura 53- Localização dos Cemitérios de Maceió até 1860.

Fonte: Plano de Maceió, 1841, 1859, 1865, 1930 e 1960 apud CAVALCANTI (1998), trabalho por Regina Barbosa (2013).

O Cemitério São José é o maior cemitério público da capital alagoana e o último construído da região que vai do Jaraguá ao Trapiche. Antigamente a região contava com cinco cemitérios, sendo o Cemitério dos Coléricos e o Cemitério dos Ingleses desativados tempo depois.

Parte da população abastada de Maceió, que residia, principalmente, no bairro do Bebedouro, iniciava a ocupação do Planalto do Jacutinga, procurando altitude, distância do mar (ainda visto como ruim) e por estar localizado próximo do bairro do Centro. A essa época, a Av. Fernandes Lima, até próximo ao Quartel do Exército, já estava tomada por mansões onde residiam os usineiros, industriais, comerciantes e políticos. Mais tarde, este bairro ficou conhecido como bairro do Farol, já que era neste local a antiga localização do farol<sup>26</sup> (PIMENTEL, 1991).

<sup>26</sup> O farol que deu nome ao bairro foi destruído por uma tromba d'água em 1949 e atualmente existe um outro localizado no bairro do Jacintinho.

Posteriormente, a cidade se estendeu pelo litoral onde já existiam algumas vilas movimentadas e freguesias, a exemplo de Ipioca, que no passado já fora inclusive Vila. Em Ipioca foi construído um cemitério, em meados da década de 1930. Contudo, existe um espaço lateral à capela-mor da igreja Nossa Senhora do Ó, arcossólio<sup>27</sup> (Imagens 54 e 55), e esse espaço denomina-se “antigo cemitério”.



Figuras 54 e 55- Igreja de Nossa Senhora do Ó – Localização dos arcossólios na lateral da capela.

Fonte: Mariana Freitas (2012).

Nesta igreja há vestígios testemunhais de enterramento em suas dependências. Segundo o pesquisador Benedito Fonseca “a igreja também funcionava como cemitério na parte da galeria (abaixo do consistório) atendendo a população da região, o que ainda hoje é evidenciado pelas catacumbas” nas paredes da igreja; à rigor

o cemitério é muito simples, com sepulturas abertas na parede para corpos deitados, acompanha o tamanho da Capela-mor e da sacristia juntas. Na largura, que é o tamanho da capela do Santíssimo, há uma pequena porta que liga esta ao cemitério e outra, no tamanho padrão do templo, que dá acesso ao exterior para o lado do nascente, junto à capela do Santíssimo. [...] não há janelas e sim olhos (buracos redondos para ventilação). (FONSECA, 2003, apud TOMÁS e SANTOS, 2006, p. 26-27).

Assim como o Cemitério de Santa Luzia, no bairro de Riacho Doce, o Cemitério de Nossa Senhora do Ó de Ipioca, revelou-se necessário, já que os cemitérios existentes em Maceió estavam localizados a uma grande distância destas localidades. Foi também na década de 1930 que a cidade começou a se expandir ocupando o bairro do Farol, Alto de Sta. Cruz e Mangabeiras com um traçado mais ortogonal, diferenciando do antigo traçado encontrado no bairro do Centro (SOUZA e ALMEIDA, 2000).

<sup>27</sup> Ver nota 9 na página 26.

Segundo Pimentel (1991), com o desenvolvimento de Maceió diversas pessoas que moravam no interior do Estado migraram para a capital à procura de emprego. Estas pessoas começaram a ocupar, de forma irregular, um vale, em meados de 1950, já que ninguém da alta sociedade queria morar naquela mediação, surgindo assim o bairro do Jacintinho.

Na década de 1960 foi construída a estrada que levava ao eixo norte, ligando a cidade aos pequenos povoados já existentes, como também construída a atual Av. Fernandes Lima, aumentando a população no bairro do Farol (Imagem 68). Por já existir saneamento, transporte e eletricidade esta avenida começou a ser ocupada, dela irradiando novos bairros (Imagem 56).

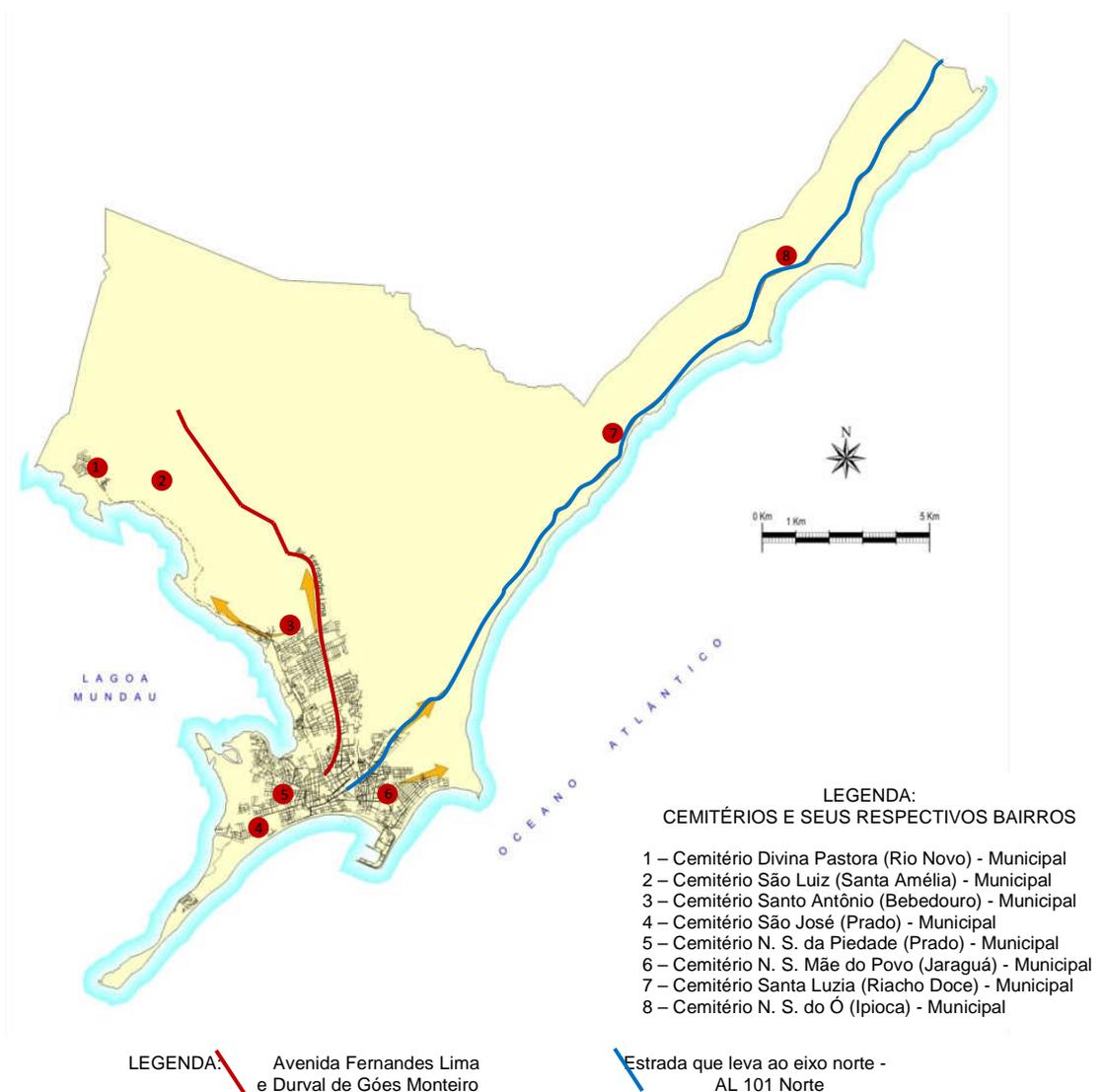


Figura 56- Mapa da Evolução Urbana 1960.

Fonte: Secretaria de Planejamento, 2006, trabalhado por Regina Barbosa (2013).

Ainda na Av. Fernandes Lima, na década de 1970, especificamente em 1973, foi inaugurado em Maceió o Campo Santo Parque das Flores no bairro do Canaã (Imagem 57). Nesta época, a situação já se encontrava precária nos cemitérios do município, sendo quase extinta a aquisição de novos jazigos. Este campo santo foi uma grande novidade, já que seguiam os padrões americanos com uma arquitetura e agenciamentos limpos, simplificados e funcionais.

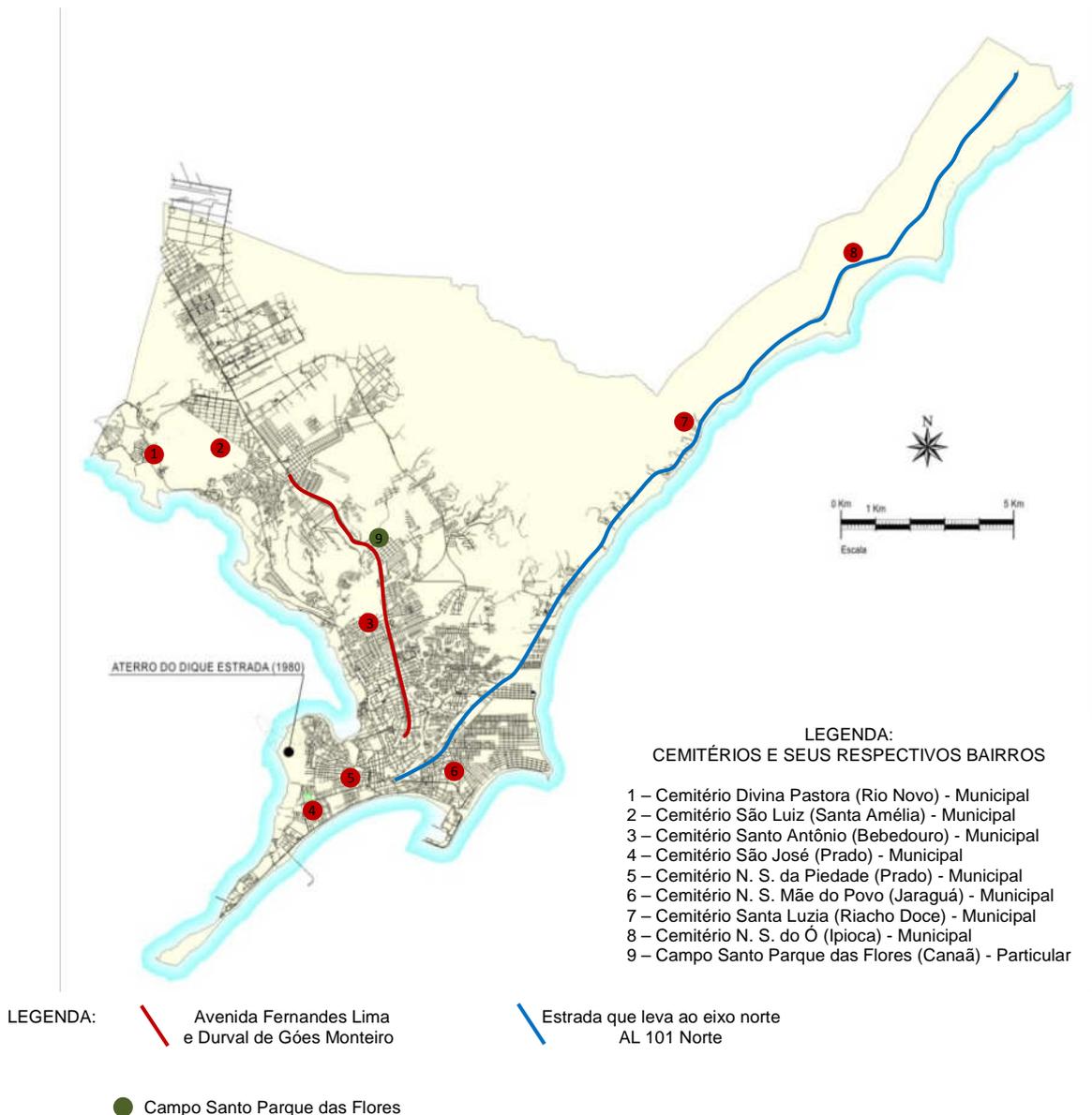


Figura 57- Mapa da Evolução Urbana 1980 e localização do Campo Santo Parque das Flores.

Fonte: Secretaria de Planejamento (2006), trabalhado por Regina Barbosa (2013).

Na década de 1980, parte da população de baixa renda que ocupava outros bairros em Maceió se desloca para outro trecho da parte alta da cidade, surgindo assim o bairro do Benedito Bentes, em 1986, oferecendo a esta população melhor padrão de vida.

Em 2010 também foi inaugurado neste bairro um novo cemitério para atender à população maceioense, já que este bairro é um dos mais populosos e não possuía nenhum cemitério para acolher a população após a morte. O Memorial Parque de Maceió faz parte do Grupo Parque das Flores e é mais um cemitério particular de Maceió, mas com um preço mais acessível, sendo este o último cemitério a ser construído na capital Alagoana (Imagem 58).

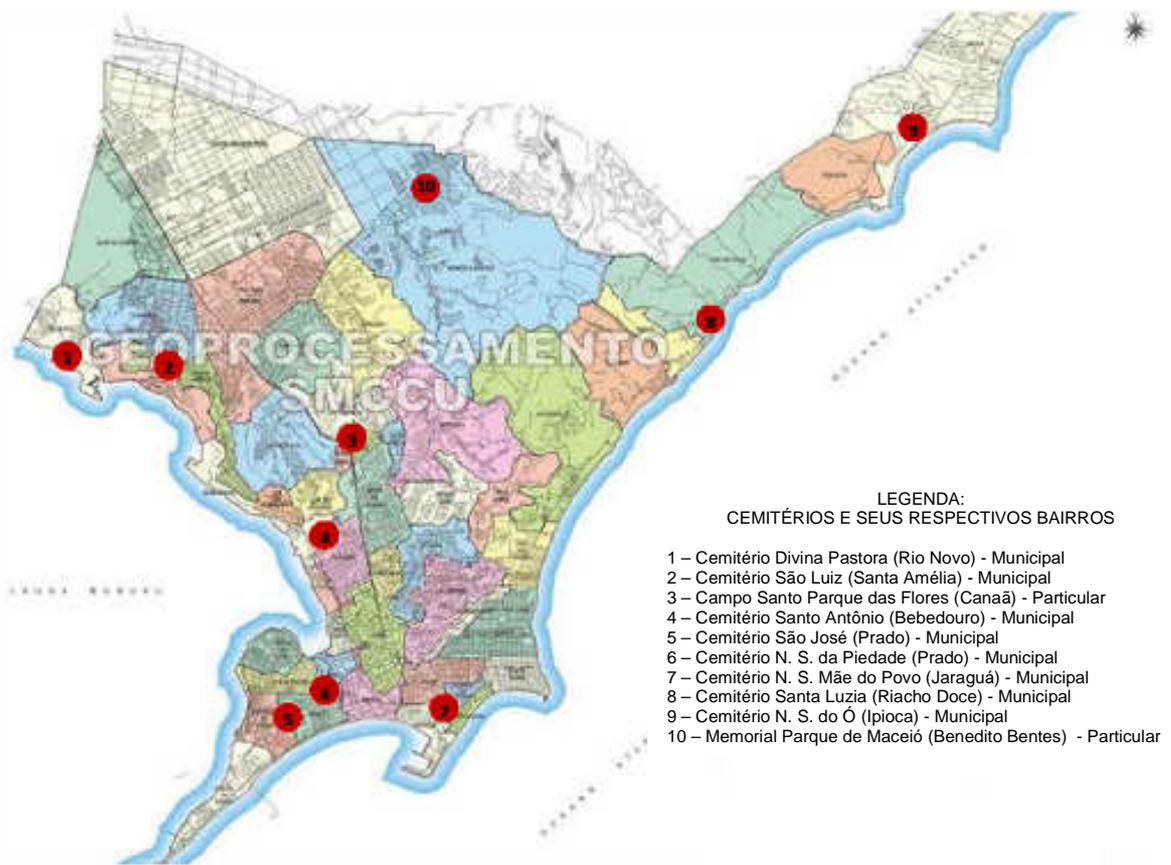


Figura 58- Mapa da localização dos cemitérios atuais na cidade de Maceió.

Fonte: <http://www.bairrosdemaceio.net/mapa%20smccu.htm>, modificado por Regina Barbosa (2012).

Não se sabe ao certo a ligação do surgimento de alguns bairros com alguns dos cemitérios presentes, pois como não há datas precisas, não se tem como afirmar se já havia alguns cemitérios afastados da cidade (como ocorria normalmente em outros lugares pela negação aos mortos por conta das doenças); e, com o desenvolvimento, Maceió acabou por inserir estes cemitérios em seus limites urbanizados e habitados.

Contudo, atualmente, é o bairro do Prado o que possui uma grande demanda de edificações de serviços e comércios ligados à morte, na sua maioria instaladas próximo ao

Cemitério Nossa Senhora da Piedade, como funerárias, central de velórios e planos funerários, Instituto Médico Legal (IML), floricultura, hospitais (Santa Casa de Misericórdia de Maceió e Pronto-Socorro), Panteão da Praça Afrânio Jorge<sup>28</sup>, marmoraria, Central de Velórios e outros (Imagem 59).

Apesar dos cemitérios existentes em Maceió, a concentração destes serviços e comércio funerários ainda se encontram no bairro do Prado, visto que os cemitérios Nossa Senhora da Piedade e o São José são os mais conhecidos e utilizados cemitérios públicos desta capital.

---

<sup>28</sup> Construído para receber os restos mortais dos Marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto.



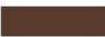
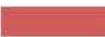
- |   |                            |   |                                    |   |                               |   |                    |
|---|----------------------------|---|------------------------------------|---|-------------------------------|---|--------------------|
|  | Plano Funerário            |  | Praças                             |  | Antigo Asilo Santa Leopoldina |  | Panteão            |
|  | Funerária                  |  | Antiga faculdade de Medicina/ IML  |  | Floricultura                  |  | Central de Velório |
|  | Cemitério N. S. da Piedade |  | Santa C. de Misericórdia de Maceió |  | Igrejas Católicas             |  | Marmorarias        |

Figura 59- Uso do solo de trecho próximo aos cemitérios do bairro do Prado.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

## 2.1 AS IGREJAS E SEUS OSSÁRIOS

Assim como em vários lugares da Europa e do Brasil, em Maceió, as igrejas por alguns anos também assumiram o papel de abrigar os mortos de famílias mais abastadas, dedicando uma parte do espaço físico aos ossários. Diversas pessoas foram sepultadas dentro das igrejas e à sua volta ainda mesmo depois da Carta Régia de 1801, na qual proibia enterros dentro da mesma, por questão de saúde e higiene, como já foi mencionado no capítulo anterior.

A partir de visitas *in loco*, constatou-se que são notáveis estes sepultamentos dentro das igrejas do município, principalmente as mais antigas como as igrejas do Rosário dos Pretos (Imagem 60), Catedral Metropolitana, Igreja dos Martírios, Igreja do Livramento e Igreja de São Benedito, localizadas no bairro do Centro, a Igreja de Nossa Senhora Mãe do Povo, localizada no Jaraguá e a Igreja de Nossa Senhora do Ó, no bairro de Ipioca. Também foram visitadas as Igrejas de Santo Antônio de Pádua, no Bebedouro e a de Nossa Senhora das Graças, no Centro, sendo que em ambas não foi encontrada nenhuma lápide.



Figura 60- Túmulo de Dom Adelmo Machado na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Centro.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

De acordo com entrevista realizada pela Gazeta de Alagoas em 01 de março de 2009 com o Padre Érico Falcão da Igreja de São Benedito, no bairro do Centro, dentro das igrejas eram sepultados, principalmente, membros das tradicionais famílias, datando os primeiros túmulos do século XIX. Segundo o Padre Érico, “antes, essa prática era um sinal de *status*, hoje, é simplesmente uma expressão de fé das pessoas na santidade do lugar”.

Ainda na entrevista, o padre fala que a Igreja de São Benedito recebe novos ossuários, mas que algumas regras têm que ser cumpridas, a exemplo da padronização da placa de mármore que identifica o túmulo (lápide), como também o material da urna, tendo este que ser de aço inoxidável ou de bronze. A maior parte das igrejas de Maceió não recebe mais novos ossuários, por causa da falta de espaço, exceto dos membros da própria igreja.

Com as reformas das igrejas, muitos destes ossuários, presentes nas igrejas de Maceió, foram transferidos, e em alguns casos, os próprios padres mandavam retirar as lápides das paredes e dos pisos, como também os restos mortais, tornando os túmulos inexistentes no interior de algumas igrejas.

Na Igreja de São Benedito (Imagem 61) e na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (Imagem 62), foi construído um ossuário fora do salão principal. Na Igreja do Livramento estes ossuários foram removidos restando apenas quatro deles locados na sala do padre. Isso também ocorreu na Igreja dos Martírios, restando apenas um ossuário localizado atrás do altar-mor. Vale ressaltar que a Catedral Metropolitana é a que mais possui ossuários, estando estes distribuídos por toda a igreja, tanto nos pisos quanto nas paredes.



Figura 61- Ossuário presente nos fundos da Igreja de São Benedito, Centro.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 62- Ossuário da Igreja de N. S. do Rosário dos Pretos, Centro.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Na entrevista, o padre fala ainda da inadimplência das famílias que possuem seus entes nos túmulos da Igreja de São Benedito, e que os aluguéis seriam para ajudar na conservação do templo. A Igreja de São Benedito reúne, atualmente, mais de 300 nomes.

A hierarquização existente naquela época, onde apenas pessoas das famílias abastadas e membros da igreja poderiam ser sepultados dentro das mesmas, pode ser

observada no livro “Cemitérios de Maceió” de Félix Lima Júnior (198-). Em Maceió, principalmente, ao redor das igrejas do bairro do Centro, após novas urbanizações no local ou reformas das ruas, ao escavarem foram encontradas diversas ossadas humanas e esqueletos.

Ainda segundo Lima Júnior (198-), exemplo deste fato pode ser recordado em 1929, quando o então Intendente de Maceió, Dr. Ernandi Teixeira Bastos, mandou rebaixar e consertar o calçamento da Rua Dr. João Pessoa; durante as obras foram encontrados esqueletos em frente à Igreja do Rosário. Em 1957 ao ser reformado um prédio junto ao templo citado, foram achados no subsolo mais esqueletos. Outro fato ocorreu em 1967 quando reformavam a ladeira do Cortiço no mesmo bairro, localizada próximo à Rua do Comércio, sendo encontradas duas ossadas de recém-nascidos e uma cabeça de adulto.

Estes acontecimentos fizeram com que se sustentassem a noção da existência de sepultamentos aqui em Maceió também próximo às igrejas, como ocorria na Europa e em todo Brasil. Afirmando assim que todos os católicos, ricos ou pobres, procuravam enterrar seus entes perto das igrejas, ficando assim mais próximo a Deus.

## 2.2 CEMITÉRIOS: ANTIGOS OU NOVOS, MAS EXISTENTES

Conforme mencionado, Maceió aos poucos foi se expandindo para diversas áreas de acordo com o crescimento populacional. Surgiam novos bairros e novas periferias, tanto no litoral quanto na área rural e manteve-se a necessidade de não só abrigar as pessoas durante sua vida, mas também após a morte, sepultando seus entes dignamente. A partir dessa necessidade surgiam os cemitérios, incentivados também pela proibição dos sepultamentos no interior das igrejas católicas.

Os primeiros cemitérios foram construídos fora do perímetro urbano densificado por habitações, por conta das doenças, devido à contaminação do solo. Posteriormente estes cemitérios acabaram sendo "acolhidos" pela cidade por conta da expansão urbana. Diferente dos antigos cemitérios, os novos cemitérios (Campo Santo Parque das Flores e Memorial Parque de Maceió) foram construídos dentro da cidade de Maceió, próximo de habitações, sendo um novo conceito de cemitérios conhecidos como campos santos, que possui uma maior preocupação ambiental e com a saúde da população local.

A cidade de Maceió conta atualmente com 10 (dez) cemitérios espalhados por oito bairros (ver imagem 46, p. 59). Segundo o Departamento de Cemitérios da SMCCU<sup>29</sup>, estes

---

<sup>29</sup> Superintendência Municipal de Controle do Convívio Urbano.

cemitérios atendem precariamente a uma população, já que são enterrados nos cemitérios da capital não só os maceioenses, mas também os moradores da região metropolitana de Maceió.

Dentre estes dez cemitérios, dois são privados, sendo os outros públicos. Os cemitérios municipais foram recentemente recuperados, melhorando seu aspecto em relação à conservação e pintura das capelas, fachadas, administração e definição de meio-fio.

Atualmente, os cemitérios municipais de Maceió não atendem à população, encontrando-se superlotados, sendo necessária a construção de novos cemitérios municipais para sepultar esta parcela da população que não possui renda para comprar um jazigo nos cemitérios particulares.

Vale ressaltar que, segundo reportagem de Bruno Soriano, em 19 de agosto de 2009, os vereadores de Maceió cobraram a construção de mais um cemitério público na capital, a ser situado no bairro do Benedito Bentes, sendo esta população mais afetada, principalmente, por não existir nenhum cemitério próximo. Diferente do proposto, em 2010 foi inaugurado o Memorial Parque Maceió no bairro do Benedito Bentes, sendo este um cemitério particular, mas com preços acessíveis à população mais baixa, e do mesmo grupo do Campo Santo Parque das Flores.

Nos cemitérios municipais, os túmulos, com o passar do tempo, vão sendo esquecidos pelas famílias, encontrados ao abandono, e muitas destas famílias já não pagam as taxas devidas há anos. Segundo o administrador do Cemitério São Luiz, Carlos Victor, informou que geralmente os católicos preservam mais a memória de seus entes que partiram, conservando e restaurando os túmulos. Vale ressaltar que, assim como nos cemitérios públicos, nos cemitérios particulares também se aplica o sistema de cobrança de taxas, independente das pessoas já terem pago pelo jazigo.

### **2.2.1 Cemitério Nossa Senhora Mãe do Povo**

Localizado no bairro do Jaraguá (Imagem 63), segundo Maria Loreta Feitosa<sup>30</sup> teve início em meados de 1840, onde hoje se encontra uma igreja, sendo transferido anos depois por conta de uma doação do terreno ao lado, ficando o cemitério a cargo da Irmandade de Nossa Senhora Mãe do Povo.

---

<sup>30</sup> Informações obtidas a partir de conversas *in loco* com a administradora do Cemitério Nossa Senhora Mãe do Povo em Jaraguá.

Assim como diversos cemitérios, não se sabe o ano de inauguração, mas seu primeiro e mais antigo túmulo data de 1894, sendo neste sepultado o filho e a esposa do vice-cônsul britânico Arthur LL. Griffith Williams. Vale ressaltar que muitos destes antigos túmulos são de estrangeiros ingleses. Segundo informação do Padre Érico, da Igreja de São Benedito, este cemitério era o único que na época aceitava os acatólicos. Segundo Félix Lima (198-), o cemitério ficou muito tempo abandonado e só na década de 1950 sua administração foi transferida para o município, sendo ampliado em 1966 pelo aumento dos habitantes nos bairros próximos.



Figura 63- Entrada do Cemitério Nossa Senhora Mãe do Povo, Jaraguá.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Foi também na década de 1960 a construção da capela para missas e velórios (Imagem 64). O traçado do cemitério possui ruas paralelas e lineares, sendo de fácil acesso na parte ampliada, o que facilitou o contato da população com seus entes ali sepultados, ao contrário da parte antiga, para visitar túmulo, mais afastado, as pessoas acabam pisando em algumas sepulturas. Os túmulos em sua maioria possuem o mesmo estilo, mudando apenas o material de revestimento<sup>31</sup>, sendo geralmente, com duas ou três gavetas na vertical e um velário<sup>32</sup> com um ossário na parte superior (Imagem 65).

<sup>31</sup> A partir da visita ao cemitério, notam-se os diversos tipos de revestimentos desta tipologia de túmulo. Pode-se encontrar túmulos apenas chapiscados, outros rebocados e pintados, alguns nos mais diversos tipos de cerâmica, como também revestidos de granito e mármore.

<sup>32</sup> Segundo Elayne Souza (2007), velário é um pequeno espaço arquitetônico reservado para o acendimento de velas, protegendo-as da ventania.



Figura 64- Capela do Cemitério N. S. Mãe do Povo, Jaraguá.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 65- Modelo do túmulo mais utilizado no cemitério de Jaraguá.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

### 2.2.2 Cemitério Nossa Senhora da Piedade

Efetivamente é um dos mais antigos cemitérios de Maceió, foi inaugurado em 1850 no atual bairro da Prado. Somente seis anos após sua inauguração foi iniciada a construção da capela da necrópole (Imagem 66), tendo sido inaugurada e abençoada em 1868. Em 1880, a Câmara Municipal transferiu a administração do cemitério para o município, antes pertencente à Santa Casa de Misericórdia. Já no ano de 1910, a necrópole já se encontrava superlotada e aconselharam que não dessem mais licença para novos mausoléus e para sepulturas perpétuas e que fossem construídos novos cemitérios para a população (LIMA JÚNIOR, 198-).

O cemitério, hoje bem mais ocupado e sem área de expansão, conta com inúmeros mausoléus de famílias abastadas de Maceió, a exemplo da família Tavares Bastos, Paiva, Mendonça, Guimarães, Quintella e ainda outras, sendo considerados verdadeiros monumentos, com obras de artes nos mais diversos tipos e materiais; como também, ossários e túmulos mais simples (Imagem 67), sustentando assim a grandiosidade dessas famílias. Possui ruas separando suas quadras, com sua principal e larga avenida central que leva os visitantes a capela.



Figura 66- Capela do Cemitério N. S. da Piedade, Prado.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 67- Jazigos e arcosólios presentes no muro do cemitério.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

### 2.2.3 Cemitério São Luiz

O Cemitério São Luiz (Imagem 68) está localizado no bairro de Santa Amélia e, segundo Carlos Victor<sup>33</sup>, teve sua inauguração em meados de 1889, sendo também deste ano o túmulo mais antigo do cemitério, pertencente à família Calado, que, no entanto não pode ser mais encontrado no local, já que em 02 de maio de 2009, este túmulo foi demolido, dando lugar a um mais novo. Atualmente o túmulo mais antigo encontrado no cemitério data de 1926 (Imagem 69).

Atendendo principalmente aos moradores do bairro de Santa Amélia, de Fernão Velho e das proximidades, segundo Lima Júnior (198-), o cemitério provavelmente era particular, pertencente à fábrica de tecidos Carmem, mas que podiam ser sepultados qualquer pessoa. Ainda segundo o autor, em 1976 esta mesma fábrica doou um terreno para sua ampliação, atendendo à população por mais alguns anos.

<sup>33</sup> Foi administrador do cemitério de São Luiz, no bairro de Santa Amélia, durante 11 anos.



Figura 68- Entrada do Cemitério São Luiz, Santa Amélia.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 69- Túmulo de José Brito Lisboa.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

O ex-administrador do local, Sr. Carlos Victor, informou que neste cemitério não existe mais espaço para novas sepulturas, encontrando-o lotado. O cemitério conta com uma administração e uma capela que também foram reformadas há aproximadamente dois anos e um amplo estacionamento. Possui várias ruas calçadas, com nomes, facilitando o acesso dos pedestres bem como os dos veículos que podem entrar no cemitério.

#### 2.2.4 Cemitério Santo Antônio

Segundo Elayne Souza (2007), em 1886, um dos mais antigos moradores do bairro do Bebedouro, o Sr. Jacinto José Nunes Leite, notou que o bairro necessitava de um cemitério, já que a população era sepultada em locais impróprios, próximos à Igreja de Santo Antônio de Pádua. Este senhor assumiu todas as despesas para a construção da necrópole, exceto a construção de seu muro, ficando este cemitério conhecido como Santo Antônio (Imagem 70), já que está localizado próximo à igreja do bairro que possui o mesmo nome.

Em relação ao ano de sua inauguração, os atuais funcionários do local não sabem afirmar, mas o túmulo mais antigo é da Família Ether, que data 1906 (Imagem 71). Segundo Félix Lima (198-), inicialmente, a guarda do cemitério ficou a cargo da Igreja, sendo sua administração passada ao município em 1956. Em sessão da Câmara em 1966, o então vereador Luis Correa solicitou que a necrópole fosse ampliada, sendo seu pedido realizado em 1968, desapropriando um terreno aos fundos do cemitério.



Figura 70- Vista geral do Cemitério Santo Antônio, Bebedouro.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 71- Túmulo da Família Ether (1906).

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Este cemitério localiza-se em um terreno com topografia acidentada, tendo ao lado esquerdo de sua entrada um declive acentuado, o que prejudica a utilização do terreno para a implantação de túmulos no cemitério, aumentando o problema, já que em dia de chuva é comum o deslizamento de terra, e segundo a Sra. Mércia<sup>34</sup>, a população que mora nesta parte alta joga lixo, entulhos e até animais mortos dentro da necrópole.

O cemitério conta com instalações para administração, ossário, quarto para os funcionários e uma capela para velórios com banheiro. Possui poucas ruas calçadas e assim como muitos outros cemitérios da cidade os túmulos são de difícil acesso.

### 2.2.5 Cemitério Santa Luzia

Situado no bairro de Riacho Doce, é o menor cemitério da capital (Imagem 72). Possui uma única rua central, como o de Nossa Senhora do Ó, que leva os visitantes até a administração e à capela do mesmo, no mais, os visitantes andam pelo barro e em cima dos túmulos. Possivelmente o cemitério data de meados de 1915, visto que é deste ano o túmulo mais antigo encontrado no local.

Na parte posterior de seu terreno, o cemitério possui um pequeno ossário (Imagem 73), sendo este pouco utilizado, pois segundo Elayne Souza (2007), passado o tempo para exumação, as famílias que possuem túmulos em cova rasa, optam por arrendar o espaço e manter seus restos mortais ali, ao invés de transferi-los para o ossário, sendo esta exumação realizada só depois de cinco anos da data de sepultamento.

<sup>34</sup> Funcionária do Cemitério Santo Antônio.



Figura 72- Vista do Cemitério Santa Luzia, Riacho Doce.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 73- Ossuário presente nos fundos do Cemitério Santa Luzia, Riacho Doce.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

### 3.2.6 Cemitério São José

Conhecido também como “Cemitério do Caju” ou “cemitério dos pobres”, está localizado no bairro do Prado, ao lado do Parque da Pecuária. Como já mencionado no capítulo anterior, segundo Lima Júnior (198-), este cemitério foi inaugurado em 1920 por conta da enorme crescente de mortos na época pela gripe “espanhola”, sendo o maior cemitério da cidade (Imagem 74). Seu nome foi dado em homenagem ao Dr. José Fernandes de Barros Lima, Governador do Estado, mas é chamado também de “Cemitério do Caju” já que no local existiam muitos cajueiros. Em 1921, o cemitério foi murado e construíram uma pequena capela (Imagem 75) dentro dele. E desde 1924 sua administração ficou a cargo da municipalidade.

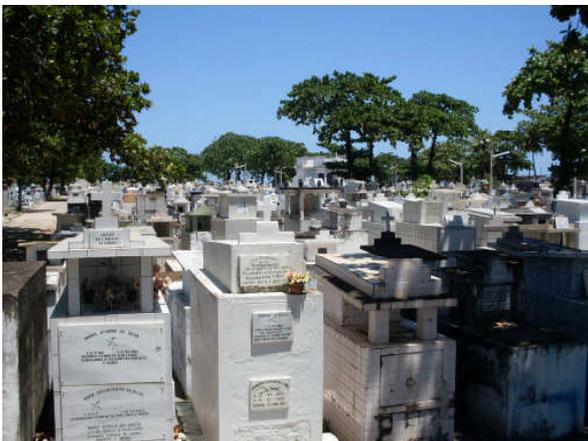


Figura 74- Vista geral do Cemitério São José, Prado.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 75- Capela do Cemitério São José, Prado.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Ao visitar o local em Dia de Finados, é comum o comércio que se forma à volta do cemitério, com venda de velas, doces, pipocas, grinaldas e fósforos.

### 2.2.7 Cemitério Nossa Senhora do Ó

Com base em visitas *in loco*, verificou-se que do cemitério é possível obter uma vista panorâmica da praia de Ipióca (Imagem 76), sendo localizado na parte alta do bairro. Datando de meados de 1930 (data dos túmulos mais antigos), possui uma única rua calçada, que vai para a capela e a administração, sendo todos os demais caminhos em barro. Ao lado direito da administração se encontra um cruzeiro (Imagem 77) bastante utilizado para colocação de velas, principalmente, em Dia de Finados.



Figura 76- Vista panorâmica da praia de Ipióca pelo cemitério.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 77- Cruzeiro – Cemitério Nossa Senhora do Ó, Ipióca.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Não se sabe o ano exato da construção da capela, mas segundo Félix Lima (198-), em sessão da Câmara Municipal, de 7 de maio de 1973, o Vereador Audival Amélio solicitou que fosse construída uma capela no cemitério. No ano de 1994, na administração de Moacir Anselmo do Nascimento<sup>35</sup> foi construída junto à capela, a administração deste cemitério, sendo ambas reformadas em 2006, assim como foram reformados todos os cemitérios municipais de Maceió.

Como é bastante arborizado e ventilado, pôde ser notado a partir de visitas ao cemitério que a população local costuma ficar conversando dentro do mesmo para passar o

<sup>35</sup> O Sr. Moacir Anselmo reassumiu a administração do cemitério em 2012 e continua sendo o administrador do mesmo.

tempo, já que o bairro é tranquilo e sem grande movimentação. Segundo o administrador do local, é um dos poucos cemitérios que ainda recebem novos sepultamentos.

### 2.2.8 Cemitério Nossa Senhora Divina Pastora

Localizado na parte alta do bairro de Rio Novo, encontra-se sempre com difícil acesso em época de chuva, quando a subida de automóveis é dificultada, visto que não possui calçamento e sua estrada de barro é tomada por enormes depressões. O cemitério se encontra ao lado e aos fundos da Igreja Nossa Senhora Divina Pastora (Imagem 78), que foi construída em 1850. O túmulo mais antigo encontrado no local data de 1933, sendo este túmulo reformado em 1935. A capela e sua administração também foram reformadas há aproximadamente dois anos e um ossário foi construído em 2009.



Figura 78- Igreja e Cemitério Divina Pastora, Rio Novo.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 79- Vista geral do Cemitério Divina Pastora, Rio Novo.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Segundo Joelma Maria, participante dos movimentos da Igreja N. S. Divina Pastora, o cemitério é mais antigo do que a atual igreja, mas existia no local uma antiga capela que, assim como o cemitério, atendia à população de toda região. Ainda segundo Joelma, durante a construção da igreja um muro caiu em cima de dois homens (pai e filho), sendo estes sepultados embaixo do piso desta, bem como um sacerdote e D. Georgina Machado e seu esposo, donas daquelas terras. Este fato não pode ser constatado, visto que ainda não foi feito um estudo arqueológico no local.

Este cemitério não possui ruas calçadas e é difícil transitar entre as covas (Imagem 79). Aos fundos encontrasse uma imensa área coberta por vegetação, possuindo inúmeros túmulos de indigentes. Vale ressaltar que na entrada do cemitério também foi deixado um

espaço para o sepultamento de indigentes com a identificação do IML e da polícia sobre cada sepultura.

### 2.2.9 Campo Santo Parque das Flores

O Campo Santo Parque das Flores foi o primeiro de caráter cemitério jardim implantado na cidade de Maceió (Imagens 80 e 81), sendo inaugurado em 14 de novembro de 1973, no bairro do Canaã, pela Cipal (Comércio e Ind. Predial Ltda).



Figura 80- Lápide em granito.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 81- Entrada do Campo Santo Parque das Flores, Canaã.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Inspirado nos cemitérios de estilo americano, possui um ajardinamento planejado, atendendo à disposição de caráter urbanístico. Com linhas retas e modernas, este cemitério é completamente diferente dos outros, sendo construído inicialmente para atender à chamada classe “A”. Sabe-se que atualmente este cemitério atende também a classe “B”, já que é visível a superlotação nos cemitérios municipais.

O Parque é dividido em 4 tipos de áreas (Anexo C), diferenciadas pelos preços cobrados pelas sepulturas. Atualmente os preços dos jazigos variam em área especial e as áreas A, B e C (possuindo as duas últimas o mesmo valor). Segundo o “site” do Grupo Parque das Flores<sup>36</sup>, este cemitério possui atualmente 14 mil jazigos, dos quais 11 mil foram comercializados, e um total de 12.400 sepultamentos já realizados.

<sup>36</sup> Disponível em: < <http://www.grupoparque.com.br/empresas/campoSantoParqueDasFlores/>>.

### 2.2.10 Memorial Parque Maceió

Localizado no bairro do Benedito Bentes, o Memorial Parque Maceió (Imagens 82 e 83) faz parte do Grupo Parque das Flores e foi inaugurado em 2010, seguindo os mesmos padrões americanos falado anteriormente. Neste cemitério os jazigos possuem o mesmo preço, procurando atender também a uma classe mais baixa da população alagoana.



Figura 82- Bloco Principal do Memorial Parque Maceió, Benedito Bentes.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 83- Área dos jazigos.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Em ambos os cemitérios jardins seus jazigos são identificados pela quadra, letra e número, sendo esses dados encontrados nas lápides em granito de cada jazigo.

O Memorial Parque de Maceió oferece os mesmos equipamentos que o Parque das Flores, como banheiros, administração, central de vendas, estacionamento, capelas para velórios com apartamentos, floricultura e lanchonete.

## 2.3 CLASSIFICAÇÃO DOS TÚMULOS

Nos cemitérios mistos podem ser vistos diversas tipologias de sepulturas, decorrente, geralmente, do poder aquisitivo da família do morto.

Dentre estas tipologias encontra-se a cova rasa (Imagem 84), bastante utilizada para o sepultamento de indigentes e de pessoas sem poder aquisitivo para a construção do túmulo. Neste tipo de sepultura é cavado um buraco no solo, onde o caixão é colocado diretamente sobre ele, sem nenhum tipo de vedação, e depois coberto com terra. A identificação do morto pode ser através de uma cruz ou de uma lápide. No caso dos

indigentes, é fincado no solo, em cima da sepultura, um pedaço de madeira com uma numeração e data para reconhecimento do IML, a exemplo do que ocorre no cemitério Divina Pastora, no bairro Rio Novo, em Maceió (Imagem 85).



Figura 84- Cova rasa, Cemitério São José, Prado.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 85- Cova rasa para indigentes – Cemitério Divina Pastora, Rio Novo.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

As sepulturas do tipo carneirinho ou jardineira (Imagem 86) são parecidas com a cova rasa, mas com um diferencial: nelas são feitas uma pequena mureta ou um cercado (podendo este ser de madeira ou ferro), delimitando o espaço da sepultura, e coberto, geralmente, com flores e/ou plantas. A identificação do morto pode ser encontrada em uma cruz ou em placas de mármore expostas em pequenas construções que servem também para guardar imagens, santos e velas.



Figura 86- Sepultura tipo carneirinho – Cemitério São José, Prado.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Nos cemitérios mais tradicionais de Maceió estão sendo construídos inúmeras gavetas e jazigos. Este tipo de sepultura é bastante utilizado por conta da falta de espaço,

fazendo com que em um pequeno lugar possam ser sepultadas diversas pessoas. As gavetas podem estar locadas lado a lado ou uma sobre a outra, e os caixões podem ser colocados de forma longitudinal ou transversal (Imagens 87 e 88). Nestes podem ser feitos pequenos compartimentos para que, após o período de exumação, sejam retirados os ossos, dando espaço para uma nova sepultura da mesma família.



Figura 87- Jazigos onde os caixões são colocados na transversal – Cemitério Nossa Senhora da Piedade, Prado.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 88- Jazigos onde os caixões são colocados na longitudinal – Cemitério Nossa Senhora da Piedade, Prado.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Exemplo deste tipo de sepultura são os enormes túmulos com várias gavetas onde são sepultadas pessoas de um mesmo grupo ou entidade como o dos Ex-combatentes da II Guerra Mundial e o da Polícia Civil de Alagoas (Imagens 89 e 90), ambos localizados no Cemitério Nossa Senhora da Piedade; e de várias lojas maçônicas encontrados em ambos os cemitérios do Prado.



Figura 89- Jazigo dos Ex-combatentes do Exército da II Guerra Mundial – Cemitério Nossa Senhora da Piedade, Prado.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 90- Jazigos de lojas maçônicas e do Sindicato dos Policias Cívís – Cemitério Nossa Senhora da Piedade, Prado.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Esta sobreposição ocorre também de forma subterrânea, a exemplo do Cemitério Parque das Flores, no bairro Canaã, onde é construída uma “estrutura pré-moldada que reveste lateralmente a cova (Imagem 91), permitindo, após a colocação do primeiro caixão, a adição de tampos pré-moldados que se tornam um tipo de laje, o qual servirá de base para colocação do segundo caixão” (SOUZA, 2006, p.36), onde acima são colocados novos tampos para depois serem cobertos com grama (Imagem 92).



Figura 103- Estrutura pré-moldada para dois caixões – Cemitério Parque das Flores, Canaã.

Fonte: SOUZA, Elayne, 2006.

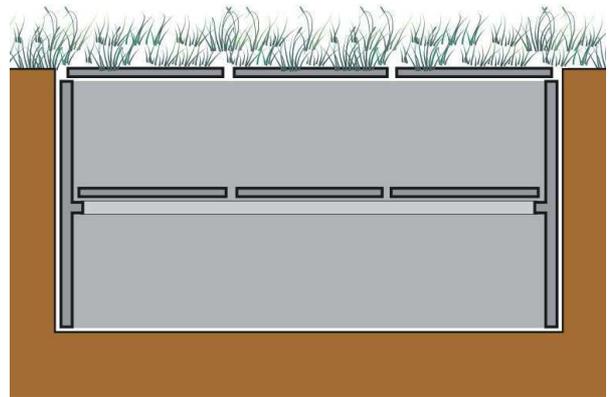


Figura 104- Ilustração do corte longitudinal da estrutura pré-moldada.

Fonte: SOUZA, Elayne, 2006.

Outro tipo de sepultura encontrada é o mausoléu (Imagem 93), também conhecido como cripta (SOUZA, 2006). São neste tipo que principalmente as famílias abastadas constroem verdadeiras obras de arte, sepultando seus entes no interior destas edificações ou templos.

Os ossuários ou ossários (Imagem 94) também estão presentes nos cemitérios públicos, nos quais não são realizados sepultamentos, servindo apenas para guardar os restos mortais após a exumação, onde os ossos são colocados dentro de uma urna ou mesmo dentro de um saco plástico. Geralmente, a família do morto coloca uma lápide em frente ao ossuário para sua identificação. Ele está sendo o mais utilizado, já que legalmente não é permitido mais a venda de novos lotes nos cemitérios municipais desta capital, que são os mais antigos, fazendo com que depois de aproximadamente 3 anos<sup>37</sup> sejam retirados os restos mortais, e postos nestes ossuários, cedendo lugar a um novo sepultamento.

A superlotação nos cemitérios municipais de Maceió, existe há vários anos, fez com que ocorresse uma invasão dos túmulos nos espaços destinados à circulação de pedestres

<sup>37</sup> O tempo para exumação depende do cemitério e da sua atual capacidade para novos sepultamentos, podendo variar de 3 a 10 anos para que ocorra a exumação. Segundo Elayne Souza (2006), para os túmulos perpétuos ou próprios, a retirada dos restos mortais dá-se a cada 5 anos para os cadáveres sem a presença de formol, 7 anos para cadáveres com a presença de formol ou ex-usuários de remédios e 15 anos para os cadáveres embalsamados. Este último é introduzido no cadáver substâncias que o isentem da decomposição.

e carros no interior destes cemitério, como também nos espaços entre as covas, fazendo com que tivessem um aproveitamento total do cemitério de forma irregular (SOUZA, 2006).



Figura 93- Túmulo de Justina Sª Torres e sua família (1898) – Cemitério Nossa Senhora Mãe do Povo, Jaraguá.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 94- Ossário – Cemitério Nossa Senhora da Piedade, Prado.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

## 2.4 LENDAS E CRENÇAS

A partir de visitas aos cemitérios maceioenses, foram encontradas diversas histórias interessantes. Mitos e crenças que envolvem a população há décadas, chegando a fazer, com que pessoas saiam de suas residências para visitar alguns túmulos em destaque que não são de entes queridos, mas que suscitam curiosidade ou devoção. Dentre os cemitérios locais dois túmulos chamam atenção, sendo estes os dois mais conhecidos da cidade de Maceió ou até de todo o estado de Alagoas.

Localizado no cemitério de Nossa Senhora da Piedade, no bairro do Prado está o túmulo de Carolina de Sampaio Marques, falecida em 22 de novembro de 1921, túmulo este conhecido como da “Capa Preta” (Imagem 95). Curioso por sua lenda que amedronta ainda a muitas pessoas, no túmulo de Carolina está esculpida uma capa de cimento estendida sobre a cruz, reforçando ainda mais esta história que, na “boca do povo” é modificada, ganhando várias versões.

Uma delas e bem disseminada entre a população diz que certo dia, um jovem rapaz estava se divertindo em uma boate da cidade, quando conhece uma linda jovem com quem dançou a noite toda. No final da festa, ele lhe deu um beijo e se ofereceu para deixá-la em casa. No caminho, percebeu que a moça estava muito gelada e lhe ofereceu sua capa preta

para que se aquecesse. Ela insistiu para que ele não lhe deixasse na porta de sua casa e o rapaz acabou deixando-a próxima à entrada do cemitério. Ao se despedir, ela lhe deu seu endereço e falou para que ele pegasse sua capa.

No dia seguinte ao bater na porta do endereço dado, uma mulher atendeu; relatando o ocorrido, o rapaz dizia que teria vindo buscar sua capa, a mulher o tratou com arrogância e disse não gostar da brincadeira de extremo mau gosto, já que sua filha já havia morrido havia algum tempo. Como o rapaz ainda insistia na conversa a mãe da menina pediu para que ele descrevesse-a e só assim a mãe mostrou a foto da jovem na parede rodeada de flores ao rapaz, que a reconheceu de imediato. Não acreditando na história, a mãe de Carolina levou o jovem ao cemitério onde ela estava sepultada, e ao chegar ao local, a capa do rapaz estava estendida sobre o túmulo.

Muitos acreditam nesta história que é passada de gerações para gerações, ficando tão famosa que há algum tempo foi criado um bloco de carnaval chamado Mulher da Capa Preta que sai todos os anos do Cemitério de Nossa Senhora da Piedade para desfilar.



Figura 95- Túmulo de Carolina de Sampaio Marques – “Capa Preta” – Cemitério Nossa da Piedade, Prado.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 96- Túmulo do menino Petrucio Correia – Cemitério São José, Prado.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

O outro túmulo bastante visitado está situado no cemitério de São José no mesmo bairro (Imagem 96). Falecido com 11 anos, em 24 de abril de 1938, vítima de febre tifóide, o menino Petrucio Correia<sup>38</sup> é conhecido por realizar milagres, sendo considerado um santo por parte população alagoana. No túmulo é comum encontrar velas, placas e partes do

<sup>38</sup> Toda esta fé envolta do menino Petrucio chamou a atenção do padre Rubião da paróquia de Nossa Senhora de Lurdes e desde março de 2004 o padre pesquisa sobre a vida do menino e sobre as possíveis graças alcançadas, tendo como objetivo encaminhar ao Vaticano um pedido de abertura de processo para beatificá-lo.

corpo de bonecos (braços, pernas e cabeças) feitos em gesso, cera ou madeira (ex-votos) deixados pelos fiéis como agradecimento das promessas atendidas.

Segundo Sílvia Freire (2004), entre as histórias que contam sobre o menino, uma diz que, já agonizando, ele disse a uma freira que teve uma visão, e que uma mulher havia lhe dito que viria buscá-lo às 15h, e também prometeu que nunca iria faltar pão nem para mãe e nem para a Casa do Pobre (onde residia com a mãe e três irmãs). E foi exatamente o que aconteceu. Um colega que conviveu com ele na Casa do Pobre conta que ele era um menino normal só que muito obediente e acredita que se ele fosse vivo estaria num seminário.

## 2.5 CURIOSIDADES DO MUNDO DOS MORTOS EM MACEIÓ

Em diversos lugares era comum a construção de panteões para abrigar os restos mortais de pessoas ilustres. Em Maceió foi construído um panteão (Imagens 97 e 98), localizado na Praça Afrânio Jorge (conhecida como Praça da Faculdade) para abrigar os restos mortais de Marechal Floriano Peixoto e do Marechal Deodoro da Fonseca. Atualmente, o panteão ainda se encontra na praça, mas completamente deteriorado e sendo utilizado como moradia por invasores que ali se abrigaram. Desde sua construção o local permaneceu desocupado, já que as famílias dos marechais não permitiram que retirassem seus restos mortais de onde já se encontravam sepultados para transferi-los para o Panteão.



Figura 97- Panteão – Praça Afrânio Jorge, Prado.

Fonte: Regina Barbosa (2013).



Figura 98- Foto interna do Panteão sendo utilizado como moradia, Prado.

Fonte: Regina Barbosa (2013).

Segundo ex-moradores<sup>39</sup> do bairro no Prado, alguns anos atrás, havia um homem que perambulava nas ruas do bairro. Mal vestido, com um paletó rasgado, sujo e esfiapado, tal como a calça comprida, cheia de latas penduradas ao corpo, fazendo que com sua figura amedrontasse as crianças do bairro. Ao cair da noite este homem procurava se abrigar no Cemitério Nossa Senhora da Piedade para dormir.

Outra curiosidade pode-se ser vista no Cemitério Nossa Senhora Mãe do Povo, onde o coveiro Genildo, funcionário do cemitério desde 1979, nas horas vagas, dorme dentro de um túmulo (Imagem 99). O túmulo tipo capela é conservado pelo mesmo, que mandou construir uma laje e o mantém sempre pintado. Fora a escrivaninha, onde o mesmo dorme em cima, o coveiro guarda dentro do túmulo alguns objetos pessoais e de trabalho, mantendo-o sempre fechado com cadeado.



Figura 99- Túmulo utilizado como dormitório pelo coveiro Genildo.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

## 2.6 OS GRANDES CORTEJOS FÚNEBRES EM MACEIÓ

No Brasil, durante o século XIX, os funerais representavam uma prática cultural de grande importância.

---

<sup>39</sup> Informação obtida com Josemary Ferrare, orientadora e ex-moradora do bairro do Prado, que contribui com suas lembranças de infância quando residia no local.

Ce rituel de passage entre la vie et la mort occupait une place essentielle dans la vie urbaine des groupes sociaux et se traduisait par une appropriation symbolique significative de l'espace. La façon dont les espaces publics étaient occupés et la pompe de ces cortèges funèbres quand ils quittaient la maison du mort pour se rendre à l'église, étaient déterminées par la position sociale du mort dans la société locale (CAVALCANTE, 1988, p. 180)<sup>40</sup>.

Um cortejo fúnebre que teve grande destaque em Maceió foi o do ex-Governador Muniz Falcão. Vítima de uma complicação gastrointestinal, o então Deputado Federal de Alagoas, veio a falecer no dia 14 de junho de 1966, às 10h45, no Hospital Português, em Recife (GAZETA DE ALAGOAS, 1966).

Seu corpo foi trazido à capital alagoana em carreta, acompanhado por amigos, familiares e admiradores, chegando por volta das 21h30. Ficou velado na Igreja de Nossa Senhora das Graças, no bairro da Levada, sendo nesta igreja também que ele celebrou sua vitória em 1955 e seu casamento com a Sra. Alba Mendes em 1956 (JORNAL DE ALAGOAS, 1966). Durante a manhã, o Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano celebrou uma missa fúnebre (O SEMEADOR, 1966). No dia 15 de junho segundo a Gazeta de Alagoas (1966), "a cidade praticamente parou [...]. As casas comerciais do centro fecharam suas portas para que os empregados que desejassem assistir aos funerais do deputado". Às 16h a população saiu para o sepultamento no cemitério Nossa Senhora da Piedade (Imagem 100 a 102).

O corpo chegou ao Cemitério de N. S. da Piedade carregado por numerosas pessoas, e muitos populares, homens e mulheres, organizaram, espontaneamente, um cordão de isolamento por onde passava os que conduziam o esquife. Centenas de pessoas já se encontravam no Cemitério quando chegou o féretro, pois tendo em vista o número de pessoas que acompanhava o enterro grande parte da multidão deslocou-se diretamente para o cemitério a fim de dar o último adeus ao político alagoano (GAZETA DE ALAGOAS, 1966).

Por conta da morte do ex-governador, o Interventor Federal, Baptista Tubino, decretou luto oficial de três dias, já o prefeito de Maceió, Divaldo Suruagy, decretou luto municipal de oito dias (GAZETA DE ALAGOAS, 1966).

---

<sup>40</sup> Este rito de passagem entre a vida e a morte ocupava um lugar essencial na vida urbana dos grupos sociais e se traduziam em uma apropriação simbólica significativa do espaço. O modo como estes espaços públicos foram ocupados e a elegância dos cortejos fúnebres, quando deixavam a casa do falecido para ir à igreja, era determinado pela posição social do falecido na sociedade local. (Traduzido por Maria de Lurdes Barros).



Figura 100- Multidão no cortejo fúnebre de Muniz Falcão.

Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 1966.



Figura 101- Féretro carregado pela população.

Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 1966.



Figura 102- Trajeto do cortejo de Muniz Falcão da Igreja de Nossa Senhora das Graças ao Cemitério Nossa Senhora da Piedade.

Fonte: GOOGLE EARTH, modificado por Regina Cavalcante (2013).

Anos depois, aconteceu outro cortejo de grande destaque, o do ex-Senador Teotônio Vilela, o "Menestrel das Alagoas", levando aproximadamente vinte mil pessoas em uma longa caminhada que separava a Assembleia Legislativa do Cemitério Parque das Flores, em 28 de novembro de 1983. "Programado para ser um cortejo seguido por automóveis e ônibus, [...] transformou-se, devido à pressão popular, numa demonstração cívica que há muitos anos não se via em Maceió" (GAZETA DE ALAGOAS, 1983). Ainda segundo a GAZETA DE ALAGOAS (1983), durante todo o cortejo a população cantava a música "Menestrel das Alagoas", uma composição de Fernando Brandt e Milton Nascimento, interpretada pela cantora Fafá de Belém, e dedicada ao ex-Senador.

Neste mesmo dia, era enterrado também, o corpo então Arcebispo Metropolitano, Dom Adelmo Cavalcante Machado, onde autoridades do Estado, civis, eclesiásticas e militares, além de grande número de religiosos e fiéis, formaram um cortejo, levando o corpo da Catedral Metropolitana até a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, onde foi sepultado diante do altar-mor (GAZETA DE ALAGOAS, 1983).

Para ambos os sepultamentos (Teotônio Vilela e D. Adelmo de Machado), o comércio e os bancos fecharam suas portas e o governador, Divaldo Suruagy, decretou luto oficial de oito dias (GAZETA DE ALAGOAS, 1983).

Um enterro de grande destaque, principalmente entre os moradores do bairro do Prado, foi o do farmacêutico "Seu Rui". Este era um farmacêutico maçom, dono da Farmácia do Povo situada no bairro da Levada, no trecho da rua entre o Mercado (feira livre) e a praça das Graças. Além de vender a preços bem acessíveis, o "Seu Rui", como era chamado por todos, consultava de graça e medicava, mesmo receitando remédios que não possuía no estoque da sua farmácia. Toda a população dos bairros adjacentes "se consultava" no "Seu Rui". Quando faleceu, o cortejo do seu enterro foi marcante. Saiu da Maçonaria Virtude e Bondade - Centro e passou pela Rua Pedro Monteiro em direção ao Cemitério Nossa Senhora da Piedade. Todo o cortejo seguia abarrotado de pessoas que cantavam canções populares, se despedindo daquele "benfeitor" que tanto ajudava a diminuir dores e curar enfermidades. As pessoas das ruas por onde passava o cortejo batiam palmas, reverenciando-o (ver nota 35, p. 81).

Há também quem relate ter sido muito ocorrente no Cemitério da Piedade, a presença de jovens casais de namorados que escolhiam uma catacumba, bem ornamentada com esculturas, para ser a testemunha do namoro do casal que ao cemitério se recolhia fugindo das observações e controle dos pais e superiores<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> Informações também obtidas por Josemary Ferrare.

### 3. O CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE COMO PATRIMÔNIO PARA MACEIÓ

Conforme mencionado, desde a Pré-História já havia a preocupação com os mortos e o local em que seriam sepultados, mas foi a partir da civilização egípcia que pode ser notada uma maior importância quanto ao local dos sepultamentos dos familiares, refletida na arte funerária dos túmulos, principalmente, pelas famílias abastadas, ou seja, aquelas que detinham posição de privilégio na estrutura social que pertenciam, fazendo dos túmulos verdadeiras obras de arte.

Durante milênios essa prática de registrar nos túmulos os valores do homem e suas conquistas no plano terrestre era bastante utilizada em todo o mundo, rebatendo-se igualmente nas terras brasileiras. Como não poderia ser diferente, Maceió, capital de Alagoas, registrou tal prática em seus cemitérios.

Tomando como foco de estudo o Cemitério Nossa Senhora da Piedade, localizado no bairro do Prado (Imagem 103), com seus principais túmulos e ornamentos, propõe-se analisá-lo e ainda ressaltar sua importância para a história da população maceioense e a construção de sua identidade cultural.



#### LEGENDA:

	Cemitério N. Senhora da Piedade		Praça Afrânio Jorge		Av. Siqueira Campos
	Cemitério São José		Parque da Pecuária		

Figura 103- Localização do Cemitério Nossa Senhora da Piedade no bairro do Prado.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

### 3.1 UM CEMITÉRIO E O CONTAR DE SUA HISTÓRIA

Foi de acordo com o parágrafo 8º do artigo 1º da Lei nº 130, de 6 de julho de 1850, que foi liberada a construção do “primeiro” cemitério público da capital alagoana. Segundo Lima Júnior (198-), em 27 de outubro deste mesmo ano foi assentada a primeira pedra do cemitério consagrado a Nossa Senhora da Piedade, sob a presidência do Dr. Manoel Sobral Pinto<sup>42</sup>. O local escolhido foi o areal à margem da estrada que conduzia ao Trapiche e ao Pontal da Barra, então deserto, coberto de cajueiros bravos, pitangueiras e outros, entre o canal grande, o mar e o centro da cidade.

O terreno escolhido era considerado impróprio por uma comissão médica desde 1870, já que era considerado baixo e arenoso, podendo encontrar água a 3 e 4 palmos de profundidade, e por estar locado próximo à cidade, sendo os miasmas conduzidos para o centro pelo vento sul, e que futuramente a cidade iria acolher a necrópole para dentro dela. Após 44 anos de sua abertura, o então Governador do Estado, Dr. Gabino Besouro, continuava a solicitar o fechamento na nova necrópole e a construção de outra mais distante, em terreno mais apropriado (LIMA JÚNIOR, 198-).

O cemitério ficou a cargo da Santa Casa de Misericórdia até 1880 quando passado sua jurisdição para a Municipalidade de acordo com a resolução nº 847 do mesmo ano, afirmando que “a necrópole não devia e nem deve constituir fonte de renda para o município, tratando-se, como se trata, de beneficiar a população, principalmente a de menores rendas” (LIMA JÚNIOR, 198-, p.71).

Ainda segundo Lima Júnior (198-), quanto ao plano e traçado do cemitério, há certa divergência. Segundo Craveiro Costa, o cemitério possui traçado executado pelo engenheiro civil José Pedro Azevedo Schamrambock, já segundo o Dr. Tomaz Bonfim Espíndola<sup>43</sup>, o traçado da planta era do Major do Corpo de Engenharia do Exército, Marcelino Rodrigues da Costa.

Em 20 de janeiro de 1856, foi iniciada a construção da capela, sob a presidência do Dr. Antônio Coelho de Sá e Albuquerque<sup>44</sup>, no centro do cemitério. Antes de sua inauguração, no ano de 1866 foram colocados os restos mortais de Antônio d’Andrade (Imagem 104) no interior da capela, ao lado do portão principal. Acima deste ossário encontra-se uma pia, conhecida também como caldeirinha ou caldeira, utilizada para colocar água benta. Segundo Lima Júnior (198-), a capela de linhas severas com uma só nave e sacristia (Imagem 105) foi abençoada e inaugurada em 15 de agosto de 1868, dia de Nossa

<sup>42</sup> Presidente da província de Alagoas em 1850, 1851 e 1853.

<sup>43</sup> Presidente da província de Alagoas em 1867 e 1878.

<sup>44</sup> Presidente da província de Alagoas em 1854 e 1855.

Senhora da Assunção, estando quase pronta, faltando apenas dourar os altares (atualmente todos então pintados de branco).

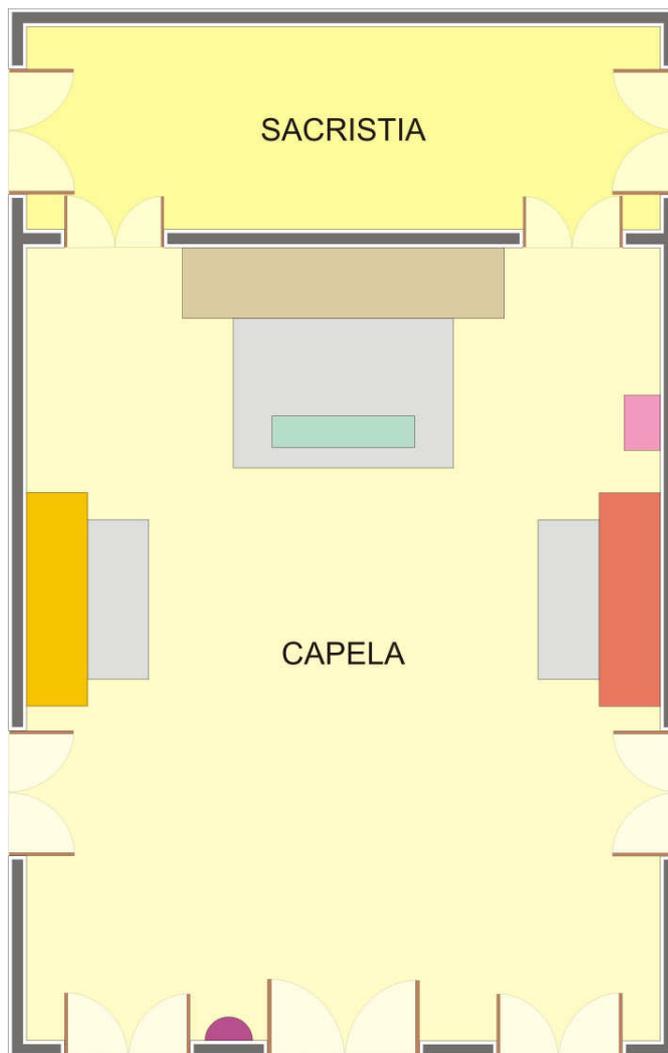
Na visita do Imperador Pedro II a esta capital, em meados de 1859, o mesmo deixou uma quantia em dinheiro para a compra do quadro de Nossa Senhora da Piedade para a capela do cemitério público. “Deve-se, pois, ao Magnífico Monarca a belíssima tela que até 1920, aproximadamente, estava na capela” (LIMA JÚNIOR, 198-, p.80), mas que atualmente não se sabe onde se encontra.

No ano de 1892, o Dr. Clarêncio da Silva Jucá, em mensagem à Câmara Municipal, mandou dourar as banquetas da capela, reencarnar as imagens, decorar parte do imóvel (que foi pintado a óleo), como também adquiriu objetos necessários ao culto, substituiu a cruz grande da capela, além das seis pequenas da entrada, visto que encontravam-se todas estragadas. Em meados de 1930, o teto da capela, que apresentava forro de madeira, pintado na cor azul, com uma belíssima imagem de Nossa Senhora da Conceição, obra do artista Nascimento, foi substituído (LIMA JÚNIOR, 198-). Atualmente o teto da capela apresenta forro em PVC na cor branca.



Figura 104- Ossário de Antônio D'Andrade e a caldeirinha.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



LEGENDA:

	Altar do Sagrado C. de Jesus		Altar de Stª. Terezinha		Caldeirinha
	Altar-mor de N. S. da Piedade		Imagem da Virgem Maria		Altar

Figura 105- Planta esquemática da capela de Nossa Senhora da Piedade.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Ainda Segundo Lima Júnior (198-), a capela contava com 3 altares (Imagem 106), sendo o altar-mor, consagrado a Nossa Senhora da Piedade e dois nas laterais, um dedicado ao Bom Jesus da Redenção e outro a São Miguel da Penitência. Antigamente ao invés de imagens eram colocadas telas, exceto no altar-mor que contava também com a imagem de Jesus Cristo Crucificado. As telas, que se encontravam deterioradas, foram retiradas da capela em 1950, em uma das muitas reformas sofridas pela edificação, e substituídas por esculturas: Nossa Senhora da Piedade no altar-mor (Imagem 107), Santa Terezinha no altar lateral direito (Imagem 108) e do Sagrado Coração de Jesus no altar lateral esquerdo (Imagem 109). Atualmente, a capela conta ainda com a imagem da Virgem

Maria, localizada na lateral esquerda do altar destinado a Sta. Terezinha, trazida para capela na década de 1960 (Imagem 110).



Figura 106- Altar-mor com a imagem de Nossa Senhora da Piedade.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 107- Altar com a imagem de Santa Terezinha.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 108- Altar com a imagem do Sagrado Coração de Jesus.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 109- Imagem da Virgem Maria.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Em sua fachada, a capela apresenta uma platibanda (Imagem 117) com recortes escalonados, e logo abaixo deste, um friso com relevos de um féretro<sup>45</sup> de alvenaria no

<sup>45</sup> Caixão.

centro e duas caveiras com duas tábias cada. Sobre esta mesma platibanda, encontra-se uma cruz de ferro no centro e quatro jarros de louça pintada na cor branca.

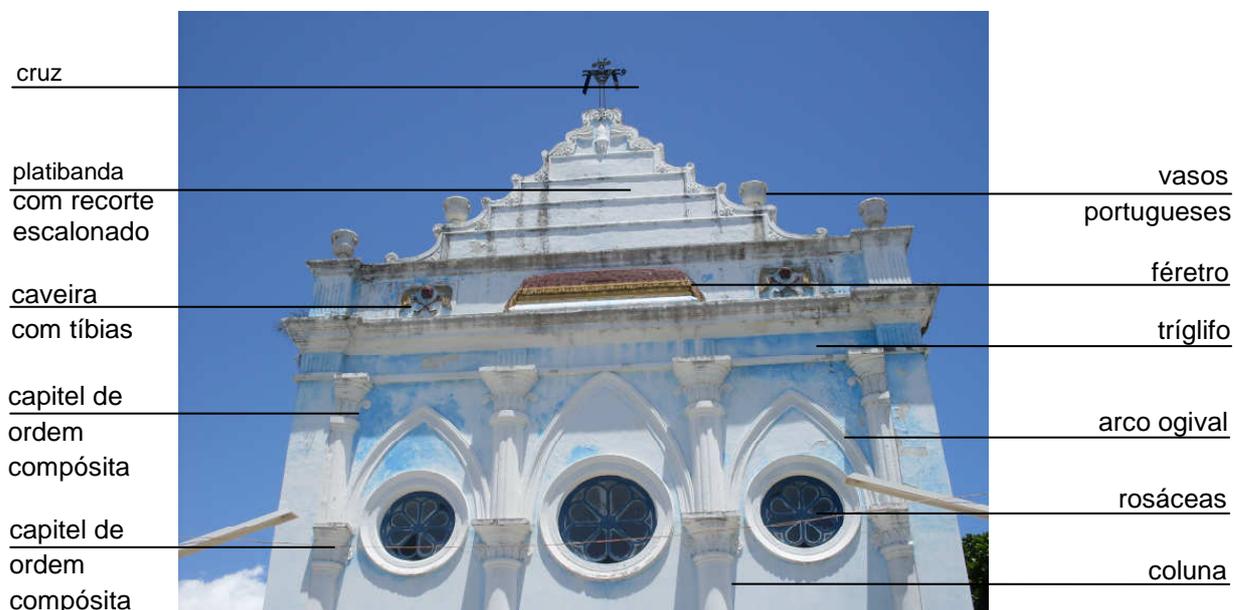


Figura 110- Detalhe da fachada principal da capela.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

No cemitério, estão presentes no muro da fachada principal, sobre os pilares que sustentam as grades de ferro, várias pinhas (Imagem 111), atualmente pintadas de branco. Todavia, estas pinhas são colocações recentes, visto que antes eram vasos portugueses (Imagem 112). Segundo Chalita (1979) “seu muro, encimado por belíssimos jarros de louça portuguesa, já incompleto, pois alguns foram subtraídos”, por ser alvo de cobiça. Atualmente ainda se pode encontrar alguns exemplares destes vasos na rua principal do cemitério, que vai desde o portão de entrada até a capela, pintados de azul e branco com a presença de relevos como brasões e leões “de fabricação portuguesa [da Fábrica de Santo Antônio do Porto, sendo estes vasos] mais do que centenários” (LIMA JÚNIOR, 198-, p. 80).



Figura 111- Pinha.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 112- Vaso português.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

No cemitério poderiam ser sepultadas pessoas de quaisquer religiões, como também suicidas, ateus, escravos e outros. No período do Império, existia uma quadra, segundo Lima Júnior (198-), à entrada do lado esquerdo, destinado à inumação destes suicidas, protestantes, espíritas e ateus. O cemitério encontra-se superlotado desde 1910, sugerindo o Intendente Dr. Demócrito Gracindo “que não se concedessem mais licenças para novos mausoléus e sepulturas perpétuas” (LIMA JÚNIOR, 198-, p. 76), impondo-se a construção de uma nova necrópole.

Apesar da proibição da retirada de plantas, flores ou qualquer objeto do respectivo cemitério, de acordo com o Edital nº 29 de novembro de 1916, tendo como pena de multa, o Governador Costa Rego ordenou a um Intendente que retirasse do muro da frente dois dos jarros de louça portuguesa e entregasse a um médico que chefiava, no Estado, o serviço de saúde pública federal, como também mais dois jarros para ele.

Em meados da década de 1960, o Prefeito Sandoval Cajú mandou efetuar uma limpeza em todo o cemitério, como também construir o meio-fio e um ossário, e segundo sugestão do auxiliar Rosalvo Lima, as ruas ganharam nomes de santos e foram parcialmente calçadas. Em 1963 foram construídos 14 mausoléus oficiais (Imagem 113) e uma capela (Imagem 114) na Av. São Sebastião, em memória dos mortos ilustres de Alagoas. Atualmente se encontram 12 destes mausoléus, mas apenas em 11 ainda chega a ser possível identificar a quais alagoanos ilustres o Prefeito Sandoval Cajú se refere (Washington Loyola, Armando Wucherer, Craveiro Costa, Orlando Araújo, Antídio Vieira, Padre Sezenando Silva, Sebastião da Hora, José P. A. Sarmiento, Prof. Paulo Sanovillet, Baltazar de Mendonça e J. Seixas de Barros).



Figura 113- Mausoléu oficial.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 114- Capela.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Os mausolés oficiais, mandados edificar pelo prefeito Sandoval Cajú, exibiu um traçado de concepção modernista, bem própria de toda a produção construtiva de equipamentos urbanos àquela fase administrativa do município e que foi capitaneada pelos desenhistas projetistas Lauro Menezes e José da Costa Passos Filho.

### 3.2 TIPOLOGIA E A CARACTERIZAÇÃO HIERÁRQUICA DAS CATACUMBAS

O Cemitério Nossa Senhora da Piedade é conhecido como cemitério dos ricos por parte da população maceioense, que no século passado procuravam separar os mortos, segundo a classe social, e o Cemitério São José é inclusive conhecido como cemitério dos pobres.

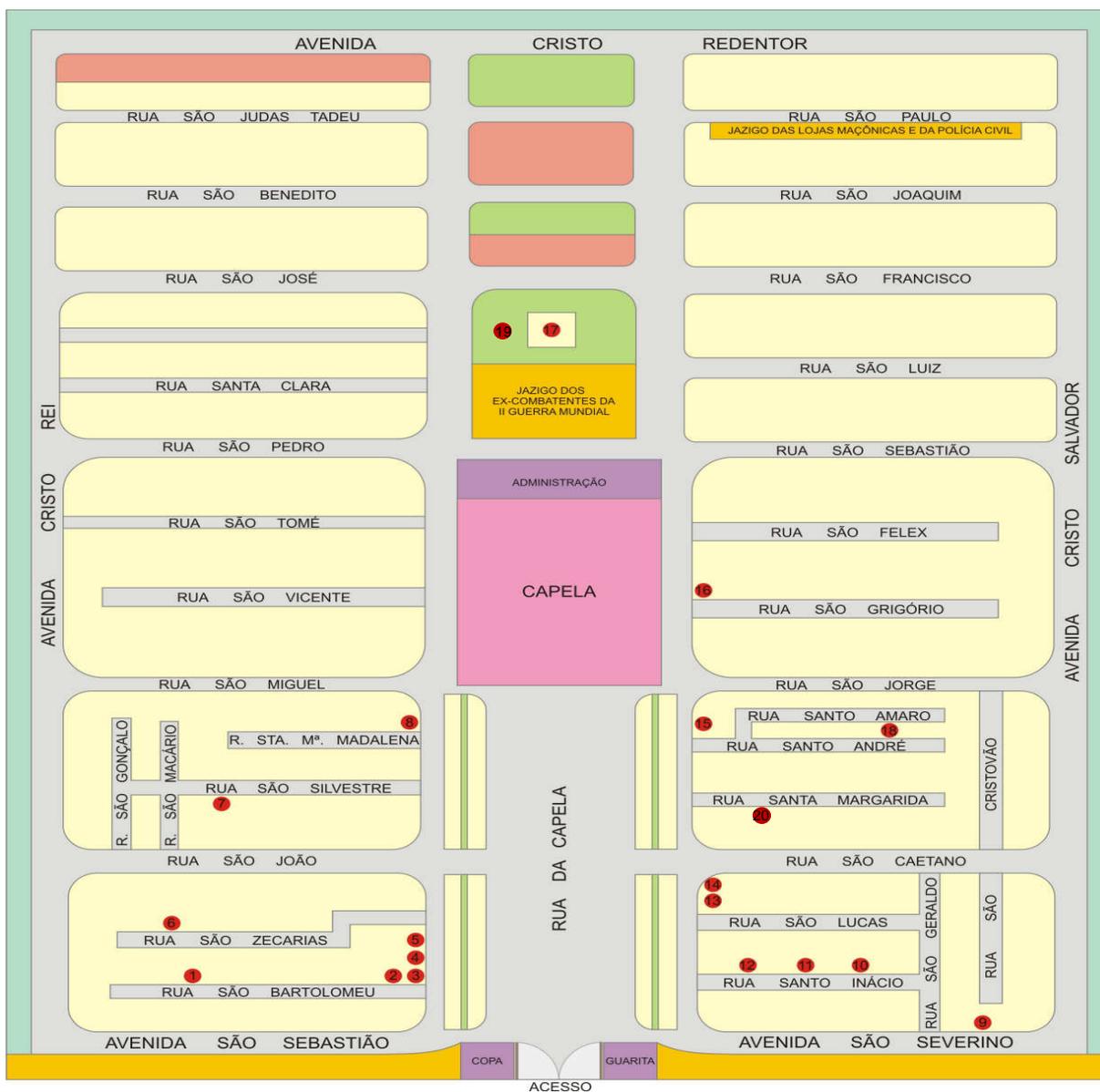
Efetivamente em Maceió, muitas famílias abastadas possuem seus mausolés no Cemitério Nossa Senhora da Piedade, procurando construir verdadeiras obras de arte para se destacar entre os demais, fazendo com que este cemitério tenha uma variedade de modelos e estilos da arte tumulária, podendo ser considerado um verdadeiro “museu a céu aberto”.

Dentre as mais destacadas famílias podem ser citadas a Almeida Guimarães, Gatto, Mendonça, Quintela, Mello, Paiva, Tavares Bastos e tantas outras. Tal ocorrência é reflexo do processo a seguir exposto por Renato Cymbalista (2002 p. 171-172):

A camada da cultura à qual os mais ricos apresentam evidente superioridade em relação aos mais pobres – superioridade nas possibilidades de alcançar a monumentalidade; superioridade de construir seus túmulos em materiais mais perenes e que resistem à passagem do tempo; superioridade ao mobilizar artistas e

artesãos mais sofisticados e que dominam as representações eruditas; superioridade na concorrência pelas posições de maior visibilidade no cemitério [...]. Por estarem de posse de maior controle das ferramentas de intervenção sobre essas realizações materiais, as elites econômicas capturaram quase toda a capacidade de propor novas formas – e portanto controlaram de certa forma a obsolescência dos estilos e materiais.

No Cemitério Nossa Senhora da Piedade, é notável a hierarquia entre os túmulos pelas tipologias existentes. Os túmulos diferenciados estão localizados nas quadras frontais (Imagem 115 e Apêndice), onde de acordo com seu tamanho, seus materiais e seus ornamentos, chamaria a atenção de quem passasse pela Av. Siqueira Campos, já que a fachada do cemitério é toda em grade, podendo o transeunte visualizar o espaço interno da necrópole, conseqüentemente estes túmulos. A partir da necessidade das famílias em sobressair entre as demais, vários arquitetos e artistas-artesãos foram convocados para colocar nos túmulos detalhes que fizessem com que os diferenciassem dos outros, intimidando-os socialmente também após a morte. Assim, cada túmulo assume características e identidades próprias. Este fato fez que com estes cemitérios tradicionais se tornassem catálogos ou mostruários de vários estilos arquitetônicos e escultóricos da arte tumulária.



## LEGENDA:

 Jazigo	 Arcossólio	 Capela	 Jardim
 Administração	 Ossário	 Quadras	

## LEGENDA DOS TÚMULOS:

-  1 - Túmulo de Carolina de Sampaio Marques - "Capa Preta" (1921).
-  2 - Túmulo da Família Teixeira Bastos (1918).
-  3 - Túmulo da Família Almeida Guimarães (1892).
-  4 - Túmulo da Família de Joaquim Antônio de Almeida (1906).
-  5 - Túmulo da Família de Antônio Teixeira D'Aguiar (1879).
-  6 - Túmulo da Família Wanderley (1877).
-  7 - Túmulo da Família de Manoel Brandão (1936).
-  8 - Túmulo da Família de João de Almeida Monteiro (1870).

- 9 - Túmulo da Família de Manoel Gomes Machado (1941).
- 10 - Túmulo da Família Gatto (1905).
- 11 - Túmulo de Pedro de Almeida (1922).
- 12 - Túmulo da Família Mendonça (1902).
- 13 - Túmulo da Família Lavenère Wanderley (1906).
- 14 - Túmulo da Família de Fernando Agostinho Pereira Leite (1888).
- 15 - Túmulo da Família do Barão de Atalaia (1925).
- 16 - Túmulo de Olindina M. Vellozo (1906).
- 17 - Túmulo de Antônia Porcina de Moraes Jambeiro (1894).
- 18 - Túmulo de Francisca Brandão (s/d).
- 19 - Túmulo de Linda Mascarenhas (2013).
- 20 - Túmulo de Pierre Chalita (s/d).

Figura 115- Planta esquemática do Cemitério Nossa Senhora da Piedade com indicação da localização de túmulos com destaque na concepção artística.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Algumas famílias construíram pequenas igrejas para abrigar seus entes, procurando aproximar-se ao máximo da religião, principalmente a católica. Alguns sinais desta proximidade podem ser vistos na presença das cruzes, nas imagens dos santos, nas pequenas capelas e altares, como também na presença dos anjos em túmulos cemiteriais (Imagens 116). “Esses altares têm como uma de suas características a busca das alturas, como se, libertadas do interior da igreja, as famílias ricas [...] estivessem testando o limite do mármore com que faziam seus túmulos” (CYMBALISTA, 2002, p.85) buscando monumentalidade e justificando a posição social. Nota-se esta ocorrência no túmulo de Olindina M. Vellozo no tocante à presença de duas alegorias da saudade, que segundo Borges (2002, p. 185) são anjos que se apresentam “em estado de meditação, com expressão triste e serena. Ele pode exhibir-se de várias maneiras: apoiado em uma coluna; ajoelhado sobre o túmulo e registrando os dados do morto em uma estela”.



Figura 116- Anjos representados pela figura de crianças presentes no altar construído em cima do túmulo de Olindina M. Velozzo (1906).

Fonte: Regina Barbosa (2012).

alegoria da  
saudade

pináculos

arco ogival

alegoria da  
saudade

portão de  
ferro

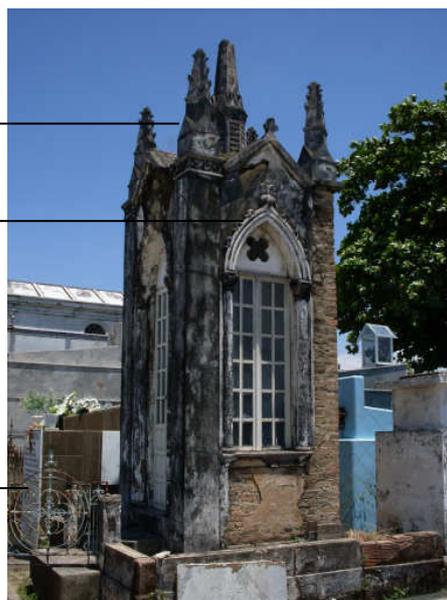


Figura 117- Túmulo capela em estilo neogótico de Pedro de Almeida (1922).

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Em sua maioria, os jazigos-capelas eram de estilo neogótico, procurando fazer uma imitação das tendências do passado, quando os arcos ogivais referenciavam o símbolo da tipologia religiosa em forte vigor do século XIX (Imagem 117). Compatível portanto com a data (época) de construção do cemitério.

Um dos túmulos desta tipologia que mais se destaca é o túmulo da Família Mendonça (Imagem 118) localizado no Cemitério Nossa Senhora da Piedade. Elaborado pela marmoraria Sighieri & Rossi<sup>46</sup>, o túmulo pode ser visto do exterior deste cemitério pela sua grandiosidade e por possuir um estilo eclético com predominância da linguagem arquitetônica greco-romana, podendo ser notada a presença do frontão, das pilastras e de seus capitéis; já a presença da arquitetura gótica pode ser vista a partir do arco ogival presente no portão de entrada do mausoléu. É um túmulo com uma grande presença do mármore em sua composição, desde seu revestimento externo, como também os ornamentos presentes em seu topo, a exemplo da cruz e da pira. Em seu interior, o túmulo é apoiado sobre patas de leão; segundo REZENDE (2007) de acordo com a arte tumulária, este animal representa a potência de Deus, podendo demonstrar também a coragem e a determinação das almas que guarda. É notável também em seu interior a presença de ossários para que se possa realizar a exumação dos restos mortais e conseqüentemente guardá-los, dando espaço para que possam ser realizados novos sepultamentos no túmulo. Vale ressaltar que estão embalsamados neste túmulo, os corpos dos Senadores Jacinto

<sup>46</sup> Empresa dos sócios Alessandro Sighieri e L. Rossi Júnior, no Rio de Janeiro.

Paes de Mendonça e seu filho Bernardo Mendonça Sobrinho, “são, ao que se sabe, os dois únicos corpos embalsamados [nesta] capital” (LIMA JÚNIOR, 198-, p.85).

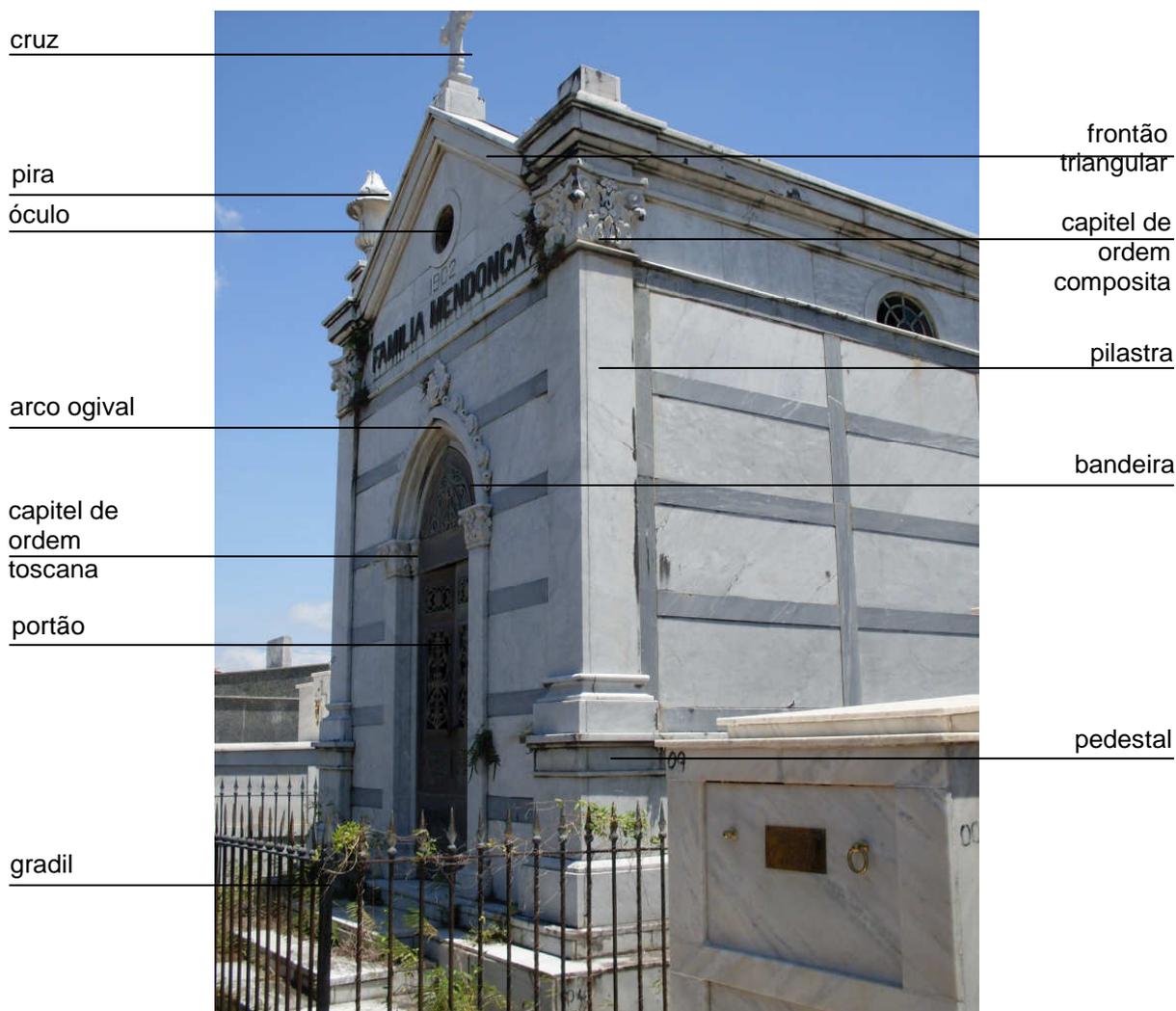


Figura 118- Túmulo da Família Mendonça (1902).

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Também a presença de gradil ou outros tipos de cercado é muito comum no Cemitério Nossa Senhora da Piedade. As famílias delimitam o espaço dando o sentido de posse do território, procurando evitar a entrada de outras pessoas que não sejam da família.

A busca pela religiosidade na construção de túmulos não engloba apenas as famílias abastadas, mas também os menos favorecidos quando procuravam mostrar sua fé refletida nos túmulos de forma mais simplificada e materiais menos nobres, fazendo reinterpretções dos túmulos mais imponentes.

A tendência à verticalidade fez surgir um outro padrão tipológico de túmulo que passou a ser bastante utilizado nos cemitérios tradicionais, com o uso de torres e de

obeliscos (Imagens 119). No Cemitério da Piedade, foram encontrados túmulos que podem ser notados de qualquer ponto do cemitério pela altura que conseguem alcançar. Esta tipologia de túmulo pode não impor religiosidade alguma quando não possui ornamento, mas pode ser encontrada no topo e no corpo deste túmulo imagens de santos, anjos, vasos e cruzes representando-se assim a fé de algumas famílias.

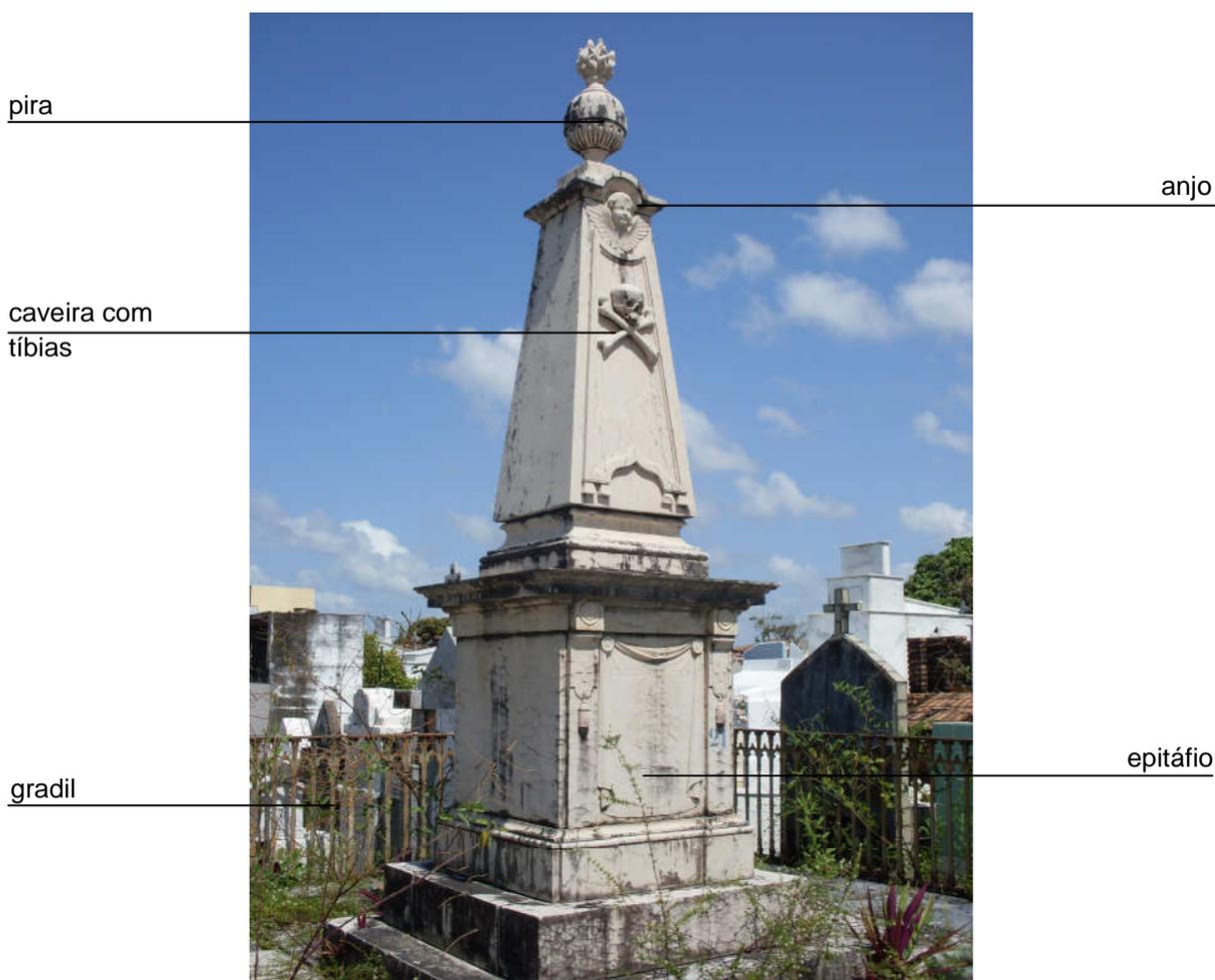


Figura 119- Túmulo no estilo de obelisco ou torre de João de Almeida Monteiro (1870).

Fonte: Regina Barbosa (2012).

As flores, também, sempre estiveram presentes acompanhando os mortos, “evocando a efemeridade da vida, talvez disfarçando o cheiro do cadáver em decomposição” (CYMBALISTA, 2002, p.93). Mas como não duram, podem ser encontrados vasos, coroas de flores e festões em grinaldas esculpidas em mármore nos túmulos das famílias mais ricas, como também em plástico ou ferro nos túmulos mais simples. A coroa de flores é bastante utilizada, pois representa a alegria divina, a vitória da alma humana sobre o pecado e a morte. Já o vaso vazio simboliza o corpo que se separa da alma (BORGES 2002).

Além desses, diversos símbolos podem ser encontrados nos túmulos, podendo um mesmo símbolo possuir diversos significados, dependendo da religião, do local e do contexto histórico. Muito utilizado no cemitério Nossa Senhora da Piedade são os anjos, que tem por objetivo guiar o espírito e orar pela alma no purgatório, podendo este ser apresentado demonstrando diversas expressões e movimentos; as piras, que dão a impressão de avivar a memória do morto, remetendo à vida eterna; a pomba, simbolizando a pureza e a paz e, para os católicos, a figura do Divino Espírito Santo; o livro e o pergaminho, que possuem o mesmo objetivo que o epitáfio; entre outros símbolos, a exemplo da ampulheta, da corrente da serpente, do cordeiro e da âncora (REZENDE, 2007).

Assinada pelo escultor italiano, Giuseppe Navone<sup>47</sup>, em Gênova (1897), o túmulo da Família Almeida Guimarães (Imagem 120), possui a escultura em mármore da alegoria da desolação, mostrando a imagem em estado de oração e prece, com suas mãos entrecruzadas e juntas e com a cabeça ligeiramente inclinada, apoiada sobre uma coluna quebrada, que representa a interrupção da vida e/ou um símbolo de maçonaria. A alegoria da desolação pode ser representada também pela figura do anjo (BORGES, 2002). Acima do nome da família, está escrito em latim “mors non separat” (morte não separa).



Figura 120- Túmulo da Família Almeida Guimarães (1892).

Fonte: Regina Barbosa (2012).

<sup>47</sup> Escultor bastante influente na arte tumulária em Gênova, na Itália, entre os séculos XIX e XX, possuindo grandes obras no cemitério de Staglieno. Em suas esculturas é visível a relação entre o amor e a morte, “seus anjos que acompanham o falecido são belas figuras femininas, e a própria morte é muitas vezes descrita como uma bela e mulher sensual”. Disponível em: <[http://it.wikipedia.org/wiki/Giuseppe\\_Navone](http://it.wikipedia.org/wiki/Giuseppe_Navone)>.

Outra obra com muitos detalhes, encontrada neste cemitério, pertence à Família Teixeira Bastos. O túmulo que data de 1918 foi elaborado pela marmoraria de José Vicente da Costa & Cia, no Rio de Janeiro<sup>48</sup>. O túmulo possui formato piramidal (Imagem 121), marcado pela sobreposição dos elementos compositivos. Em seu topo encontra-se a imagem da pranteadora (Imagem 122). Este mausoléu conta ainda com diversos ornamentos em mármore branco, desde o cercado até as esculturas, com a presença de coroas de flores, leões, anjos, cruzes, pombas e vasos (Imagem 123).



Figura 121- Túmulo da Família Teixeira Bastos (1918).

Fonte: Regina Barbosa (2012).

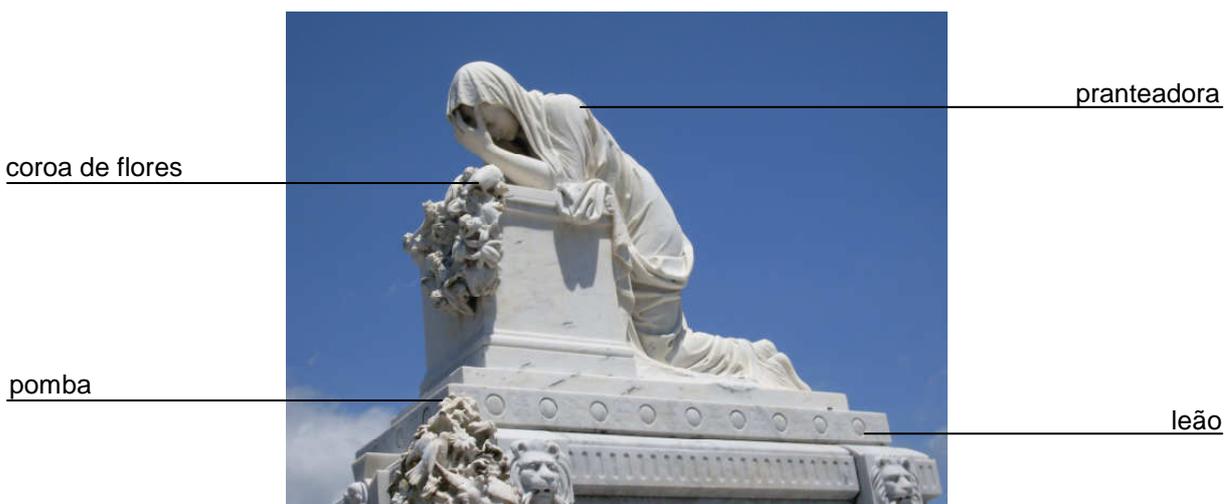


Figura 122- Detalhes do túmulo da Família Teixeira Bastos

Fonte: Regina Barbosa (2012).

<sup>48</sup> “Deposito e officina de mármore de todas as qualidades e côres; executa-se todo e qualquer trabalho de architectura, esculturas e ornatos; gravam-se letras em todos os typos em baixo e alto relevo e gravuras e emblemas; manda-se vir da Europa, directamente das casas principaes, qualquer encommenda de obra feita. Em perfeição e preços módicos, recommenda-se esta antiga casa pela direcção technica do seu proprietario” (ALMANAK LAEMMERT, p. 459, 1901).



Figura 123- Detalhes do túmulo da Família Teixeira Bastos.

Fonte: Regina Barbosa (2012)..

A figura da prateadora foi muito utilizada na arte tumulária, sendo esculpidas “mulheres que interpretam em pranto o lamento e a dor de perda do ente querido. Figura inclinada ou ajoelhada sobre o túmulo e muitas delas são denominadas *Mater Dolorosa* – a mãe desolada perante a morte do filho”. Ainda no túmulo da Família Teixeira Bastos, pode ser notado, a presença da alegoria da desolação, representado por um anjo em estado de oração com as mãos entrecruzadas e juntas (BORGES, 2002, p. 187-197)

A partir do século XX estas obras de arte solicitadas pelas famílias abastadas foram perdendo a monumentalidade, ficando os túmulos mais horizontais, com linhas retas e simplificadas, e às vezes até mesmo sem esculturas, sendo estas quando presentes, em sua maioria, não mais esculpidas no mármore ou no granito, mas agora executadas em bronze, já que sua produção era mais rápida e seu material também era duradouro.

Em 1941<sup>49</sup> foi construído, no Cemitério Nossa Senhora da Piedade, o túmulo da Família de Manoel Gomes Machado (Imagem 124), demonstrando a horizontalidade presente a partir do século passado. Este túmulo foi todo revestido com granito preto polido, possuindo alguns detalhes com a pedra ainda bruta. O túmulo conta ainda com a presença da escultura de Jesus Cristo e uma porta, ambas em bronze. Provavelmente o autor desta obra procura mostrar ao observador a passagem do morto guiado por Jesus para um mundo melhor através desta porta, visto que na lateral da porta existe um dizer escrito “Venite ad me” (Vinde a mim) também em bronze.

No mês de fevereiro de 2013, ladrões de túmulos tentaram roubar a estátua de Jesus Cristo presente neste túmulo. Segundo os funcionários, os ladrões forçaram para arrancar a estátua, mas como a mesma é bastante pesada, os ladrões não conseguiram

<sup>49</sup> Data do primeiro sepultamento ocorrido no túmulo a partir das lápides encontradas no mesmo.

fugir com a peça, e deixaram no local. A família ao ser informada do incidente levou a estátua para restaurá-la, visto que danificou a base da mesma.

Assim como o túmulo da Família de Manoel Gomes Machado, o túmulo da Família do Dr. Mario Ferreira de Souza Lôbo (Imagem 125) foi assinado pelo escultor italiano Heitor Usai<sup>50</sup>, no Rio de Janeiro. Também revestido com granito preto e escultura em bronze.



Figura 124- Túmulo de Manoel Gomes Machado (1941).

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 125- Escultura no túmulo de Mario Ferreira.

Fonte: Regina Barbosa (2013).

Outro túmulo deste mesmo estilo é o de Francisca Brandão (Imagem 126), revestido também com granito preto e com uma cruz no mesmo material. O túmulo possui uma escultura de bronze com a imagem de São Francisco com Jesus Cristo (Imagem 127), representando o recebimento dos estigmas e expressando o amor do santo ao sagrado coração de Jesus, onde um dia no princípio de sua conversão,

ele rezava na solidão e, arrebatado por seu fervor, estava totalmente absorto em Deus e lhe apareceu o Cristo Crucificado. Com esta visão, sua alma se comoveu e a lembrança da Paixão de Cristo penetrou nele tão profundamente que, a partir deste momento, era-lhe quase impossível reprimir o pranto e suspiros quando começava a pensar no Crucificado. E rezava: Ó Senhor, meu Jesus Cristo, duas graças eu te peço que me faças, antes de eu morrer: a primeira é que, em vida, eu sinta na alma e no corpo, tanto quanto possível, aquelas dores que tu, doce Jesus, suportaste na hora da tua dolorosa Paixão. A segunda, é que eu sinta, no meu coração, tanto quanto for possível, aquele excessivo amor, do qual tu, filho de Deus, estavas inflamado, para voluntariamente suportar uma tal Paixão por nós pecadores (LIMA, 2009, p.03).

<sup>50</sup> Nascido em Sardenha, Itália, transferiu-se para o Brasil em 1927. É autor de esculturas em mármore e bronze, se destacando também em esculturas funerárias, como as que se encontram nos túmulos da cantora Carmem Miranda e do Compositor Ari Barroso, no Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://brasilartesenciclopedias.com.br/nacional/usai\\_heitor.htm](http://brasilartesenciclopedias.com.br/nacional/usai_heitor.htm)>.



Figura 126- Túmulo de Francisa Brandão (S.d.).

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 127- Escultura no túmulo de Francisa Brandão.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Possivelmente, o túmulo de Francisa Brandão segue o parâmetro do Dicionário de Símbolos na Arte (2004, p.99), onde cita que: “uma vez morto, Francisco foi invocado com sucesso para curar um homem ferido, para trazer uma mulher de volta à vida para que se confessasse”, ou mesmo pelo nome de “Francisa” se relacionar ao nome do santo em destaque.

Outros exemplos desta nova arquitetura funerária com linhas retas e simplificadas são os jazigos, conhecidos também como gavetas. Eles estão presentes em todas as partes do Cemitério Nossa Senhora da Piedade, sendo muito comum a presença do mármore e do granito como revestimento externo. Nota-se também que nesta tipologia de túmulo, as famílias mais favorecidas utilizam constantemente a presença das esculturas e cruzes como ornamento, podendo estes ser de mármore ou bronze, procurando dar verticalidade ao túmulo (Imagem 128). Já as famílias menos favorecidas revestem os túmulos com cerâmicas ou deixam apenas rebocadas com argamassa de cimento (Imagem 129), contudo buscando pelo revestimento conferir hierarquia.



Figura 128- Jazigo revestido em mármore com escultura de um anjo.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 129- Jazigos revestidos de cerâmica e de argamassa de cimento.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Como já mencionado anteriormente, podem ser encontrados no cemitério vários túmulos, considerados obras de arte, dos mais diversos estilos, representando as diferentes épocas e os costumes da sociedade local trazida, em alguns exemplares, inclusive exterior. Como também o túmulo de pessoas ilustres para a população alagoana, a exemplo do túmulo do Governador Muniz Falcão (Imagem 130), que possui o desenho do mapa de Alagoas em granito, sendo este o túmulo mais visitado do Cemitério da Piedade, não pelo seu valor artístico, mas pela importância da pessoa ali sepultada na história deste Estado; e o túmulo de Linda Mascarenhas (Imagem 131), construído em fevereiro de 2013 para abrigar seus restos mortais.



Figura 130- Túmulo do Governador Muniz Falcão.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 131- Túmulo de Linda Mascarenhas.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Situado ao lado do túmulo de Antônia Porcina de Moraes Jambeiro<sup>51</sup> (Imagem 132), o túmulo da atriz Linda Mascarenhas foi projetado, em 2001, pelo escritório Traço Planejamento e Arquitetura, tendo como responsável o arquiteto Mário Aluísio e construído no terreno da família do Senador Fernando Collor de Melo, visto que o mesmo era muito amigo da atriz. O túmulo foi construído pela empresa M. A. Pires, que teve a licença para execução através de licitação, apresentando um orçamento no valor de R\$ 33.745,08. Segundo o arquiteto Mario Aluísio<sup>52</sup>, através de pesquisas, descobriu-se a paixão da atriz por pedras, sendo a pedra o "norte" para o projeto do túmulo, estando presente desde o primeiro croqui. Sentindo um vazio em sua forma apenas com a presença da pedra sobre o túmulo, o arquiteto idealizou um pórtico em arco pleno significando uma ligação com a eternidade bem como o teatro com sua boca de cena e sua plataforma plana. Ainda segundo o arquiteto o projeto possui uma simplicidade assim como a atriz homenageada.



Figura 132- Túmulo de Antônia Porcina de Moraes Jambeiro (1894).

Fonte: Regina Barbosa (2012).

Outras empresas e escultores possuem seus registros no Cemitério Nossa Senhora da Piedade, como a Marmoraria Bergamo, em São Paulo e o escultor alemão Louis Wethli Zürich.

<sup>51</sup> Assinado pela Oficina de C. J. Salles & Filhos, localizado em Lisboa.

<sup>52</sup> Informações obtidas através de entrevista informal com o arquiteto, realizada com a ajuda de um gravador, no escritório da Traço Planejamento e Arquitetura, em 10 de julho de 2013.

### 3.3 O ABANDONO DOS TÚMULOS E A PERDA DE IDENTIDADE

Ao visitar o Cemitério da Piedade é comum encontrar diversos túmulos abandonados (Imagem 133), com gradis quebrados e enferrujados (Imagem 134), sendo tomados pelo lodo e pelo mofo, totalmente deteriorados, esquecendo as famílias que, naquele espaço, está sepultado um ente querido e que sua memória deve ser perpetuada.



Figura 133- Túmulo abandonado.

Fonte: Regina Barbosa (2013).



Figura 134- Túmulo enferrujado.

Fonte: Regina Barbosa (2013).

Vale ressaltar que em alguns túmulos são colados adesivos da SMCCU, solicitando que a famílias compareçam à Administração para resolver assuntos do interesse das mesmas, ou seja, segundo os administradores dos cemitérios, são colocados estes avisos nos túmulos em que as famílias já estão alguns anos sem pagar a anuidade, ou nos que necessitam urgentemente de uma intervenção.

Grande parte das razões deste abandono deve-se ao fato dos novos conceitos de cemitérios, a exemplo dos cemitérios jardins, dos cemitérios verticais e dos crematórios, fazendo com que parte das pessoas repensassem a morte. Esta nova cultura representa o “último estágio da história da morte no Ocidente, aqueles em que [encontra-se] atualmente: o da morte-tabu” (CYMBALISTA, 2002, p.82-83), fazendo com que algumas famílias retirem os restos mortais de seus entes dos cemitérios tradicionais e transfiram para estes novos cemitérios.

Sem a preservação destes antigos cemitérios, a tendência é que se deteriorem cada vez mais, principalmente por este abandono das famílias e também por ser, segundo Cuéllar (1997), muito comum a presença de “ladrões de túmulos” em construções com grandes concentrações de objetos de valor cultural a exemplo dos cemitérios, tendo maior

probabilidade de serem vítimas do crime organizado. Como já foi citado anteriormente, estes ladrões retiram principalmente peças em bronze, estátuas e vasos para revender, tornando este comércio ilegal uma grande ameaça à informação. “Há atos deliberados contra o patrimônio cultural, realizados precisamente porque os objetos culturais tornaram-se depositários da identidade cultural e da memória coletiva” (CUÉLLAR, 1997, p. 269) sendo sua perda de grande impacto no estudo da humanidade.

Os funcionários do Cemitério Nossa Senhora da Piedade, a partir de conversas no local, afirmaram que no Dia de Finados de 2009, durante o período noturno, inúmeros ornamentos, principalmente em bronze, foram roubados do cemitério, reforçando ainda mais a colocação de Cuéllar (1997, p.242) quando diz que “os monumentos não-tombados, estes são deixados ao abandono e à deterioração”, sem nenhuma proteção municipal, estadual nem tão pouco em nível nacional.

O Cemitério da Piedade possui diversos atributos para que seja considerado um patrimônio. A igreja de estilo Eclético com seus arcos ogivais e suas colunas com capitéis de ordem compósita<sup>53</sup>, bem como suas três rosáceas com vidro, a presença do triglifo e sua platibanda toda ornamentada marcam a entrada da capela de, aproximadamente, de 153 anos, composta internamente por três altares de madeira, possivelmente do mesmo ano, destinados ao Sagrado Coração de Jesus, a Nossa Senhora da Piedade e a Santa Terezinha, e uma imagem da Virgem Maria ao lado do altar destinado à Santa Terezinha, como também a presença de um lustre no centro da capela (Imagem 135).



Figura 135- Lustre presente na capela.

Fonte: Regina Barbosa (2012).



Figura 136- Poste.

Fonte: Regina Barbosa (2012).

<sup>53</sup> O capitel da ordem compósita, segundo Rodrigues [1977?] é aquele em que estão presentes volutas laterais dos capitéis da coluna jônica, e as folhas de acanto da ordem coríntia.

O cemitério conta atualmente com 50 pinhas brancas situados nos pilares que sustentam a grade de ferro da fachada do cemitério, voltada para a Av. Siqueira Campos; 27 vasos portugueses, sendo 23 locados no guarda corpo que vai desde a entrada do cemitério até a capela, estando dois destes pintados de branco e deteriorados e os outros ainda na cor original (azul e branco), e os outros 4 vasos estão locados na platibanda da capela, também pintados de branco, todos vindo do Porto, cidade de Portugal. Desses 27 vasos, 19 possuem um relevo com um leão, um brasão e uma imagem; um com o relevo de uma caveira com duas foices e duas tíbias, um brasão e uma pomba; e outros sete com apenas duas alças nas laterais. Estão também presentes por todas as ruas do cemitério inúmeros postes da Nova Fundação Guanaraba, do Rio de Janeiro (Imagem 136), sendo de diversos modelos, alguns estão quebrados e enferrujados, sendo poucos os que ainda funcionam para iluminação do cemitério.

O complexo cemiterial Nossa Senhora da Piedade possui inúmeros atributos para vir a ser reconhecido como patrimônio histórico e artístico, podendo se enquadrar nos quatro livros de registros mantidos nas instituições de caráter preservacionista como o Conselho Estadual e Municipal de Cultura de Maceió, que a exemplo da categorização vigente no IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) subdivide-se em livros arqueológico, etnográfico e paisagístico; histórico; das belas-artes e o das artes aplicadas. Todo o complexo se afirma tanto pela história do local e sua importância para a sociedade; tanto pela arte funerária aplicada principalmente nos mausoléus das famílias abastadas; como também pelos ornamentos presentes em todo o cemitério, a exemplo dos vasos, das pinhas, dos postes e outros. Esta necrópole oferece também um amplo mostruário dos diversos tipos de sepultamentos e sepulturas realizados em Maceió, que foram sendo modificados durante os anos de acordo com a evolução industrial, com os gostos artísticos, com os costumes e com a religiosidade da família dos mortos.

Sua importância quanto patrimônio é confirmada não só para a cidade de Maceió por seu valor histórico, artístico, cultural, político, genealógico e religioso, mas também para todos pesquisadores do tema, já que exceto nas grandes capitais este estudo ainda se encontra escasso, não sabendo parte da população o quanto é importante a conservação dos espaços cemiterais na história e cultura de um povo, pelo que podem revelar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter percorrido todo este estudo a partir das pesquisas teóricas realizadas, e as visitas em campo sobre a arte funerária, assim como a história dos sepultamentos desde a Pré-História aos dias atuais e todo o seu ritual fúnebre, percebeu-se o quanto é importante esta demanda de conhecimentos não só para os arquitetos e urbanistas, mas para toda a população, já que este tema está ligado à evolução das cidades e sociedades, de modo particular, da cidade de Maceió.

Atualmente, quando a partir de determinados conhecimentos e inovações científicas já se tem outra visão e experiência com a construção de cemitérios em áreas mais afastadas nas cidades tem-se percebido que os cemitérios centrais, típicos da tipologia que congrega túmulos adornados artisticamente com esculturas, relevos e formas evocatórias da eternidade vêm sendo esquecidos pela população. Em Alagoas de modo particular na capital do estado, principalmente, com o surgimento dos cemitérios jardins, esta prática também vem se afirmando e contribuindo para a desatenção da conservação, tanto pela população que sepulta seus entes, quanto pela gestão administrativa municipal.

As considerações que ora se apresentam não visam desmerecer os novos conceitos de afastamento geográfico dos centros urbanos e dos novos sistemas de sepultamentos em atuais tipologias cemiteriais, já que é comprovado que para saúde humana são até mais viáveis, mas, buscam construir um discurso que ressalte a importância da população local não esquecer os antigos túmulos que na época dos seus antepassados eram motivo de *status* e poder, expressando nos túmulos seus gostos e necessidades, projetando-os até antes mesmo de sua morte.

Sabe-se que a arte como um todo, em qualquer espaço empregado desde residências aos espaços específicos para a sua exibição, como salões, museus, pedestais em praças públicas, etc., requer contemplação para apreciação do seu conteúdo e mensagem emanante, embora sempre se adequando à capacidade de percepção de cada geração. Na arte funerária não foi diferente. Ao longo da existência do homem e das sociedades, ela também passou por transformações com a evolução dos materiais e da indústria, modificando os modelos e os ornamentos, não ficando a arte tumular desmerecida só por este tema, mesmo ainda sendo um tabu por maior parte da população. Foi sempre uma arte que também foi alvo de hierarquização entre as classes sociais, onde os mais abastados se empenhavam em mandar confeccionar verdadeiras 'obras de artes' em seus mausoléus e, como em qualquer âmbito da arte, os menos favorecidos, procuravam à sua

maneira e dentro de suas condições financeiras, também passar seus sentimentos e religiosidade para os túmulos.

Entende-se a partir do estudo realizado que a arte funerária, rica nos detalhes e nas simbologias alusivas à permanência, à eternalização das lembranças e dos sentimentos demonstrados, tem que ser conservada. Na cidade de Maceió, diante do descaso de conservação observado em vários dos cemitérios existentes, percebeu-se mesmo um paradoxo entre a intenção e a realidade, pois, na medida em que é pensada ser uma arte para toda a eternidade, por se tratar da memória e das lembranças de entes da sociedade, as gestões públicas não os mantêm em nível de conservação satisfatório para promover a preservação da materialização em arte dessas lembranças para a posteridade. Inclusive, percebe-se entre os próprios parentes o esquecimento das 'eternas' lembranças declaradas nas placas, dos inúmeros adesivos colados nos túmulos dos que estão em débito de pagamento de taxas de manutenção a ser efetivada pela municipalidade, encontrando-se assim muitos dos túmulos entregues ao descaso, ao abandono, sendo parcial ou quase totalmente cobertos por vegetação espontânea e agredidos pela corrosão das infiltrações nas alvenarias e/ou pela oxidação das peças em ferro postas para fixação das lápides, etc.

As necrópoles precisam ser preservadas pelos visitantes, usuários e autoridades, visto que muitas delas podem ser entendidas como patrimônio. Esta arte não pode ser mais uma a ficar apenas nos registros fotográficos, ela deve ser vista pessoalmente, ser tocada e observado os seus detalhes, já que cada parte desses túmulos possui um significado, e não estão ali por acaso. Deve-se preservar a memória das famílias alagoanas, e quem sabe explorar os cemitérios desta capital, tornando-os ainda mais atrativos. Não só transformando o túmulo da "capa preta", que, pelo que representa no imaginário coletivo do maceioense e pela estética formal da sua escultura, sendo este já citado como referência de atração para contemplação turística do Cemitério Nossa Senhora da Piedade, mas todo o seu acervo artístico bem como, o acervo presente nos demais cemitérios, que deveriam vir a ser alvo de estudo e catalogação sobre a história e a arte maceioense.

O cemitério é por si, o lugar da luta pelo não esquecimento e pode ser comparado a um grande monumento ou a um conjunto de monumentos erguidos em memória dos entes que se foram, sendo, portanto, um lugar da rememoração. Na perspectiva do patrimônio cultural, os cemitérios, como elementos que compõe o conjunto da produção humana, podem assim ser apropriados como representantes ou como bens de referência cultural para determinado grupo ou lugar (CASTRO, 2010).

Todas as análises e reflexões decorrentes da pesquisa aqui realizada referendam a nossa indicação para que haja uma maior conservação física do espaço cemiterial Nossa Senhora da Piedade de modo a promovê-lo a um espaço mais visitável e capaz de transmitir

todo o valor patrimonial que lhe é intrínseco e, também referenda a sua indicação para reconhecimento enquanto patrimônio histórico cultural do estado, tornando-o patrimônio, já que pode ser considerado um “museu a céu aberto” com a arte no conjunto formal e ornamental ali presentes, potencializando-o como *locus* de permanência para que diversas gerações possam observá-lo como registro da história, das crenças religiosas, dos gostos artísticos, das ideologias políticas, entre outras diversas informações importantes deixadas pelos maceioenses/alagoanos que nos antecederam.

## REFERÊNCIAS

ALBERTO, João. **As catacumbas da Roma Antiga**, 2007. Disponível em: <<http://www.bloghistoria94.blogspot.com/>>. Acesso em: 28 de maio de 2009.

ALMEIDA, Fátima. Ossário resiste ao tempo em Maceió: Igreja de São Benedito aluga pequenos túmulos a parentes que querem os antepassados “mais perto de Deus”. **Gazeta de Alagoas**. Maceió, 01 março. 2009. Cidade, D3.

ANTÓN, Pedro et al. **História Geral da Arte: Arquitetura I**. Madri: Ediciones del Prado, 1995.

ARAÚJO, T. V.; GALVÃO, O. E. de A. **Compilação das leis provinciais das Alagoas de 1835 a 1870**. Maceió, 1870.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ASSUNÇÃO, Dandara. **Cemitério Nossa Senhora da Soledade Belém – Pa**, 2009. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/brunotetto/sets/72157622473682505/with/4017328372/>>. 2009. Acesso em: 03 de novembro de 2009.

ATLAS do Extraordinário: Construções Fabulosas. Volume II. Madri: Ediciones del Prado, 1995.

AZEVEDO, Thales de. **O Cotidiano e seus ritos: praia, namoro e ciclos da vida**. Recife: Editora Massangana, 2004.p. 75-76.

BARROSO, Aderbal Bastos. **Do outro lado do muro**, 2003. Disponível em: <<http://www.aracaju.com/pagina.php?obj=papo&var=1722&PHPSESS=cc4f0ac048becf9b2c476ffe37c5c381>>. Acesso em: 28 de maio de 2009.

BENEVOLO, L.; ALBRECHT, B. **As origens da arquitetura**. Lisboa: edições 70, 2002.

BORGES, Maria Elizia. **Arte Funerária no Brasil (1890-1930)**: Ofício de Marmoristas Italianos e Ribeirão Preto. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.

BRACONS, José. **Saber ver a arte gótica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992.

CALABRIA, C. P.; MARTINS, R. V. **Arte, História & produção, 2: arte ocidental**. São Paulo: Ed. FTD, 1997.

CAMARGO, A. P. L.; SANTOS, I. P.; KIRSCHBAUM, R. **Uma sepultura grega do século IV A.C.**, 2005. Disponível em: <[http://www.bibvirt.futuro.usp.br/especiais/exposicao\\_virtual\\_do\\_mae/grecia\\_e\\_roma/uma\\_sepultura\\_grega\\_do\\_seculo\\_iv\\_a\\_c](http://www.bibvirt.futuro.usp.br/especiais/exposicao_virtual_do_mae/grecia_e_roma/uma_sepultura_grega_do_seculo_iv_a_c)>. Acesso em: 28 de maio de 2009.

CARR-GOMM, Sarah. **Dicionário de Símbolos na Arte**: guia ilustrado da pintura e da escultura ocidentais. São Paulo: EDUSC, 2004.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui também jaz um patrimônio**: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-2008). Florianópolis, 2008. 195 pág. Programa De Pós-Graduação - Mestrado Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, UFSC.

\_\_\_\_\_. **Cemitérios em destaque**: iniciativas nacionais e internacionais pela preservação do patrimônio funerário. 2010. Disponível em: < <http://elisianacastro.files.wordpress.com/2009/06/artigo-elisiana-abec-2010-patrimonio-funerario-iniciativas-nac-e-int.pdf>>. Acesso em: 01 de julho de 2013.

CAVALCANTI, Carlos. **Como entender a PINTURA MODERNA**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1981.

CHALITA, Pierre et al. **ALAGOAS**: Roteiro Cultural e Turístico. Maceió, 1979.

CHILDE, Gordon. **A evolução cultural do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

COSTA, Ricardo. **A Morte e as Representações do Além na Idade Média**: Inferno e Paraíso na obra Doutrina para crianças (c. 1275) de Ramon Llull, 2009. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/pub/morte.htm>>. Acesso em: 01 de junho de 2009.

COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2007.

CUÉLLAR, Javier Pérez de (Org.). **Nossa diversidade criadora**: Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento. São Paulo: Ed. Papirus, 1997.

CYMBALISTA, Renato. **Cidades dos Vivos**: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

**DICIONÁRIO DO ANTIQUARIATO**. Ed. Codex, 1968.

**Enciclopédia Municípios de Alagoas**. Maceió – Núcleo de Projetos Especiais, 2012, 576 p.:il.

FARGETTE-VISSIÈRE, Séverine. **Os animados cemitérios medievais**, 2009. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/os\\_animados\\_cemiterios\\_medevais\\_im\\_primir.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/os_animados_cemiterios_medevais_im_primir.html)>. Acesso em: 06 de agosto de 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FONSECA, Benedito. **Igreja de Nossa Senhora do Ó – Hoje – 2003**. Ipióca, 2003. (Texto datilografado).

FREIRE, Sílvia. **Menino “milagreiro” atrai fiéis em Alagoas**, 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u66424.shtml>>. Acesso em: 02 de setembro de 2009.

GALVÃO, Felipa. **A Pintura Egípcia**, 2011. Disponível em: <[http://esmfhistoria.blogspot.com.br/2011/12/arte-egipcia-pintura\\_12.html](http://esmfhistoria.blogspot.com.br/2011/12/arte-egipcia-pintura_12.html)>. Acesso em: 02 de março de 2013.

GUIMARÃES, Luiz Antônio de Araújo. **“Padroeira de nossa cidade...”**: A devoção a Nossa Senhora dos Prazeres como padroeira da cidade de Maceió data de séculos, desde o tempo em que Maceió era um pequeno povoado, no século XIX, 2011. Disponível em: <<http://www.arquidiocesedemaceio.org.br/artigos/7/padroeira-de-nossa-cidade>>. Acesso em: 04 de março de 2013.

IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 2009. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginalnicial.do>>. Acesso em: 18 de outubro de 2009.

LIMA JÚNIOR, Félix. **Cemitérios de Maceió**. Maceió, [198-].

LIMA, Kátia. **O testemunho das Fontes Franciscanas sobre os estigmas de São Francisco de Assis**: Dos “Fioretti” – Terceira consideração dos Sacrossantos Estigmas, 2009. Disponível em: <<http://www.cantodapaz.com.br/blog/2009/09/19/testemunho-fontes-franciscanas/>>. Acesso em: 28 de outubro de 2009.

LOIOLA, Maria Lemke. **O Espaço do Morto**: as representações da morte a partir dos sepultamentos em Goiás – 1859-1935, [S.d.]. Disponível em: <<http://www.sincep.com.br/?key=dd45045f8c68db9f54e70c67048d32e8>>. Acesso em: 28 de outubro de 2012.

LOPES, Paulo. **As Carpideiras – Senhoras da Vida e da Morte**, 2007. Disponível em: <<http://almocreve.blogs.sapo.pt/13129.html>>. Acesso em: 04 de março de 2013.

MACDONALD, Fiona. **Como seria sua vida na Grécia Antiga?** São Paulo: Ed. Scipione, 1996.

MAIA, Maria Cristina. **Arquitetura da cidade**, 2008. Disponível em: <<http://arquitetandosonhos.blogspot.com/2007/05/arquitetura-da-cidade-dos-mortos.html>>. Acesso em: 03 de novembro de 2009.

MATOS, Alderi Souza de. **O Cemitérios dos Protestantes de São Paulo**, s/d. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/10221.html>>. Acessado em 27 de junho de 2013.

MEDEIROS, Rogério Torres. **A morte através dos tempos**, 2007. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/5713/1/a-morte-atraves-dos-tempos/pagina1.html>>. Acesso em: 12 de agosto de 2009.

MOTTA, Antônio. **À flor da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitério brasileiros**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2008.

MUNDIM, Luis Gustavo Molinari. **As necrópoles como patrimônio cultural: Reflexões sobre o inventário do Cemitério do Bonfim em Belo Horizonte**. São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300879538\\_ARQUIVO\\_TextoAnpuh\\_Luis\\_Molinari.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300879538_ARQUIVO_TextoAnpuh_Luis_Molinari.pdf)>. Acesso em: 11 de julho de 2013.

PAIXÃO, Tales Aciole. **Plano de inserção de um crematório na cidade de Maceió -AL**. Maceió, 2005. 61 pág. Monografia (Arquitetura e Urbanismo). FACET, CESMAC, FEJAL.

PIMENTEL, Jair Barbosa. **Maceió, A Capital**, 1991. Disponível em: <<http://www.bairrosdemaceio.net/site/index.php?Canal=Removiveis&Id=8>>. Acesso em: 20 de agosto de 2009.

QUINTINO, João. **A “boa morte” e a morte civil em São João do Sabugi**, 2007. Disponível em: <[http://sabugibyjq.zip.net/arch2007-10-28\\_2007-11-03.html](http://sabugibyjq.zip.net/arch2007-10-28_2007-11-03.html)>. Acesso em: 12 de agosto de 2009.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Metrópole da morte, necrópole da vida: um estudo geográfico do cemitério de Vila Formosa**. 2ª ed. São Paulo: Carthago Editorial, 2000.

\_\_\_\_\_. **O céu aberto na terra: uma leitura dos cemitérios de São Paulo na geografia urbana**. São Paulo: Ed. Necrópolis, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cemitérios**. São Paulo: Ed. Necrópolis, 2007.

RODRIGUES, Edmundo. **Manual Ilustrado de Estilos Artísticos**. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint, [1977?].

SANTIAGO, Emerson. **Anúbis**, 2013. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/mitologia/anubis/>>. Acesso em: 02 de março de 2013.

SANTOS, André Luiz dos. **O Engenheiro do Faraó: Conheça o egípcio ImHotep, o primeiro engenheiro do História e seu legado**, [S.d.]. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/Acropolis/6968/imhotep.html>>. Acesso em: 20 de julho de 2009.

SORIANO, Bruno. **Vereadores cobram mais cemitérios em Maceió**, 2009. Disponível em: <<http://www.coisasdemaceio.com.br/modules/news/article.php?storyid=12298>>. Acesso em: 06 de setembro de 2009.

SOUZA, Elayne dos Santos. **Cemitério vertical e forno crematório: soluções para a superlotação e contaminação dos campos santos públicos de Maceió**. Maceió, 2007. 83 pág. Monografia (Arquitetura e Urbanismo). FACET, CESMAC, FEJAL.

SOUZA, Maria Adeciany; ALMEIDA, Vanessa. **Maceió: o Centro e suas permanências**. Maceió, 2000. 56 pág. Monografia (Especialização em Planejamento e Tecnologia das Construções). FACET, CEMAC, FEJAL.

TOMÁS, Ana Paula; SANTOS, Mônica Cristina. **Nossa Senhora do Ó: ante-projeto de restauro**. Maceió: FAU-UFAL, 2006. (Trabalho disciplina Prática do Restauro. Graduação em Arquitetura e Urbanismo).

TRIADÓ, Juan-Ramón. **Saber ver a arte barroca**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1991.

VALENTE, Aminadab. **A Mudança do Cofre: Acontecimentos Históricos - Ano de 1839**. Maceió, 1952.

VITALI, Conrado. **Antes de deixarem Roma, estudantes do Projeção foram ao Pantheon**, [S.d.]. Disponível em: <<http://www.faculdadeprojecao.edu.br/br/noticia/NoticialIntegra.aspx?idn=1054>>. Acesso em: 11 de novembro de 2012.

**APÊNDICE**

**Fotos dos túmulos presentes na figura 115 não visualizados.**

**Foto 01: Túmulo da Família de Fernando de Agostinho Pereira Leite (1888) – Cemitério Nossa Senhora da Piedade.**



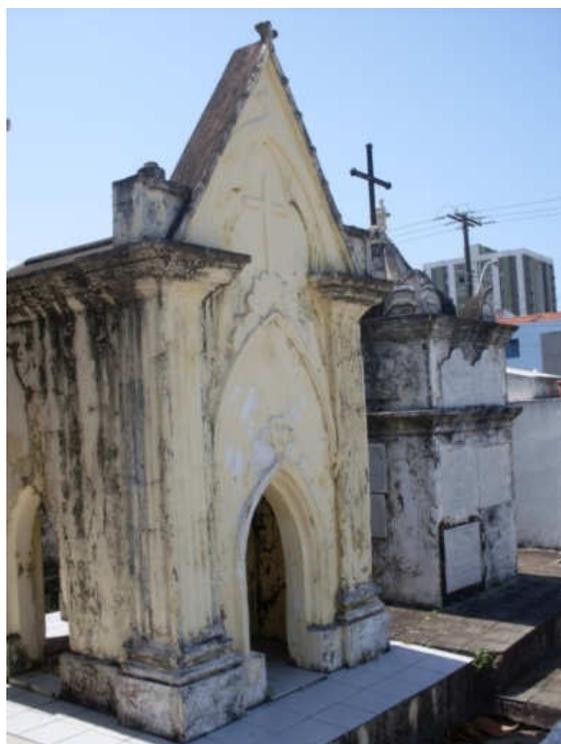
Fonte: Regina Barbosa (2012).

**Foto 02: Túmulo da Família Gatto (1905) – Cemitério Nossa Senhora da Piedade.**



Fonte: Regina Barbosa (2012)

**Foto 03: Túmulo da Família Lavenère Wanderley (1906) – Cemitério Nossa Senhora da Piedade.**



Fonte: Regina Barbosa (2012).

**Foto 04: Túmulo da Família de Antônio Teixeira D'Aguiar (1879) – Cemitério Nossa Senhora da Piedade.**



Fonte: Regina Barbosa (2012).

**Foto 05: Túmulo da Família de Joaquim Antônio de Almeida (1906) – Cemitério Nossa Senhora da Piedade.**



Fonte: Regina Barbosa (2012).

**Foto 06: Túmulo da Família Wanderley (1877) – Cemitério Nossa Senhora da Piedade.**



Fonte: Regina Barbosa (2012).

**Foto 07: Túmulo da Família de Manoel Brandão (1936) – Cemitério Nossa Senhora da Piedade.**



Fonte: Regina Barbosa (2012).

**Foto 08: Túmulo da Família do Barão de Atalaia (1925) – Cemitério Nossa Senhora da Piedade.**



Fonte: Regina Barbosa (2012).